



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

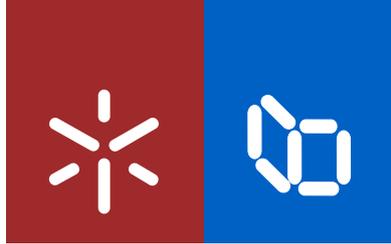
Guan Zhongxiu

A Situação Actual dos Estudos Chineses em Portugal

Guan Zhongxiu
**A Situação Actual dos Estudos Chineses
em Portugal**

UMinho | 2014

abril de 2014



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Guan Zhongxiu

A Situação Actual dos Estudos Chineses em Portugal

Relatório de Estágio
Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:
Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Sun Lam
e do
Mestre Luís Cabral

Nome: Guan Zhongxiu

E-mail: 642831060@qq.com

Número de passaporte: G50033324

Título de Relatório

A Situação Actual dos Estudos Chineses em Portugal

Orientadores

Professora Doutora Sun Lam

Mestre Luís Cabral

Relatório de Estágio de Mestrado em Estudos interculturais

Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA RELATÓRIO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer a diversas pessoas que me ajudaram na realização deste relatório.

Um profundo agradecimento à querida professora Doutora Sun Lam, que me orientou ao longo deste relatório. Também por ter tomado conta da minha vida quotidiana ao longo destes anos.

Um agradecimento profundo ao querido professor Luís Cabral, por toda a paciência e apoio incansável que me dedicou ao longo destes anos, tanto no estudo como na vida.

Ao Excelentíssimo Senhor embaixador João de Deus Ramos, que me forneceu muita informação para o meu trabalho, com muita paciência e simpatia.

Aos docentes do Curso de Mestrado em Estudos Interculturais Português / Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, pela dedicação e pela paciência.

Aos institutos e professores, Rui Lourido (Observatório da China), Josélia Neves (Universidade de Aveiro e ao Instituto Politécnico da Leiria, que me ajudaram a completar informações para o meu trabalho.

Ao Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, pela oportunidade de formação académica no Programa de Mestrado.

Ao Instituto Confúcio e à equipa: Rui da Silva, Andreia Portelinha, Bruna Peixoto, e Yu Yibing, que me ajudaram a completar este trabalho.

Aos meus amigos Yuan Shuhan, Xiao Yuerong, Wang Yang, Wang Xihao, An Qi, Chen Minqian, Li Bihui, Gong Yilin, Wei Yaoyao, Zhai Yujia, Luo Kang, Yu Yibing, Liu Weichi, Wang Xiao, Wang Jushang, Xu Jing, Sun Liangchen. Também a todas as colegas da nossa turma de mestrado e às colegas da tuna Feminina da Universidade do Minho (Gatuna), pelo seu carinho e sinceridade e pelo acompanhamento, tanto no estudo como na vida.

À minha família, pelo seu amor, carinho e acompanhamento.

Resumo

Com o desenvolvimento económico da China, cada vez mais pessoas começam a aprender a língua e cultura chinesas em todo o mundo. O mesmo acontece em Portugal. Os Estudos Chineses possuem uma herança histórica profunda e têm apresentado uma evolução estável até aos dias de hoje. Este trabalho tenta incidir sobre os Estudos Chineses em Portugal, tanto numa perspetiva histórica a partir do século XVI, como na atualidade. Tenta ainda apresentar a Universidade do Minho como um exemplo de sucesso nesta área científica. Este meu ensaio visa dar uma visão geral da situação dos Estudos Chineses em Portugal, de modo a ajudar as pessoas a conhecer o que existe nesta área.

Abstract

With the economic development of China, more and more people are starting to learn Chinese language and culture worldwide. Portugal is no exception. Chinese Studies have a deep historical heritage in this country, and has been developing steadily up until today. This research aims to provide an introduction of Chinese Studies' history and current situation in Portugal. Furthermore, it presents University of Minho as a case of success in this field. This report tries to provide an overview of the situation of Chinese Studies in Portugal, aiming at helping people to further their knowledge about what has been made in this field of study in this country.

摘要

随着中国经济的发展，越来越多的人开始学习中文了解中国的文化。葡萄牙也不例外。葡萄牙的汉学研究有着深厚的历史积淀，现如今更是不断稳步发展。本文尝试对葡萄牙汉学研究的历史沿革以及现状进行介绍，并以葡萄牙米尼奥大学为成功范例详细描述。希望能够帮助读者对葡萄牙汉学研究发展的概况有一个初步的了解。

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I Apanhado sobre o conceito de “sinologia” e apontamentos sobre a história dos Estudos Chineses em Portugal(séculos XV a XIX)	7
1.1. Considerações sobre o conceito de “sinologia”	8
1.1.1. “Sinologia” e “Estudos Chineses”	10
1.1.2. Breve história do desenvolvimento global da sinologia	11
1.2. Resumo da história dos contactos com a China e os Estudos Chineses em Portugal (séculos XV a XIX)	14
1.2.1. Primeiros contactos diplomáticos e comerciais directos de europeus com a China (do século XV até 1516)	14
1.2.2. Primeiro emissário português, Tomé Pires, e a sua “Suma Oriental”, marcando o conhecimento português sobre a China antes da fundação de Macau	17
1.2.3. Fundação de Macau e a sua relevância para os Estudos Chineses de então	21
1.2.4. Portugal e a Proto Sinologia (finais do século XVI até meados do século XVII)	29
1.2.5 “Sinologia” em Portugal dos séculos XVII a XIX	33
CAPÍTULO II Estudos Chineses em Portugal: história recente e actualidade	35
2.1. Estudos Chineses após 1974	36
2.2. Panorâmica actual dos Estudos Chineses em Portugal	43
2.2.1. Instituto Politécnico de Leiria (IPL)	46
2.2.2. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa	47
2.2.3. Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa	48
2.2.4. Universidade de Aveiro	50
2.2.5. Universidade de Coimbra	52
2.2.6. Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM)	53
2.2.7. Fundação Oriente	58
2.2.8. Observatório da China	60

2.2.9. Outras universidades	61
CAPÍTULO III Estudos Chineses na Universidade do Minho	62
3.1. Breve contextualização histórica.....	63
3.2. Licenciatura em Línguas e Culturas Orientais	69
3.3. Mestrado na Universidade do Minho em Estudos Interculturais Português/Chinês.....	72
3.4. Doutoramento(s).....	77
3.5. Instituto Confúcio.....	78
3.6. Estudos Chineses na Universidade do Minho: conclusões.....	85
Conclusão	90
Fontes.....	94
Bibliografia.....	95
Weblinks.....	96
Anexos	99
Anexo I Mapa da China.....	100
Anexo II Plano de Estudos da Licenciatura em Línguas e Culturas Orientais.	101
Anexo III Plano de Estudos do Mestrado na Universidade do Minho em Estudos Interculturais Português/Chinês.....	110
Anexo IV CVs dos professores dos Estudos Chineses da Universidade do Minho	121
Anexo V Breve entrevista com a Professora Sun Lam	127

Índice de Ilustrações e Tabelas Estatísticas

1 Matteo Ricci.....	13
2 Modelo de Junco Oriental (no museu do CCCM).....	15
3 Estátua de Jorge Álvares em Macau.....	17
4 Afonso de Albuquerque.....	17
5 Imperador Zhengde.....	19
6 Rei D. Manuel.....	19
7 São João (上川島 shàngchuān dǎo).....	22
8 Lampacau (浪白澳 làngbái ào).....	22
9 Mapa do mundo e três rotas.....	26
10 Colégio de São Paulo e Igreja da Madre de Deus.....	29
11 Padre Manuel Teixeira.....	37
12 Padre Videira Pires.....	38
13 Revista de Cultura.....	38
14 Padre Joaquim Guerra.....	40
15 Ana Maria Amaro.....	41
16 Beatriz Basto da Silva.....	42
17 Graciete Batalha.....	43
18 Moisés Silva Fernandes (费茂实 fèi màoshí).....	50
19. Professora Wang Suoying (王锁瑛 wáng suǒyīng).....	56
20 Museu da CCCM.....	57
21 Dentro do Museu.....	57
22 Exterior da Biblioteca do CCCM.....	58
23 Exterior do Museu do Oriente.....	59
24 Centro de Documentação António Alçada Baptista.....	60
25 Cartaz do Curso Livre Língua e Cultura Chinesas 1991-1992.....	63
26 Cartaz do Curso Bienal de Sinologia.....	64
27 Cartaz de“O Despertar do Dragão” (醒龙 xǐnglóng).....	64
28 Summer School in Chinese Studies (setembro, 2005).....	65
29 Seminário “China Política e Economia Contemporâneas”, proferido pelo Professor Doutor Timothy Wright, Universidade de Sheffield.....	79
30 Seminário “Mercado e Cultura Empresarial”, proferido pelo Mestre Pedro Vieira.....	80
31 Colégio Luso-Internacional do Porto.....	81
32 Colégio Luso-Internacional do Porto.....	81
33 Demonstração de Dança Chinesa numa escola primária.....	81
34 Professoras do “Projecto Chinês nas Escolas” durante uma Actividade Cultural.....	82
35 Turma do curso livre.....	84
36 Turma do curso livre.....	84
37 Concurso de Chinês “Chinese Bridge”.....	84
38 Jantar do curso do ano novo chinês em 2014.....	84

INTRODUÇÃO

Iniciei a minha vida como estudante da Língua Portuguesa na Universidade de Estudos Internacionais de Xi'An, na China, minha terra natal. Sendo o conteúdo principal do meu estudo a língua de um país que pouco conhecia, decidi não perder uma oportunidade de mobilidade de estudantes com a Universidade do Minho, para o ano lectivo 2011/12.

Assim que cheguei a Braga, uma cidade no norte de Portugal, capital da região do Minho, constatei com agrado que, para além de ser muito calma e bonita, a cidade me encantou com a sua rica tradição, não só do ponto da vista da cultura portuguesa, mas também académica. Mergulhei na vida de uma aluna estrangeira, e, muito curiosamente, tive a oportunidade de estudar, em Portugal e em língua portuguesa, disciplinas como “Cultura Popular da China” e “Poesia Clássica Chinesa”, em conjunto com alunos portugueses. Foi algo que nunca teria imaginado. Fiquei assim muito enriquecida na minha sensibilidade intercultural e interlinguística.

O Curso de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial da Universidade do Minho abriu o nosso horizonte sobre o que poderia ser uma área de estudo de uma língua estrangeira. No meu caso, mais vocacionada para as artes auditivas e visuais, participei em muitas iniciativas do Instituto Confúcio da Universidade do Minho. Estas oportunidades e experiências permitiram-me descobrir um mundo que não conhecia: Portugal é um país com muita tradição de procura e descoberta de gentes e culturas diferentes, manifestando por isto uma grande curiosidade e apetência. Na área do saber do que tem por hábito designar-se “Sinologia”, ou seja, o estudo científico, ou pelo menos académico, das língua e cultura chinesas, tem sido, desde há séculos, alvo de estudo de muitos estudiosos e aventureiros portugueses. Constatei isto na Biblioteca de Línguas e Culturas Orientais (BLCO) da Universidade do Minho. Também, todas as actividades do Instituto Confúcio desta Universidade, frequentados por alunos portugueses de diferentes idades, bem como o fenómeno de haver cada vez mais

instituições neste país que ensinam chinês, me levaram a acreditar que seria interessante fazer um levantamento sobre o passado e a atualidade dos Estudos Chineses em Portugal.

Com este horizonte em vista, propus-me realizar um estágio no Instituto Confúcio da Universidade do Minho, não apenas acompanhando e colaborando com as suas actividades culturais, como, aqui e ali, desenvolvendo tarefas na BLCO, a fim de melhor me localizar no(s) assunto(s) que me propunha abordar e sobre eles ter acesso a alguma informação.

Como me referiu em conversa informal a Professora Sun Lam, profunda conhecedora de duas línguas e culturas, a chinesa e a portuguesa (e não só): *quando um aluno de origem chinesa usa português para analisar a sua própria língua e cultura, já se encontra num estudo interlíngua e intercultural*. Agora, pegar num tema como “Estudos Chineses em Portugal” e escrever um relatório em português, foi um duplo desafio, numa constante tentativa de compreender como a China é vista e estudada pelos portugueses.

O meu trabalho será desenvolvido em três áreas distintas, a saber:

No Capítulo I, tentarei fazer um apanhado sobre o conceito de “sinologia” e apontamentos sobre a história dos Estudos Chineses em Portugal, dos séculos XV a XIX. No Capítulo II, tentarei abordar os Estudos Chineses em Portugal na sua história recente e actualidade. No Capítulo III, abordarei a situação dos Estudos Chineses na Universidade do Minho.

Em Março do ano passado, juntamente com a minha orientadora, Doutora Professora Sun Lam, decidimos que este relatório teria como objetivo averiguar a situação actual dos Estudos Chineses em Portugal. Na altura, a professora

apresentou uma panorâmica geral da situação atual dos Estudos Chineses em Portugal. Decidimos ainda a estrutura geral do relatório: a primeira parte consistiria numa breve apresentação histórica dos Estudos Chineses em Portugal; a segunda parte, por sua vez, teria como objetivo apresentar uma investigação geral sobre a situação actual, as principais universidades e institutos a desenvolver investigação nesta área, bem como os sinólogos portugueses mais relevantes, entre outros aspetos.

Comecei então a preparar o conteúdo da primeira parte. Deparei-me inicialmente com bastantes dificuldades, pois este é um tema sobre o qual não tinha bastante conhecimento, pelo que o principal problema era: por onde começar? Contudo, pouco a pouco, encontrei o meu rumo à medida que descobria, na internet, informação que poderia ser útil. Além disso, consultei ainda vários livros relacionados com a história das relações sino-portuguesas, em português e chinês, disponíveis na Biblioteca de Línguas e Culturas Orientais da Universidade do Minho. Recordo um livro intitulado *Os Estudos Chineses na Europa*¹, também disponível na dita Biblioteca, que pensei que poderia ser útil consultar. No entanto, apesar de tratar de quase todos os países europeus, não apresentava qualquer tipo de informação relativamente aos Estudos Chineses em Portugal.

Comecei por recolher informação de carácter histórico, aprofundando o meu conhecimento relativamente à importância de Portugal nos Estudos Chineses. Como será mencionado posteriormente neste relatório, Portugal foi pioneiro na Sinologia Europeia, durante os primeiros contactos entre a Europa e a China. Os portugueses assentaram em Macau no ano de 1557, tornando-se este território na base dos Estudos Chineses da altura, embora este conceito ainda não existisse neste período inicial. Nos dias de hoje, em Portugal, existem ainda muitos dados de grande valor que ainda não foram alvo de estudo e investigação.

¹ HUANG, Chang 黄长 (2004), 欧洲中国学 (*ōuzhōu zhōngguó xué*), *China Studies in Europe*, 社会科学文献出版社(*shèhuì kēxué wénxiàn chūbǎnshè*), Social Sciences Academic Press, China.

Na segunda parte, originalmente, pretendia introduzir a situação atual do ensino de chinês em Portugal, mas, mais tarde, decidi ainda acrescentar a esta parte alguma informação relativamente à divulgação cultural no âmbito dos Estudos Chineses. Esta é a parte principal do relatório, pois dá-nos uma visão geral dos Estudos Chineses em Portugal após 1979 (ano do estabelecimento de relações diplomáticas entre a China e Portugal). Neste capítulo, recolhi informação sobre as Universidades e Institutos através dos *sites* oficiais na internet. Durante este processo encontrei bastantes dificuldades. Como por exemplo, a escassez de informação disponível na internet, e a superficialidade com que certos temas são abordados, como a situação atual dos Estudos Chineses em Portugal durante século XX. Felizmente, com a ajuda dos meus orientadores, professora Sun Lam e o professor Luís Cabral, no dia 15 de Novembro de 2013 tive a oportunidade de me encontrar com o Sr. Embaixador João de Deus Ramos, na Fundação Oriente, em Lisboa, e discutir o tema da minha pesquisa. Com muita paciência, o Senhor Embaixador fez uma apresentação geral do desenvolvimento histórico dos Estudos Chineses em Portugal, desde o século XVI até aos dias de hoje, inspirando-me profundamente. Comentou o meu trabalho, apontando problemas e aconselhando-me sobre os passos a seguir, pelo que lhe agradeço imensamente. No dia 16 do mesmo mês, visitei, juntamente com a Professora Sun Lam, o Museu do Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM), em Lisboa. Fomos, ainda, à biblioteca do CCCM, onde os responsáveis nos falaram sobre a biblioteca e o próprio CCCM. Durante os meses seguintes, tentei completar e melhorar o conteúdo que tinha escrito na segunda parte. Em fevereiro deste ano, com a ajuda do professor Luís Cabral, enviei, através de e-mail, toda a informação para as Instituições e Universidades, na esperança que me pudessem ajudar confirmando a informação que tinha recolhido. Depois de ter recebido algumas respostas, fiz várias alterações no conteúdo deste capítulo.

Depois de alguma pesquisa sobre o historial das relações entre Portugal e a China, e

de acordo com informações disponíveis, designadamente de viva voz, a isto acrescento a minha própria vivência na Universidade do Minho, tendo chegado à conclusão de que o ensino das línguas e culturas chinesas na Universidade do Minho, tanto curricular em sede do Departamento de Estudos Asiáticos do Instituto de Letras e Ciências Humanas, como o ensino para um público mais alargado em sede do Instituto Confúcio da Universidade do Minho, é o mais aprofundado, consolidado e sistemático no país.

No Capítulo III, a última parte deste relatório, trata-se da situação dos Estudos Chineses na Universidade do Minho. A Universidade do Minho foi uma das primeiras universidades a criar cursos de chinês em Portugal e continua a desenvolver-se, com sucesso, até aos dias de hoje. Neste capítulo, tentarei apresentá-la como um exemplo de sucesso. Gostaria, então, de agradecer especialmente à professora Sun Lam, ao professor Luís Cabral e aos professores do Instituto Confúcio e do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, que me forneceram com informação valiosa para completar o conteúdo deste capítulo.

Entretanto, já passou um ano desde a entrega do plano de relatório, em março de 2013, e, apesar das muitas dificuldades, finalmente terminei. Não teria conseguido completar este trabalho sem a ajuda de várias pessoas que me auxiliaram ao longo deste trabalho.

Sou consciente de que este tema deveria ter, no mínimo, o desenvolvimento e a profundidade de uma dissertação. Deixarei esta tarefa para um futuro colega. Ficarei feliz se esta minha tentativa e primeiro ensaio poder servir como ponto de partida ou fornecer alguma informação útil para quem tenha interesse nesta área, ou referência, para algo de mais ambicioso.

CAPÍTULO I

Apanhado sobre o conceito de “sinologia” e apontamentos sobre a história dos Estudos Chineses em Portugal (séculos XV a XIX)

1.1. Considerações sobre o conceito de “sinologia”

Antes de falarmos sobre esta terminologia, seria necessário reflectir um pouco sobre o início do fenómeno do “saber sobre a China” na Europa.

De volta à era da Rota da Seda, havia muitos estudiosos da Europa Ocidental que tentavam imaginar a civilização oriental da altura. Esta forte curiosidade estava limitada às condições existentes, designadamente em termos de comunicações, sendo assim a maior parte da informação conseguida pouco criteriosa, pouco factual, dando muita margem à imaginação. Sobretudo a partir dos finais da Idade Média, viajantes e missionários da Europa Ocidental chegam à China, registando tudo o que viam e ouviam. Mas, de qualquer maneira, viajantes não eram mais que viajantes, escreviam sobre o exótico, o religioso, o diferente, muitas vezes com duvidoso realismo. Podemos dizer que, nessa época, as enormes barreiras linguísticas e científicas faziam da China uma terra de novidade, com imagens muito diferentes da realidade, ou até um exemplo para usar como um “um espelho” nas críticas às sociedades ocidentais. Um exemplo disto é Fernão Mendes Pinto².

Depois de meados do século XVI, os portugueses chegam à China. Posteriormente, com a missionação, os jesuítas tornam-se o principal veículo de comunicação entre o Ocidente e o Oriente, surgindo a China enquanto uma cultura a ter em consideração pelos europeus. Foi assim que muita mistificação e fantasia foram desmontadas, tendo surgido pela primeira vez descrições na imprensa europeia sobre a Grande Muralha, a técnica da impressão, os caracteres chineses, o budismo e o taoísmo, o sistema de administração do império, bem como o seu território e a situação geográfica, entre outras informações.³

² Fernão Mendes Pinto (1510-1583) foi um aventureiro e explorador português. Em 2011 foi homenageado numa Moeda Comemorativa de 2 euros.

Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Fern%C3%A3o_Mendes_Pinto, consultado em 2014-3-5.

³ Cf. <http://wenku.baidu.com/view/ae60e4d376a20029bd642de6.html>, consultado em 2013-11-1.

Historiadores chineses consideram que a sinologia no seu sentido mais lato (i.e., não apenas europeia mas de ponto de vista de todos os povos não chineses) nasceu no século XVI. Não há dúvida que obras e registos desses portugueses contribuíram para o nascimento da sinologia europeia.

Em Portugal, o estudo sobre a China passou por três fases. A primeira ter-se-á verificado no século XVI, marcada por relatos de comerciantes, viajantes e emissários, como, por exemplo, Galiote Pereira⁴, Gaspar da Cruz⁵ e Fernão Mendes Pinto. Nessa época, a China era vista como uma terra exótica, com muitas riquezas, e numa perspectiva algo utópica.

A segunda fase pode ser referida como “época dos Jesuítas”, do século XVI a XVIII. Dentro deste período, antes de 1687, as obras eram principalmente introduções sobre a história e a cultura chinesas, por jesuítas europeus de vários países. Posteriormente surge a Escola Francesa (Paul Demiéville argumenta que foi em França que se formou a primeira escola de sinologia). Segundo Anne Cheng, a França foi a primeira nação europeia a criar estudos de sinologia, tendo já em 1814, no então Colégio de França, sido fundado o primeiro leitorado de língua e literatura chinesas e tártara-manchu, atribuído a Jean-Pierre Abel-Rémusat.⁶

A terceira fase, a partir dos finais do século XVIII até ao século XIX, os estudos sobre a China passam a ser um domínio académico na Europa. Formou-se, assim, o conceito de Sinologia.

⁴ Galeote Pereira (às vezes também Galiote Pereira) era um soldado português do século XVI. Ele passou vários anos em Fujian (福建 *fújiàn*) e Guangxi (广西 *guǎngxī*), na China, após ter sido capturado pelas autoridades chinesas numa operação anti - contrabando. O relatório que ele escreveu depois de escapar da China é um dos primeiros relatos conhecidos por um ocidental na China da dinastia Ming, na verdade, é a primeira observação detalhada por um visitante leigo europeu, desde a de Marco Polo. toda. Cf. http://en.wikipedia.org/wiki/Galeote_Pereira, consultado em 2014-3-5.

⁵ Gaspar da Cruz (1520 – 1570), também conhecido por Gaspar de la Cruz, foi um frade dominicano Português nascido em Évora, que viajou para a Ásia e escreveu um dos primeiros relatos europeus sobre China.

Cf. http://en.wikipedia.org/wiki/Gaspar_da_Cruz, consultado em 2014-3-7.

⁶ Cf. <http://www.college-de-france.fr/site/college/index.htm>, consultado em 2014-1-3.

1.1.1. “Sinologia” e “Estudos Chineses”

Questionemo-nos primeiro sobre o que é “sinologia”.

Antes de mais, pensamos ser importante mencionar aqui que para a palavra “sinologia” em chinês existem dois termos: o primeiro, 汉学 *hànxué*, refere os estudos sobre China a partir de fora do território chinês, normalmente em outras línguas, enquanto o segundo, 国学 *guóxué*, é o estudo sobre a língua e cultura chinesas dentro da China, na própria língua chinesa. Neste trabalho, ficamos com a primeira designação.

O termo “sinologia” não tem exatamente uma definição globalmente identificável, assim como “cultura” será também difícil de definir.

O sinólogo alemão Otto Franke (1863-1946), um dos fundadores da sinologia alemã, propôs uma definição muito lata, com reconhecimento relativamente amplo, a saber: “sinologia é o estudo sobre os chineses e a cultura chinesa.”^{7 e 8}

Na verdade, no início, a palavra *sinology* foi criada por estudiosos europeus. Os missionários jesuítas recebiam uma educação muito sistemática da língua clássica e cultura tradicional da China. Posteriormente, a sinologia tornou-se numa disciplina académica, específica para os estudos clássicos, como a filologia, o pensamento tradicional, a história, a arte, etc. Devemos, então, tentar diferenciar “saberes da China” e “sinologia”, referindo-se o primeiro apenas a descrições e referências sobre a China em obras, cartas e registos de missionários, viajantes, comerciantes e aventureiros europeus, sem qualquer tipo de rigor ou pretensão científica, podendo ainda ser considerado como uma pré ou proto sinologia. No entanto, “sinologia” é

⁷ Apud, 纪宝成 *jì bǎo chéng*, nome do apresentador. TdA.

Cf. http://www.china.com.cn/culture/txt/2007-04/06/content_8078841.htm, consultado em 2013-10-16.

⁸ Cf. http://www.china.com.cn/culture/txt/2007-04/06/content_8078841.htm, consultado em 2013-10-16.

de facto uma área académica, metodológica, que se debruça sobre diversos aspectos da civilização chinesa.

A sinologia também foi ensinada em universidades americanas. Todavia, a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, nos Estados Unidos começou-se a estudar a China por considerações de ordem estratégica. A tradição do ambiente académico dos Estados Unidos dá mais importância a problemas práticos. Por isso, surgiu a designação “Estudos Chineses” (*Chineses Studies*) que substituiu “sinologia”. Pode-se dizer que “Estudos Chineses” focam mais a China depois da fundação da República Popular, nas suas língua, sociedade, política, economia e literatura.

De todo o modo, não são matéria deste meu trabalho propostas para uma melhor identificação do que seja “sinologia”, pese embora, aquando de um breve passeio pela sua história, se volta, de certo modo, ao tema. Como o próprio título deste trabalho indica, seguirei a designação mais recente adotada nos Estados Unidos, a saber, “Chinese Studies”, e concordarei com Franke na sua visão muito abrangente do que isto seja.

1.1.2. Breve história do desenvolvimento global da sinologia

Se chamássemos à sinologia anterior aos séculos XVII e XVIII “o período da infância”, no século XIX a sinologia assume um estatuto novo. Em 1814, em França, o termo *sinologie* foi estabelecido como uma nova disciplina académica, com grande contribuição para o desenvolvimento deste estudo. Então, o método moderno do estudo sinológico foi estabelecido e a sinologia avançou para uma nova fase, tornando-se numa disciplina do saber universitário (e não só) com um forte grau de especialização e, de certa forma, alguma áurea de excentricidade.

Assim, a sinologia, com métodos de pesquisa e abordagem modernos, que se

reclamam científicos (mas que, no mínimo, obedecem a critérios e parâmetros reconhecidos como académicos), começou a estabelecer-se e desenvolver-se com um certo estatuto independente e aceite pela comunidade universitária, e não só. Em muitos países influentes, o estudo sinológico começou a desenvolver-se, designadamente a nível académico, com competência profissional raras vezes questionada. A situação nos Estudos Chineses, apesar da responsabilidade dos missionários (sobretudo jesuítas), alterou-se significativamente, e, embora o seu contributo se tenha mantido muito interessante, passou a ganhar um estatuto académico para além de quaisquer motivações de ordem religiosa. Antes do século XIX, maioritariamente, os Estudos Chineses incidiam apenas sobre experiências e vivências de missionários, mas, desde então (sem prejuízo da sua imensa riqueza), a sinologia assumiu um papel autónomo nas diversas áreas do saber universitário, e não só, também jornalístico, por vezes de altíssima qualidade. Os países europeus iniciaram então iniciativas como palestras, cursos e seminários sobre cultura chinesa, ou o estabelecimento de escolas, designadamente de nível universitário, com ensino de língua e cultura chinesas.

Nos séculos XIX e XX terá havido três tipos de abordagens a esta área do saber: 1) o estilo europeu, que herdou, em certa medida, a cultura e metodologia dos missionários católicos do sul da Europa; 2) o estilo russo, com as suas peculiaridades assaz interessantes e que ainda hoje em dia fazem escola; e 3) o estilo anglo-saxónico, Reino Unido e Estados Unidos.⁹

Tentarei seguidamente fazer uma abordagem muito sumária daquilo que desejo expor, exceptuando as sinologias russa, japonesa e anglo-saxónica que, pelas suas

⁹ Os Estados Unidos começaram a desenvolver a “sinologia” por razões estratégicas, de ordem muito prática, que relevavam dos interesses do país. A tradição académica dos Estados Unidos terá dado sempre menos relevância a um saber teórico e desinteressado, enfatizando um saber de aplicação prática e rápida. É nesta linha que os estudiosos anglo-saxónicos preferem a designação “Estudos Chineses” (Chinese Studies) à europeia continental de “sinologia”. Consideravam que “sinologia” era um conceito desactualizado. Quanto à Europa, normalmente, os estudiosos, designadamente académicos, europeus dão mais relevância ao estudo da literatura clássica, da história, da filosofia, da arqueologia, etc. Aquilo a que tradicionalmente se designa como “estudos clássicos”. NdA.

especificidades, escapam ao âmbito do que me proponho neste trabalho.

Se contarmos com a “sinologia tradicional” no Japão, nos séculos XIV e XV, a história da sinologia já conta com mais de 700 anos. Se considerarmos apenas a partir da chegada da Matteo Ricci¹⁰ à China, em 1582, símbolo do início da “sinologia” dos missionários, a sua história terá mais de 400 anos. Se pensarmos no estabelecimento da *sinologie*, pioneira na França de 1814, de estilo académico e científico, podemos então contar com mais de 200 anos de história.¹¹



1 Matteo Ricci

No que diz respeito a Portugal, poder-se-á também afirmar que se verificou um processo algo semelhante, embora muitíssimo mais recente, se descontarmos a antiga “sinologia” dos padres missionários, que devemos aqui e agora considerar como um caso distinto. Nas últimas décadas surgiram estudos sobretudo dedicados à história e à sociedade, quase sempre de uma maneira ou de outra relacionados com Macau, mas da responsabilidade de académicos que não dominam o chinês,

¹⁰ Padre Matteo Ricci, (Macerata, 6 de Outubro de 1552 — Pequim, 11 de Maio de 1610) foi um famoso sacerdote jesuíta, missionário, cientista, geógrafo e cartógrafo renascentista italiano. É conhecido pela sua actividade missionária na China da dinastia Ming, onde era conhecido por Li Madou (利瑪竇 *lì mǎdòu*). É considerado o fundador das modernas missões católicas na China. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Matteo_Ricci, consultado em 15-09-2013.

¹¹ Cf. http://www.china.com.cn/culture/txt/2007-04/06/content_8078841.htm, consultado em 2013-9-5.

sem que isso lhes retire o valor que têm. Quanto a esta temática tentarei dar um apanhado mais detalhado na continuação deste meu trabalho.

1.2. Resumo da história dos contactos com a China e os Estudos Chineses em Portugal (séculos XV a XIX)

Desde o primeiro emissário europeu na China do século XV, Portugal teve um papel importante dos Estudos Chineses na Europa. Jesuítas missionários faziam a sua formação académica (não todos, mas muitos) em instituições de ensino portuguesas (universidades e colégios). No entanto, do século XVI ao XIX, em geral, a situação dos Estudos Chineses em Portugal tem estado em declínio.

1.2.1. Primeiros contactos diplomáticos e comerciais directos de europeus com a China (do século XV até 1516)

Comparando com os Estudos Chineses no mundo, os primeiros Estudos Chineses europeus são os que mais incidiram nas, ou relevam das, religião e missão.¹²

Portugal, enquanto pioneiro na expansão marítima para o oriente, no século XVI, obteve inúmeras informações sobre este país da Ásia oriental, distante, misterioso, desconhecido e muitas vezes mal compreendido, mas, curiosamente, em estreita convivência por quase cinco séculos de história.

Desde Tomé Pires (o primeiro emissário europeu na China), até Diogo Pereira, Gil de Góis e Tomás Pereira, entre muitos outros, Portugal desempenhou um papel marcante no fomento dos Estudos Chineses na Europa.

Na era dos Descobrimentos (séculos XV a XVII), o português Vasco da Gama

¹² Cf. <http://zh.wikipedia.org/wiki/%E6%B1%89%E5%AD%A6>, consultado em 2014-3-1.

chegou à Índia como comandante dos primeiros navios, contornando o Cabo da Boa Esperança. Ou seja, foram os portugueses que abriram uma nova via marítima que ligava o oriente e o ocidente. Depois, ocuparam Malaca no ano de 1511, onde encontraram bastantes mercadores privados, comerciantes chineses estabelecidos no sudeste asiático, designadamente, provenientes das zonas litorais de Fujian (福建 *fújiàn*) e Guangdong (广东 *guǎngdōng*). Estes mercadores possuíam juncos¹³ bem equipados, o que provocou a vontade dos portugueses de negociar com a China.



2 Modelo de Junco Oriental (no museu do CCCM)

No início de 1513, navegando a partir de Pegu, na Birmânia, Jorge Álvares¹⁴ obteve autorização para aportar na Ilha de Lintin (伶仃島 *língdīng dǎo*), ordenado por Afonso de Albuquerque¹⁵, no delta do rio das Pérolas (珠江 *zhūjiāng*), no sul

¹³ Barco oriental, de tamanho grande, popa e proa elevadas, com dois ou três mastros e velas de esteira ou tela distendidas por meio de fasquias horizontais de bambu. Cf. <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/junco>, consultado em 2013-09-28.

¹⁴ Jorge Álvares (?-8 de Julho de 1521) foi um explorador português e foi o primeiro europeu a aportar na China, por via marítima, em 1513 ou 1514, a visitar o território que atualmente é Hong Kong. Foi um dos portugueses que, de Malaca, se dirigiu à China, a mando do Capitão ou Governador de Malaca português, Jorge de Albuquerque, sobrinho do conquistador Afonso de Albuquerque. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_%C3%81lvares, consultado em 2013-10-11.

¹⁵ Afonso de Albuquerque (1453 — Goa, 16 de Dezembro de 1515), chegou à Índia em 1504, e foi um fidalgo, militar e o segundo governador da Índia portuguesa cujas acções militares e políticas foram determinantes para o estabelecimento do império português no oceano Índico. No ano 1511, Albuquerque estabeleceu a administração portuguesa em Malaca. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Afonso_de_Albuquerque, consultado em 2013-10-4.

da China. Pouco depois, Albuquerque enviou Rafael Perestrelo¹⁶ ao sul da China, procurando estabelecer relações comerciais com a Dinastia Ming. Com navios sedeados em Malaca, os portugueses navegaram até Cantão (广州 *guǎngzhōu*) em 1513 e, de novo, em 1515-1516, para aí comerciar com mercadores chineses. Estas expedições, somadas às realizadas por Tomé Pires e Fernão Pires de Andrade (1517), foram os primeiros contactos diplomáticos e comerciais directos de europeus com a China.

De acordo com registos históricos, o mercador Jorge Álvares terá chegado pela primeira vez à zona de “Tamão” (屯門 *túnmén*), no delta do Zhujiang (Rio das Pérolas), no ano de 1513.

Na altura, a China encontrava-se sob o governo da dinastia Ming (1368-1644), período no qual país se fechava muito sobre si. A corte Ming considerava-se muito superior a outros países e nações, regularizando os negócios e comunicação com outros países ou comerciantes segundo condições muito restritas. Não seria fácil negociar naquela terra misteriosa e fechada. Apenas pequenas transações eram possíveis em pequenas ilhas costeiras.

Mas o Império do Meio constituía um enorme mercado compreensivelmente cobiçado. Depois de Jorge Álvares, em 1513 (ou 1514), Afonso de Albuquerque continuou a enviar portugueses para a China na procura de novas oportunidades de estabelecer relações comerciais, como por exemplo, Rafael Perestrelo¹⁷, que terá chegado a Cantão (广州 *guǎngzhōu*) em 1516.

¹⁶ Rafael Perestrelo ficou conhecido por ter sido o primeiro a aportar nas costas sul da China continental, em 1516-1517, para iniciar atividades comerciais em Guangzhou, após o explorador Jorge Álvares ter aportado na Ilha de Lintin no estuário do Rio das Pérolas em Maio de 1513. Rafael foi também negociante e capitão de navio para os portugueses em Sumatra e Malaca. Cf. http://en.wikipedia.org/wiki/Rafael_Perestrelo, consultado em 2013-10-18.



3 Estátua de Jorge Álvares em Macau



4 Afonso de Albuquerque

1.2.2. Primeiro emissário português, Tomé Pires, e a sua “Suma Oriental”, marcando o conhecimento português sobre a China antes da fundação de Macau

Após o rei português, Dom Manuel I, ter indigitado Dom Francisco de Almeida¹⁸ e Afonso de Albuquerque para consolidarem o império colonial e comercial português no oriente, no dia 13 de Fevereiro 1508 enviou Diogo Lopes de Sequeira¹⁹ à conquista e ocupação de Malaca, como base da expansão e desenvolvimento da presença portuguesa no Extremo Oriente. Manuel I solicitou muitas questões a Sequeira: “Quais são os hábitos dos chineses?”, “Como se vestem?”, “Usam armas?”, entre outras curiosidades. Essas dúvidas não foram respondidas por

¹⁸ D. Francisco de Almeida (Lisboa, c. 1450 — Baía de Saldanha, 1 de março de 1510) foi um militar e explorador português, homem de guerra e organizador notável, com vitórias e excelentes actos de administração. Foi ainda o primeiro vice-rei da Índia (1505-1509). Cf. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Almeida_\(vice-rei_da_%C3%8Dndia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Almeida_(vice-rei_da_%C3%8Dndia)), consultado em 2013-10-20.

¹⁹ Diogo Lopes de Sequeira (Alandroal, 1465 — Alandroal, 1530) foi um fidalgo português que aportou pela primeira vez em Malaca em 1509, antes da conquista, em 1511, por Afonso de Albuquerque. Foi governador da Índia entre 1518 e 1522. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Diogo_Lopes_de_Sequeira, consultado em 2013-08-10.

Sequeira, mas sim pelo primeiro emissário português, Tomé Pires. Ou seja, foi o livro “Suma Oriental”, escrito entre 1512 e 1515, quando permanecia em Malaca, que mais dados forneceu sobre aquele país oriental e desconhecido para D. Manuel I de Portugal.

Tomé Pires foi um proeminente boticário português que viveu na Ásia durante o século XVI. Foi autor da “Suma Oriental”, onde surge a primeira descrição da Malásia e a mais antiga e extensa exposição sobre a situação portuguesa no oriente. Em 1516 partiu enquanto primeiro emissário português enviado à China, na frota de Fernão Pires de Andrade²⁰. Esta importante expedição naval portuguesa (1516-1518) visitou o litoral meridional da China, com o objectivo de normalizar as relações mercantis. Esta armada desembarcou em Cantão, com uma comitiva constituída por mais de duas dezenas de pessoas, onde aguardaria autorização imperial para prosseguir em direcção a Pequim.

A 23 de Janeiro de 1520, Tomé Pires e os seus companheiros partiram de Cantão em direcção à capital chinesa. Em Maio de 1520, depois de mais de 3 meses de caminho, Tomé Pires e os seus companheiros chegaram a Nanquim (南京 *nánjīng*), capital imperial do Sul (naquele momento, a capital imperial era Pequim, mas *Nanjing* ainda mantinha o estatuto de capital imperial do sul). O Imperador Zhengde (正德皇帝 *zhèngdé huángdì*, 1491-1521) encontrava-se então nessa cidade.

Os portugueses apresentavam-se pela primeira vez às autoridades chinesas. A embaixada portuguesa encontrava-se em Pequim desde finais de 1520, encerrada no palácio destinado às missões estrangeiras.

²⁰ Fernão Pires de Andrade (também referido como Fernão Peres de Andrade) foi um mercador português, farmacêutico e diplomata oficial sob ordens do governador de Malaca, Afonso de Albuquerque. No ano 1517, Fernão Pires de Andrade capitaneou um grupo de pessoa, com Tomé Pires, rumo à China. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A9_Pires, consultado em 2013-06-24.



5 Imperador Zhengde
(正德皇帝 zhèngdé huángdì, 1491-1521)



6 Rei D. Manuel
(1468-1521, 14.º Rei de Portugal)

No entanto, a missão de Tomé Pires foi um malogro. Isto explica-se por várias razões.

Em primeiro lugar, o tradicional isolamento do Império do Meio predispunha os funcionários imperiais a encararem negativamente quaisquer contactos com um estado novo, antes desconhecido. (...) Em segundo lugar, a aproximação dos portugueses à China não teve em devida conta a especificidade da civilização chinesa e da sua capacidade de resposta a eventuais agressões. (...) Em terceiro lugar, os portugueses arrastavam consigo a péada reputação de terem conquistado pela força das armas a cidade de Malaca, que, formalmente, dependia da protecção de Pequim.²¹

Tendo terminado em insucesso os primeiros encontros sino-portugueses e sendo os negócios estrangeiros de algum modo um incómodo para os mandarins, os altos funcionários chineses decidiram fechar Cantão a todos os estrangeiros. Os

²¹ PTAK, Roderich (1998), "Sino-Portuguese Relations, circa 1513/14-1550's", in Jorge M. dos Santos Alves, *Portugal e a China – Conferencias no II Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (Séculos XVI-XIX)*, Fundação Oriente.

portugueses decidiram regressar a Malaca, esperando que as condições da política chinesa melhorassem um dia e que o comércio pudesse vir a ser possível no futuro.

Os anos que se seguiram ao período inicial de contactos sino-portugueses foram, assim, marcados por uma certa passividade e expectativa por parte de ambos os lados. E esta situação prevaleceu até ao final de 1520.

As relações sino-portuguesas poderão porventura ser equacionadas em três fases: a fase inicial iniciou-se com a viagem de Jorge Álvares e terminou com a missão de Tomé Pires e os confrontos de 1520; a segunda fase consistiu no facto de alguns mercadores portugueses visitarem as costas da província de Fujian (福建 *fújiàn*) e de Zhejiang (浙江 *zhèjiāng*); e, na terceira fase, o comércio português tornou-se mais regular e voltou a desenvolver-se na área da província de Guangdong (广东 *guǎngdōng*). Resultando, finalmente, na fundação de Macau.

De qualquer maneira, começa aqui um novo capítulo das relações sino-portuguesas. A “sinologia” portuguesa ter-se-á então iniciado por volta do ano de 1550. Assim, poder-se-ia dizer que a “Suma Oriental” de Tomé Pires marcou a “sinologia” portuguesa deste período, antes da fundação de Macau.

A Suma Oriental é uma obra escrita em 1515 por Tomé Pires (c.1465 – c.1540) com a primeira descrição europeia da Malásia e a mais antiga e extensa descrição portuguesa do Oriente. A Suma Oriental descreve as plantas, drogas medicinais do Oriente e além de aspectos medicinais descreve também exaustivamente todos os portos de comércio, de interesse potencial para os portugueses recém-chegados Oceano Índico, elegendo como objectivo principal as informações de carácter comercial, nomeadamente todos os

*produtos comerciados em cada reino e em cada porto, assim como as respectivas origens e os mercadores que os traficam. Estudo que antecede o de Garcia da Orta, obra que foi descoberta na década de 1940, pelo historiador Armando Cortesão, após uma longa busca, e que a editou. Tendo exercido o cargo de boticário do príncipe, foi enviado para a Índia, em 1511, como Feitor das Drogas em Cananor. A sua missão consistia em analisar, seleccionar e adquirir as drogas orientais, destinadas às naus da Carreira da Índia.*²²

1.2.3. Fundação de Macau e a sua relevância para os Estudos Chineses de então

O surgimento de Macau e a sua história “oficialmente contada” pelo lado chinês e português tem divergências. Segundo as fontes chinesas, no ano 1533, com a razão de ter necessidade de secar as mercadorias depois de uma tempestade, os comerciantes portugueses subornaram os funcionários locais para se poderem fixar em Macau. Depois, os portugueses começaram a constituir os assentamentos, violação grave para a soberania territorial chinesa.

Por outro lado, segundo as fontes portuguesas, a sua fixação em Macau foi mais ou menos institucional. A história é complexa. Por causa do encerramento do porto de Cantão, muitos mercadores passaram, gradualmente, as suas actividades aos mercados de Fujian. Em 1529 ou 1530, Cantão reabriu as suas portas e os navios tributados foram novamente autorizados a entrar. Mas aos portugueses foi isto vedado. Cantão continuou inacessível.

²² Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Suma_Oriental, consultado em 2014-3-5.



7 São João (上川島 shàngchuān dǎo)



8 Lampacau (浪白澳 làngbái ào)

Nas décadas de 30 e 40 do século XVI, as transacções ilegais eram muito comuns nas áreas costeiras da China, especialmente em Fujian e Zhejiang. Nas décadas de 40 e 50 do mesmo século, os mercadores escolheram as ilhas de São João e Lampacau como bases de atrancamento e secagem na China. Em 1530, os portugueses escolheram São João²³ como uma base para negociação. Enquanto São João ainda estava em uso, um outro lugar tornou-se popular como base de negócios no final de 1540 ou início de 1550, Lampacau²⁴. Quando um navio de grande porte chegou a Lampacau, aquela ilha ainda estava

²³ São João, 上川島 shàngchuān dǎo, é uma ilha situada no sul da Província de Guangdong, na China (longitude leste 112°47'; latitude norte 21° 39'). Com área total de 137 km², é a maior ilha da província. Tem uma extensão de costa de 139,87 km e praias de 30 km de comprimento. A população é de 16.320 habitantes. A ilha de São João é conhecida como o local da morte de São Francisco Xavier. No século XVI, foi uma das primeiras bases insulares estabelecidas pelos portugueses na China. O local foi abandonado após a ocupação de Macau, em 1557. O missionário jesuíta navarro Francisco Xavier, adoeceu a caminho de Guangzhou (Cantão) e veio a falecer em San João, a 2 de dezembro de 1552, antes de alcançar o continente. Há um parque em memória do santo - o primeiro missionário católico no Extremo Oriente. Dentro do parque há uma igreja a ele dedicada, além de um cenotáfio e uma estátua. É local de peregrinação de católicos. Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sancho%C3%A3o>, consultado em 2013-10-10.

²⁴ Lampacau, 浪白澳 làngbái ào, é uma ilha que fica na costa sul da província Guangdong. Os portugueses escolheram Lampacau como uma base de negócio no ano 1542. No entanto, estes foram expulsos para Macau em 1557. Depois do ano 1560, não se encontra nenhum registro sobre esta ilha. Perto de seiscentos portugueses moraram na ilha durante o seu apogeu. Cf. <http://zh-yue.wikipedia.org/wiki/%E6%B5%AA%E7%99%BD%E7%AB%88>, consultado em 28-9-2013.

desabitada.

É importante notar que, quando os portugueses começaram a navegação de São João e Lampacau, os seus negócios entre Malaca, a China e outros países (Japão) atingiam um ritmo mais regular. Pode-se dizer que, para os mercadores portugueses, foi o início da formação de várias das principais rotas de comércio nos anos seguintes.

No ano de 1554, foi assinado um contrato em que os portugueses foram autorizados a negociar em Cantão. No ano de 1554, o mercador Leonel de Sousa²⁵ assinou um acordo com os oficiais de Cantão para a permissão de ali negociar. A corte chinesa, depois de quarenta anos de incompreensão mútua, abriu as portas para os *fulangji*²⁶. Durante os anos seguintes, os *fulangji* expandiram as zonas de negócio. Em certo sentido, foi este acordo que abriu as portas da China. A este tratado seguir-se-ia o reconhecimento de Macau como entreposto oficial português em 1557.

Em 1553²⁷, através do suborno de funcionários chineses, os portugueses moveram-se e começaram a usar a península de Macau como uma base adicional, local mais próximo da foz do Rio das Pérolas do que Lampacau e São João. Na altura, Macau era habitado por alguns pescadores, marinheiros de Fujian e agricultores, e ali os portugueses construíram os primeiros edifícios permanentes. Segundo uma outra versão histórica sobre a origem do estabelecimento comercial português em Macau, esta autorização foi uma recompensa dada aos portugueses

²⁵ Leonel de Sousa, fidalgo natural do Algarve, notabilizou-se como segundo capitão-mor de Macau em 1558 (cargo equivalente ao de governador), após ter sido responsável por um acordo com as autoridades locais de Cantão conhecido como o primeiro acordo Luso-Chinês de 1554, que permitiu a legalização das actividades comerciais portuguesas na China mediante o pagamento de impostos.

Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonel_de_Sousa, consultado em 28-9-2013.

²⁶ Antiga denominação dada aos portugueses e espanhóis pelos chineses.

²⁷ Cf. <http://news.163.com/09/1209/16/5Q3TLM1A000140IV.html>, consultado em 3-5-2014.

por estes terem contribuído de modo fulcral para a derrota de piratas chineses liderados pelo célebre Chang-Si-Lau. Estes bandidos violentos e selvagens pilharam, incendiaram e arruinaram vastas áreas da região de Cantão e espalharam terror não só nos campos mas também nas cidades. Eles operavam principalmente na região do Delta do Rio das Pérolas.²⁸

Não sabemos em que circunstâncias os portugueses terão obtido permissão para usar Macau e aí se instalarem, mas terão recebido qualquer tipo de licença oficial, pois, em troca, teriam que pagar aos chineses a renda do território. Historiadores marxistas chineses não consideram isto como factos históricos, dizem que a “ocupação” de Macau pelos portugueses - que ocorreu entre 1555 e 1557 - foi um acto de “agressão imperialista”. Afirmam que os portugueses terão recorrido a meios ilegais para obter a permissão. A versão portuguesa é diferente: como foi por várias vezes mencionado na história escrita tradicional, Macau foi oferecido a Portugal como recompensa pela ajuda prestada na luta contra grupos piratas locais. Pode-se acrescentar que também houve problemas dentro da hierarquia oficial chinesa. Provavelmente, Cantão agiu sem consultar Pequim - no caso do acordo de 1554, como no caso de Macau. Obviamente, o tribunal em Pequim era incapaz de controlar seus burocratas nas províncias costeiras, pelo que a legitimidade do seu domínio sobre o sul era questionável.

Embora os detalhes exactos da fundação de Macau permaneçam incertos (e provavelmente assim irão continuar), é certo que, nos finais de 1550 ou o início da década de 1560, a maioria dos portugueses tinha deixado Lampacau para o assentamento novo.

²⁸ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Macau, consultado em 2013-09-20.

*Pouco depois, os primeiros edifícios permanentes foram erguidos na península. É aqui que um novo capítulo das relações sino-portuguesas começa e onde este resumo cronológico deve acabar.*²⁹

Não sendo este assunto o nosso estudo, nem tendo relevância para este trabalho, passo apenas confirmar que depois de ter Macau como base de estacionamento de barcos e mercadorias, e de trânsito, os portugueses desenvolveram um comércio vigoroso, acumulando riqueza e fazendo de Macau um porto internacional próspero. Também, as rotas internacionais relevantes, devido aos muitos produtos de seda e prata, fizeram de Macau aquilo a que então se designava como a "Roda da Seda e da Prata" (丝银之路 *sīyín zhī lù*)³⁰.

Na altura, Macau tornou-se num elo ou plataforma do grande comércio da Roda da Seda Marítima, juntando a Europa, Ásia e América Latina. Este ciclo, com o centro em Macau, escolhendo Guangzhou como porta de entrada e saída para todo o

²⁹ PTAK, Roderich (1998), "Sino-Portuguese Relations, circa 1513/14-1550's", in Jorge M. dos Santos Alves, *Portugal e a China – Conferências no II Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (Séculos XVI-XIX)*, Fundação Oriente, p. 32. "We do not know under which circumstance the Portuguese had been given permission to use Macao and even to settle there, but some kind of official permission they must have obtained, since a ground rent had to be paid to the Chinese in return. Marxist historians, failing to see the facts, say the "occupation" of Macao by the Portuguese—which occurred between 1555 and 1557—was an act of "imperialistic aggression". The Portuguese, they claim, had resorted to illegal means in order to gain admission. The Portuguese view is different: Macao, it was often claimed in traditional history writing, was given to them in reward for their aid in fighting local pirate groups. It could be added that there was also a problem within the Chinese official hierarchy. Probably Canton had acted without consulting Beijing—in the case of the 1554 agreement as in the case of Macao. Obviously, the court in Beijing was unable to control its bureaucrats in the coastal provinces; therefore the legitimacy of its dominance over the south is questionable.

Although the exact details of Macao's foundation remain uncertain (and probably will remain so), it is clear that by the late 1550s or early 1560s, most Portuguese had left Lampacau for the new settlement. Soon after, the first permanent buildings were erected on the peninsula. It is here that a new chapter of Sino-Portuguese relations begins and where this chronological summary must end." TdA.

³⁰ Cf. [http://www.chinanews.com/zhuantia/aomen/news/991105/1_copy\(3\).html](http://www.chinanews.com/zhuantia/aomen/news/991105/1_copy(3).html), consultado em 15-9-2013.

continente chinês, especialmente as suas áreas costeiras do sudeste da China, formando-se em particular três rotas de comércio internacional com Macau como plataforma privilegiada, a saber: Lisboa – Goa - Macau; Macau – Nagasaki; e Macau – Manila - México.



9 Mapa do mundo e três rotas

Começando com a rota Lisboa - Goa - Macau, os portugueses importavam produtos chineses para a Europa. Estes produtos, tais como a seda, especiarias medicinais, pérolas, marfim, talha, laca e cerâmica, eram transportados via Cantão para Macau. Mas também exportavam da Europa produtos de lã, vidro, vinho, relógios, etc. A maioria, contudo, era prata, deste 1585 até 1591. Muita prata foi enviada para Macau via Goa.

No que diz respeito à rota Macau - Nagasaki, há a considerar as negociações entre a China e o Japão em que foram fortemente restringidas pela corte Ming quaisquer atividades comerciais entre ambos os signatários, fazendo com que os mercadores portugueses em Macau pudessem desempenhar um papel intermediário. Todos os anos, no início do verão, os mercadores portugueses, com os seus galeões, iam até

ao Japão, aproveitando a monção de sudoeste, carregando seda em rama, e outros produtos chineses para Nagasaki. Aguardavam depois pela monção de nordeste, no Outono, para voltar a Macau, carregando prata e outros produtos de origem japonesa.

Macau – Manila - México, a rota comercial mais antiga entre a China e o continente americano, apresentava outros aspectos. Os mercadores chineses e portugueses de Macau transportavam seda e outros produtos chineses para Manila que, somados a alguns outros produtos filipinos, eram carregados por mercadores espanhóis para a América Latina: México, Chile, Argentina etc. Entretanto, somas consideráveis de prata eram transportadas para a Europa, e, em seguida, enviadas de volta para Macau para suportar a compra de novos produtos chineses, os mais variados. Assim, baseado sobretudo no comércio internacional (globalizado) de prata, assim como produção em massa de seda chinesa, foi-se formando um circuito marítimo à escala internacional, a já designada “Rota da Seda e da Prata”.

A abertura dessas rotas internacionais criaram boas condições para os missionários ocidentais penetrarem no mundo oriental. Depois de meados do século XVI, muitos missionários ocidentais operavam já no oriente. Objectivamente, essas rotas internacionais promoveram um primeiro ponto alto na comunicação intercultural ocidente-oriental.

Na altura, Macau era uma porta importante e placa giratória para a comunicação intercultural entre estes dois mundos. Em Macau, os missionários inauguraram a primeira universidade de tipo ocidental na Ásia Oriental, o Colégio de São Paulo.

O Colégio de São Paulo de Macau, também conhecido como Colégio da Madre de Deus, foi uma instituição de ensino universitário fundada em 1594 por jesuítas ao serviço do império português, no âmbito do acordo do Padroado português. Pertence a um seminário missionário, sendo o financiamento da escola apoiado principalmente pelos comerciantes Portugueses. O Colégio, que serviu para preparar missionários jesuítas que viajavam para o Extremo Oriente, foi a primeira instituição universitária de tipo ocidental na Ásia Oriental, contando com um programa académico extenso, equivalente ao currículo de uma academia.

O Colégio de São Paulo foi fundado por Alessandro Valignano, quando em 1594 ampliou a antiga escola da Madre de Deus, com o objectivo de criar uma plataforma de preparação dos missionários jesuítas que viajavam para o Extremo Oriente. O seu programa académico incluía disciplinas fundamentais, como teologia, filosofia, matemática, geografia, astronomia, e línguas: latim, português e chinês; além de uma escola de música e artes. O Colégio de São Paulo de Macau teve enorme influência na aprendizagem pioneira das línguas e culturas orientais, abrigando os primeiros sinólogos ocidentais, como Matteo Ricci, Johann Adam Schall von Bell ³¹ e Ferdinand Verbiest ³², entre muitos outros notáveis estudiosos da época. Tornou-se um centro asiático de formação de missionários católicos e contribuiu significativamente para a difusão do Catolicismo na China e em todo o Extremo Oriente. Este trabalho missionário permitiu também um maior intercâmbio cultural, científico e artístico entre o ocidente e o oriente.

³¹ Johann Adam Schall von Bell, (汤若望 *tāngruò wàng*, 1591 — 1666) , missionário jesuíta alemão que viveu grande parte da sua vida na China. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Adam_Schall_von_Bell, consultado em 5-10-2013.

³² Ferdinand Verbiest, belga, (em chinês, 南怀仁 *nánhuái rén*, 1623–1688), astrónomo, matemático, cientista, jesuíta e missionário católico flamengo. Ele chegou à China em 1659, onde ficou conhecido como Nan Huai ren. Cf. http://en.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Verbiest, consultado em 5-10-2013.

Em 1835, o Colégio de São Paulo e a sua igreja anexa (Igreja da Madre de Deus) foram destruídos por um violento incêndio. Apenas sobreviveram a imponente fachada e a escadaria monumental da Igreja da Madre de Deus. Em 2005, as Ruínas de S. Paulo - nomeadamente a fachada da Igreja da Madre de Deus - devido à sua beleza e valor excepcionais, foram incluídas no Centro Histórico de Macau, por sua vez incluído na Lista do Património Mundial da Humanidade da UNESCO.

Pode-se afirmar que o Colégio de São Paulo foi de facto o verdadeiro berço dos primeiros sinólogos ocidentais no Extremo Oriente.³³



10 Colégio de São Paulo e Igreja da Madre de Deus

1.2.4. Portugal e a Proto Sinologia (finais do século XVI até meados do século XVII)

Como já referimos, a “sinologia” foi estabelecida como uma disciplina autónoma dos séculos XVIII aos inícios de XIX, com a criação do leitorado de Sinologia no Colégio de França, em dezembro de 1814. Todavia, a actividade académica ligada aos saberes sobre a China tinha já começado em muitas partes do mundo antes da

³³ Cf. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Col%C3%A9gio_de_S%C3%A3o_Paulo_\(Macau\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Col%C3%A9gio_de_S%C3%A3o_Paulo_(Macau)), consultado em 2013-5-10.

formação da disciplina. Confirmou o sinólogo francês Paul Demiéville: “No que diz respeito ao início do conhecimento sobre a civilização chinesa, os portugueses, espanhóis e italianos eram pioneiros”.³⁴

Macau foi o primeiro centro da primeira “sinologia” europeia, cuja atividade se iniciou após o estabelecimento dos portugueses em meados da década de 50 do século XVI, aquando da dinastia Ming. Durante o conturbado fenómeno histórico de mudança de dinastia, na década de 40 do século seguinte, com o estabelecimento dos Qing (清朝 *qīngcháo*, 1616-1912), a “sinologia” em Macau já tinha feito progressos consideráveis.

A partir do final do século XVI até meados do século XVII constituiu o período que o catolicismo atingiu porventura o seu ponto mais alto da missão. Constituiu também a fase de infância, crescimento e afirmação da actividade sinológica em Macau, como já foi referido. Naquela época, a maioria dos sinólogos em Macau eram missionários católicos jesuítas. Com um apurado e inteligente sentido estratégico missionário, os jesuítas empenharam-se competentemente no estudo das línguas e cultura chinesas. Um pouco como efeito secundário, a cultura chinesa foi crescentemente presente no ocidente, levando às primeiras tentativas sérias de Estudos Chineses. Constituiu Macau então uma interessante base de trabalho, pesquisa e estudo. Nesse período, a “sinologia” não se encarava como um fim em si, mas uma indispensável ferramenta para o projecto missionário católico. É neste

³⁴ Estatuto histórico da Sinologia da França, 法国汉学的历史地位 *fānguó hàn xué de lìshǐ dìwèi*, cursos de Estudos sobre a Sinologia, Escola de Formação Contínua on-line da Universidade de Línguas e Culturas de Pequim, <http://media.eblcu.cn/site/kj1/intro-production.asp?id=636> consultado em 2014-1-28.

contexto histórico que o período do século XVI até meados do século XVII foi considerado como “o período de fundação da sinologia”, ou “o período inconsciente”³⁵, em que, embora com trabalhos e resultados de excelência, não deveria esta sinologia ser considerada propriamente científica.

A actividade dos missionários consistia principalmente nos seguintes aspectos:

- 1) Registo do que se podia obter sobre a situação na China (e no Japão).

Naquela época, a compreensão do Ocidente sobre a China não era profundo. Os trabalhos sinológicos da época eram apenas e sobretudo introduções simples sobre a situação na China. Os missionários não tinham um conhecimento da China, não lhes era possível escreverem tratados académicos ou obras de estudo aprofundado sobre a cultura chinesa. Só foi possível, através daquilo que lhes era dado observar, escreverem alguns livros introdutórios. No entanto, esses textos introdutórios também desempenharam um papel muito importante para o futuro da sinologia, criando precedentes para a futura pesquisa académica e científica.

Durante este período, os jesuítas expunham o seu conhecimento numa série de livros sobre o trabalho missionário, a sociedade chinesa, a história, a cartografia, e muitos outros aspectos. Segundo estudos de *Ye Nong*³⁶, podemos mostrar os seguintes exemplos:

1. Matia da Maia (利玛弟 *lì mǎdì*, 1616-1667). De acordo com alguns registos históricos, escreveu um tratado sobre a história da China.

³⁵ YE, Nong 叶农 (2004), 试论清朝前中期耶稣会士与澳门的汉学活动 (*shìlùn qīngcháo qiánzhōngqī yēsūhuìshì yú àomén de hàn xué huódòng*), *Ensaio sobre as Actividades de Sinologia em Macau e dos Jesuítas nos Inícios e Meados da Dinastia Qing*, Social Sciences in Guangdong.

³⁶ Idem.

2. Miguel do Amaral (金弥格 *jīn mígé*, 1657-1730). Também de acordo com alguns registos, terá chegado a Macau em 1685 onde escreveu algumas obras sobre o território, documentos estes que fazem parte do arquivo dos missionários, com a referência nº 114).
3. Estevão Lopes (埃斯特旺·洛佩斯 *àisītèwàng·luòpèisī*, 1693-1766). Chegou à China no dia 10 de Julho de 1715. Empreendeu a tradução de excertos de “zha” (劄 *zhá*)³⁷.
4. José de Jesus Maria (若泽·德·热苏·玛利亚 *ruòzé dé rèsū mǎliyà*). No ano de 1745 escreveu “A Ásia da China e do Japão” (中国与日本的亚洲 *zhōngguó yǔ rìběn de yàzhōu*) em Macau e posteriormente levou a obra para Portugal, texto que porém não terá sido publicado. Um século depois, alguns dos seus capítulos foram publicados na revista Ta-ssi-yang-kuo, que significa “O País do Atlântico” (大西洋国 *dàxīyángguó*) em 1889-1890.
5. José Montanha, (若泽·蒙塔尼亚 1708-1764). Chegou a Macau no dia 5 de Novembro de 1742, onde levou muito tempo na tradução do “Arquivo Japonês” (日本档案 *rìběn dǎng'àn*). Tratou-se de uma obra muito útil para a história das missões na China e no Japão.

2) Actividade epistolar.

Depois dos missionários jesuítas terem chegado à China e iniciarem pesquisa e conhecimentos sobre aquele imenso império, o estudo da cultura chinesa, e tentarem integrar-se na sociedade chinesa, passaram a escrever diligentemente um montante considerável de informações enviadas para o ocidente. Muitas cartas eram escritas

³⁷ Antigamente, 劄 *zhá* constituíam os documentos oficiais superiores para subordinar. Cf. <http://xh.5156edu.com/html3/2066.html>, consultado em 2013-10-13.

em Macau, constituindo uma parte importante do *corpus* sinológico dos e para os missionários. Não podemos ignorar esta documentação, devendo a mesma ser exaustivamente investigada. Na generalidade, consideram-se três tipos de missivas. a) Relatos sobre a situação da China. b) Informações sobre a situação missionária naquele país. E c) Outros tipos de cartas. De acordo com dados históricos, muitas foram da autoria de missionários franceses, austríacos, alemães, entre outros.³⁸

3) Pesquisa no âmbito da medicina tradicional chinesa.

Os missionários jesuítas empreenderam também investigação científica, designadamente nas áreas de zoologia e botânica, da medicina tradicional chinesa, topografia e cartografia, artesanato chinês, técnicas agrícolas, etc. O resultado deste esforço de investigação pode-se considerar notável.

No que se refere à medicina tradicional chinesa, um grupo de jesuítas escolheram a grande farmácia da Escola de São Paulo de Macau como base para o seu estudo.

Houve também muitos missionários dos outros países europeus como França, Bélgica, Áustria, Alemanha, etc., que foram grandes estudiosos da China. Não podemos ignorar os esforços e as obras destes missionários, mas também devemos admitir que neste período (séculos XVI até meados de XVII), Portugal foi pioneiro.

1.2.5 “Sinologia” em Portugal dos séculos XVII a XIX

³⁸ Cf. <http://www.qingstudy.com/data/articles/a03/446.html>, consultado em 2014-3-19.

Os textos dos viajantes e jesuítas portugueses formaram os alicerces da sinologia ocidental.

A sinologia (ou um certo tipo de “sinologia, que diríamos “embrionária”) nasce, como já referimos, no século XVI, com textos essencialmente de origem portuguesa ou, pelo menos, apoiados e filtrados por instituições portuguesas, designadamente a Universidade de Coimbra e a “escola” de Macau. No entanto, a partir do século XVII, acompanhando uma gradual queda de influência portuguesa no Índico, sobretudo após 1580, com a perda da independência, a situação da sinologia portuguesa começa a perder relevância, até 1979.

CAPÍTULO II

Estudos Chineses em Portugal: história recente e actualidade

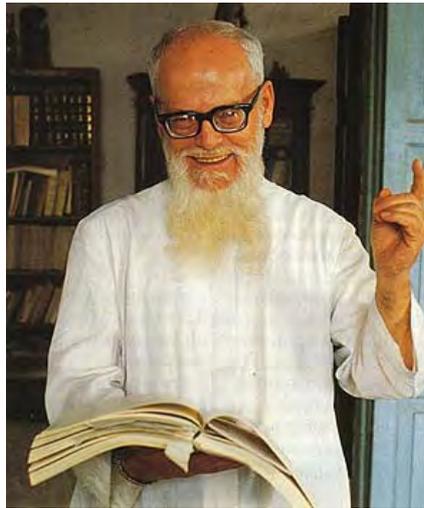
2.1. Estudos Chineses após 1974

Após o 25 de Abril, os Estudos Chineses em Portugal quase não avançaram, embora algumas publicações, livros, ou relatos jornalísticos continuassem a surgir, aqui e ali. Dir-se-ia que a sociedade portuguesa estaria demasiado ocupada com os seus imensos problemas de democratização e descolonização. Também a China de então era um país extremamente fechado, ainda em plena e desgraçada Revolução Cultural ou, pelo menos, no seu rescaldo.

Todavia, em Macau, continuava a trabalhar um pequeno núcleo de estudiosos nesta área, três clérigos e três senhoras: Manuel Teixeira, Videira Pires, e Joaquim Guerra, assim como Ana Maria Amaro, Beatriz Basto da Silva e Graciete Batalha.

O Padre Manuel Teixeira, nascido a 15 de Abril de 1912, em Freixo-de-Espada-à-Cinta e falecido a 15 de Setembro de 2003, em Chaves, foi um grande historiador de Macau. “O valor do trabalho histórico e historiográfico, empreendido pelo Padre Teixeira ao longo de uma vida, não deixa ninguém indiferente, tal a sua magnitude e pluralismo temático. Dificilmente se lobra um palmo da história de Macau onde ele não tenha tocado, salvo um documento, cerzido uma teoria, aventada uma hipótese, recolhido um testemunho ou valorizado o papel da Igreja. Sem esquecer que escreveu imensa Poesia, o ‘Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau’, onde refulgem temas místicos e apologéticos. Todos lamentamos que não tenha tido tempo e oportunidade para escrever as Memórias da sua vida em Macau, e das suas andanças em Singapura, muito embora tenha derramado na imprensa (por exemplo, no “Macau Hoje” ou na “Gazeta Macaense”) inúmeros textos autobiográficos e memorialísticos. A obra está aí, mais de cem volumes (muitos a carecer reedição), alguns traduzidos para chinês, inglês ou japonês, centenas de estudos dispersos em revistas e milhares de artigos espalhados na imprensa (todos à espera de uma laboriosa inventariação a fazer por gente que ame o ofício), tudo dedicado a Macau e à presença dos portugueses no

extremo oriente³⁹. Por exemplo, «Macau no século XVI» (1981), “The fourth centenary of the Jesuits at Macau (1964), “A Igreja em Cantão” (1996), “A Medicina em Macau» (1976), “A voz das Pedras de Macau” (1980), “The Portuguese Missions in Malacca and Singapore (1511-1958)” (1961), etc.⁴⁰



11 Padre Manuel Teixeira

O Padre Videira Pires, 1916 -1999, foi para Macau em 1949 quando tinha 32 anos de idade, e “só regressaria definitivamente a Lisboa, em voo da TAP, às 6 da madrugada do dia 6 de Agosto de 1998” referiu o próprio⁴¹. Neste espaço de quase 50 anos, a sua vida desdobrou-se em iniciativas de apostolado, alta cultura, educação, ensino, escrita e construção de uma instituição escolar em Macau. Também escreveu um número considerável de artigos sobre Macau, como “The Genesis of St.Paul’s College” (1964), “A Viagem de Comércio Macau Manila nos Séculos XVI a XIX” (1987), “Os Extremos Conciliam-se”⁴² (1988), “Macau: City of Commerce and Culture” (1987), “A Embaixada mártir” (1988), “A vida Marítima

³⁹ Cf. <http://macauintigo.blogspot.pt/2012/04/padre-manuel-teixeira-silva-mendes-e-o.html>, consultado em 2013-12-10.

⁴⁰ Cf. <https://openlibrary.org/search?q=Manuel+Teixeira>, consultado em 2013-12-11.

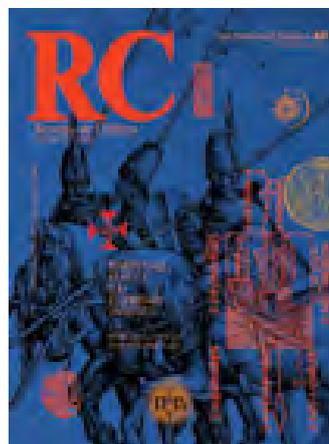
⁴¹ Cf. <http://www.oclarim.com.mo/j111007/local4.shtml>, consultado em 2013-12-15.

⁴² Este livro depois foi traduzido para chinês, a edição em Chinês chama-se *Shutu-tong gui: Aomen de wenhua jiaorong* (殊途同归: 澳门的文化交融 *shūtútóngguī: àomén de wénhuà jiāoróng*).

de Macau no Século XVIII” (1993)⁴³, etc., parte dos quais publicados na “Revista de Cultura”⁴⁴ do Instituto Cultural de Macau.



12 Padre Videira Pires



13 Revista de Cultura

Dos três, o único que exerceu docência foi o Padre Joaquim Guerra. Tradutor de diversas obras clássicas chinesas e autor de outros ensaios, nasceu na aldeia de Lavacolhos (Fundão) em 1908. Integrou a Companhia de Jesus e partiu para uma missão em Xangai em 1933, acabando por passar na China a maior parte dos seus 85 anos. Em 1951, o novo regime chinês expulsa-o, tendo escapado à condenação à morte por três vezes. Depois, em Macau, dividiu-se em actividades de natureza social e docente. Regressou a Portugal para leccionar língua e cultura chinesas no Instituto de Línguas Orientais, de 1965 a 1970, mas continuaria a passar pelo

⁴³ De português, e foi publicado em Macau pelo Instituto Cultural de Macau: Museu Marítimo de Macau, no 1993. E tem sete capítulos, são: Trade routes-Asia-History-Source, Ship registers-Macau, Portuguese-Macau-History-Sources, Macau-Commerce-History-Sources, Merchant marine- Macau-History-18th century, Shipping-Macau-History-18th century, Macau-Economic history-18th century.

⁴⁴ *Revista de Cultura* é uma publicação do Instituto Cultural de Macau. Coetânea da «Declaração Conjunta Sobre a Questão de Macau» onde se formaliza a transferência da soberania sobre o território para a China, a Revista de Cultura inscreve-se ulteriormente no projecto do Governo português de afirmação do multiculturalismo intrínseco de Macau e, conseqüentemente, da sua componente lusitana. Na sua inepção reconhecia-se a marginalidade de Macau no domínio da investigação e a necessidade de o assumir enquanto objecto próprio de estudo. De periodicidade trimestral, editada em português, inglês e chinês. Cf. http://ww3.fl.ul.pt/unidades/centros/c_historia/SiteRHM/revistadecultura.html, consultado em 2014-1-2.

orientar e aprofundar a sua obra. Faleceu em 1993, depois ter sido atropelado em Toronto, no Canadá. Foi professor no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (ISCSPU, actual ISCSP, faculdade da Universidade Técnica de Lisboa). Na longa tradição dos jesuítas, como Matteo Ricci, o padre Guerra acabou por tornar-se um iminente sinólogo, provavelmente o mais importante em Portugal no século XX⁴⁵.

Criou um complexo sistema de romanização do mandarim para o português. Também traduziu um número interessante de obras clássicas chinesas. Entre os seus trabalhos destacou-se um dicionário e a tradução inédita da obra clássica de Confúcio, “os Analectos”⁴⁶ (论语, *lún yǔ*). “A sua obra científica merece toda a consideração por parte do mundo académico”⁴⁷, refere José Carlos Venâncio, professor da UBI (Universidade da Beira Interior) e um dos organizadores das iniciativas que assinalam o centenário do seu nascimento.

Tratou-se de um trabalho considerável. Elaborou também em 1981 o “*Dicionário Chinês-Português de Análise Semântica Universal*”, tendo traduzido para português o *Livro dos Cantares* (1979), *Escrituras Selectas* (1980), *Quadras de Lu e Relação Auxiliar* (1981-83), *O Livro das Mutações* (1983), *Quadrivolume de Confúcio e As Obras de Mêncio* (1984), entre outras obras.⁴⁸

⁴⁵ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Guerra, consultado em 2013-12-12.

⁴⁶ Os Analectos de Confúcio (论语 *lún yǔ*), também conhecidos como Diálogos de Confúcio, constituem o livro doutrinal mais importante do confucionismo e é constituído por uma selecção de textos atribuídos a este pensador chinês e aos seus discípulos. Ao longo do tempo, a obra foi tão lida na China quanto a Bíblia no Ocidente, sendo considerado o único registro confiável dos ensinamentos de Confúcio.

Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Analectos_de_Conf%C3%BAcio, consultado em 2013-12-18.

⁴⁷ Cf. <http://cheongkinman.blogspot.pt/2009/04/homenagem-ao-padre-joaquim-guerra.html>, consultado em 2013-12-12.

⁴⁸ Idem.



14 Padre Joaquim Guerra

Ana Maria Amaro (n.1929), Professora Catedrática Jubilada ISCSP-UTL (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa), Presidente do Instituto Português de Sinologia (criado em 2007). Estuda a China e a história de Macau há mais de 45 anos. Viveu por um longo período em Macau, escreveu não poucos artigos e publicou diversos livros no âmbito dos Estudos Chineses. Regressada a Portugal, como docente do Instituto Superior de Estudos de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, assumiu a iniciativa anual da Semana de Macau, onde se reuniam intelectuais e *scholars* vindos da China e sinólogos de outras proveniências, do que resultaram várias publicações na área dos Estudos Chineses.

Neste seguimento poderíamos destacar: “Introdução da Medicina Ocidental em Macau e as Receitas de Segredo da Botica do Colégio de São Paulo” (1992), “Estudos Sobre a China” (1998), englobando palestras proferidas na Semana Cultural da China realizadas no I.S.C.S.P. em 1997, bem como trabalhos efectuados pelos professores e alunos do Curso de Língua e Cultura Chinesas que, no seu conjunto, versam temas relativos à sociedade, à história, à cultura e às tradições da China, e “Macau: O Final Dum Ciclo de Esperança” (1997),⁴⁹ que

procura compreender Macau nos seus vários enquadramentos e nas suas relações com a região, privilegiando-se a questão de

⁴⁹ Cf. http://www.goodreads.com/author/show/963906.Ana_Maria_Amaro, consultado em 2013-12-15.

*integração na República Popular da China e as mudanças que se esperam, sem esquecer uma abordagem histórica da região e uma reflexão sobre a importância da actuação dos antropólogos nos programas e projectos de investigação*⁵⁰,



15 Ana Maria Amaro⁵¹

A realidade muito particular dos Estudos Chineses em Portugal decorre do facto da existência de um território chinês administrado por Portugal, Macau, não se podendo negar que este tem sido durante séculos um fenómeno de transculturalidade sino-portuguesa. Neste contexto, há mais dois nomes que são podemos omitir.

Beatriz Basto da Silva nasceu na Anadia e fez a vida profissional em Macau desde 1970 até quase ao fim da administração portuguesa. Foi professora e directora da Escola do Magistério Primário, directora do Arquivo Histórico de Macau, deputada e membro do Conselho de Administração da Fundação Macau⁵². Também escreveu bastantes textos na área da história, por exemplo, “Cronologia da história de Macau”.

⁵⁰ Cf. http://www.iscsp.utl.pt/edicoes/index.php?main_page=product_info&products_id=359, consultado em 2013-12-18.

⁵¹ Depois, em torno de 1990, Ana Maria Amaro foi se embora, abandonando o Instituto para Porto, e criou Instituto Português da Sinologia.

⁵² Cf. <http://macauantigo.blogspot.pt/2010/06/macau-em-palestras-18-junho-no-museu-do.html>, consultado em 2013-12-1.



16 Beatriz Basto da Silva

Graciete Batalha (1925 - 1992), publicou diversos trabalhos de grande utilidade, sobretudo no campo da cultura popular de Macau. É uma das personalidades portuguesas mais marcantes no panorama da cultura contemporânea de Macau. Foi membro do Conselho Legislativo de Macau, da Assembleia Legislativa de Macau e do Conselho Consultivo do Governador de Macau. Agraciada com o grau de Oficial da Ordem do Império (1973) e com a Medalha de Mérito Cultural (1984), recebeu ainda o Prémio Camilo Pessanha em 1991, atribuído pelo Instituto Português do Oriente. Entre as obras de Graciete Batalha, podemos referir: “Língua de Macau: o que foi e o que é” (1974), “Glossário do dialecto macaense: notas linguísticas, etnográficas, e folclóricas” (1977), “Poesia Tradicional de Macau” (1988), “Bom dia, s’tora: diário duma professora em Macau”⁵³, “O Português Falado e Escrito pelos Chineses de Macau ”(1995).⁵⁴

⁵³ Cf. <http://macauantigo.blogspot.pt/2009/09/graciete-nogueira-batalha-1925-1992.html>, consultado em 2013-12-3.

⁵⁴ Cf. <http://www.amazon.com/Graciete-Nogueira-Batalha/e/B001JWUJAE>, consultado em 2013-12-3.



17 Graciete Batalha

De todo o modo, sem prejuízo do mérito e relevância de tudo o que foi sendo produzido, poder-se-á considerar que a situação geral no que toca aos Estudos Chineses em língua portuguesa ficou sempre aquém do que se poderia considerar como, nem que embrionária, uma “nova escola” de Sinologia Portuguesa até 1979.

2.2. Panorâmica actual dos Estudos Chineses em Portugal

Em 1979, com o restabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e a China, Portugal, porventura impreparado, teria dificuldades em lidar com, e compreender, esse imenso e enigmático país (que, diga-se, estava também em profunda transformação), assim como lidar com o inevitável problema de Macau. Desaparecido o império colonial africano, as atenções voltaram-se para Macau, fosse nos meios políticos, empresariais, fosse também no meio universitário, o que se poderá considerar como um recomeço algo prometededor do despertar o interesse pelos Estudos Chineses em Portugal.

Neste contexto, pouco a pouco, os Estudos Chineses foram ganhando interesse por

parte de estudiosos portugueses. Algumas iniciativas, aqui e ali, surgiram. Em 1988⁵⁵, com a instituição da Fundação Oriente, foi dado um passo determinante no desenvolvimento, gradual, daqueles estudos, designadamente com o lançamento de cursos livres de Língua e Cultura Chinesas, no início dos anos de 90, designadamente nas Universidade do Minho, Universidade de Lisboa, Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, Universidade do Porto, etc., com estímulos financeiros interessantes por parte da já referida Fundação.

Nessa época, a maioria das tentativas junto de meios universitários não conseguiu ultrapassar o nível dos cursos livres para sensibilização e iniciação, com poucas exceções. No final da década de 90, a Universidade de Aveiro avançou com um Mestrado em Estudos Chineses, experiência que sofreu interrupções e alterações, mas que se encontra em funcionamento neste momento, embora com um figurino diferente. Na Universidade do Minho, nomeadamente no seu “Centro de Língua e Cultura Orientais” do Instituto de Letras e Ciências Humanas, nasceu um Curso de Especialização em Sinologia, que foi substituído em 2004 pela primeira Licenciatura em estudos Orientais (posteriormente “Línguas e Culturas Orientais”) na história do ensino superior do país.

Entretanto, com a transferência da administração de Macau, em 1999, houve algum esforço ao nível governamental bilateral luso-chinês para aprofundar estudos sobre as relações dos dois países, e, neste contexto, foi estabelecido o Centro Portugal-China de História e Ciência (中国—葡萄牙科学历史中心 *zhōngguó pútáoyá kēxué lìshǐ zhōngxīn*), sediado em Beijing, que, infelizmente, durou pouco.

As relações entre Portugal e a China eram (e são) muito boas, o problema de Macau foi resolvido da melhor maneira depois de intensas e profícuas negociações, o interesse pela China e mesmo uma certa sinofilia crescia, sobretudo com o

⁵⁵ Cf. <http://www.foriente.pt/1/a-fundacao.htm>, consultado em 2013-12-28.

desenvolvimento vertiginoso da Reforma e Abertura lançado sob o apadrinhamento de Deng Xiaoping (邓小平 *dèng xiǎopíng*), porventura com a compreensível excepção de um relativamente curto período após os lamentáveis incidentes de Tain'anmen (天安门 *tiān ān mén*). Neste contexto histórico, os Estudos Chineses foram paulatinamente reganhando cidadania na intelectualidade portuguesa.

Fora do âmbito estritamente universitário, podemos dar os exemplos do Instituto Português de Sinologia, estabelecido no Porto por Ana Maria de Amaro, que já referimos antes, ou o Observatório da China, de que falaremos adiante. De referir também alguém incontornável nesta fase de “reencontro” com a China, António Graça de Abreu, talvez o único português que viveu em Pequim e viajou pela China imediatamente após 1979. Traduziu poesia chinesa, embora não directamente do chinês, e publicou uma monografia intitulada “Toda a China”, tendo, desde então, ficado sempre ligado aos assuntos chineses.

Também, em torno de finais da década de 90, no âmbito de iniciativas universitárias, depois de tentativas menos conseguidas, a Universidade de Aveiro tenta recriar Estudos Chineses ao nível de mestrado. Já a Universidade do Minho foi dando passos prudentes mas bem alicerçados, tendo vindo a desenvolver até hoje com sucesso a oferta ao nível dos Estudos Chineses, desde a Licenciatura em Línguas e Culturas Orientais até a um Mestrado em Estudos Interculturais Português Chinês e programas doutorais, com um Departamento de Estudos Asiáticos constituído por docentes especializados. Particularmente sobre esta universidade falaremos desenvolvidamente no último capítulo deste trabalho.

Pelos exemplos já avançados e pelos dados mais circunstanciados que se seguirão, poderemos constatar que, depois de 1979, a situação dos Estudos Chineses em Portugal se começou a desenvolver, com avanços e recuos, com maiores ou menores sucessos ou insucessos. Com o rapidíssimo desenvolvimento da China, cada vez

mais pessoas se interessam pelas suas língua e cultura, estando a situação actual dos Estudos Chineses em Portugal também em expansão e afirmação constantes.

É neste quadro que tentaremos apresentar de seguida uma panorâmica actual dos Estudos Chineses em Portugal.

Como já foi referido, onde os Estudos Chineses a nível universitário, e não só, estão actualmente mais desenvolvidos é na Universidade do Minho, pelo que decidimos dedicar-lhe todo o terceiro capítulo deste trabalho, como consta do índice.

2.2.1. Instituto Politécnico de Leiria (IPL)

Seguramente, a segunda instituição, por ordem de relevância, que aqui deverá ser mencionada, é o Instituto Politécnico de Leiria (IPL)⁵⁶.

Lançou em 2007 uma Licenciatura em Tradução e Interpretação Português/Chinês e Chinês/Português, integrada na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, em parceria com o Instituto Politécnico de Macau (IPM). Até ao ano de 2010, os estudantes do IPL realizavam os primeiro e quarto anos letivos neste Instituto e os segundo e terceiro em Macau, na Escola de Línguas e Tradução do IPM. A partir dessa data, com mais uma parceira em Pequim com a *Beijing Language and Culture University* (BLCU), os estudantes do IPL passam a realizar os primeiro e quarto anos letivos em Leiria, o segundo em Pequim, na BLCU e o terceiro em Macau, no IPM. O objetivo deste curso é formar tradutores e intérpretes com domínio adequado das línguas portuguesa e chinesa para traduzir e interpretar de e para português e/ou chinês, capazes de dominar aspetos da natureza e funcionamento de ambas as culturas e sociedades.

⁵⁶ Todas estas informações foram retiradas do *website* do IPL e/ou por consulta pessoal via e-mail.

Em 2011 foi ainda Criado o Mestrado em Português e Chinês – Especialidade em Tradução e Interpretação. No seu programa curricular prevê-se a existência de dois ramos, um para alunos portugueses e outro para alunos chineses.

Este curso de mestrado aponta como resultados de aprendizagem a formação de especialistas em língua portuguesa e chinesa com vista ao desenvolvimento de competências teóricas e operacionais necessárias a uma inserção no mercado de trabalho nacional e internacional. As suas perspectivas profissionais poder-se-ão, desejavelmente, inserir-se nas áreas da tradução, interpretação e assessoria empresarial.

2.2.2. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa oferece uma Licenciatura em Estudos Asiáticos. Compreende seis semestres que permitem uma primeira formação e informação, específica e fundamentada, em Estudos Asiáticos. Os Estudos Asiáticos são um campo multidisciplinar de ciências sociais e humanas e de línguas asiáticas, vocacionado para o conhecimento das suas sociedades e culturas, no passado e no presente. Sendo um campo multidisciplinar das ciências sociais e humanas acerca da Ásia, estes estudos integram variadas tradições orientais, geográficas e regionais (Sinologia, Japonologia, Indianologia, Estudos Islâmicos, etc.). Os Estudos Asiáticos implicam também, entre outras, a articulação de áreas científicas como as Antropologia, Sociologia, História, Geografia, Economia, Ciência Política e o ensino de línguas asiáticas.⁵⁷

Além de três disciplinas propedêuticas: Introdução aos Estudos Asiáticos, Introdução à Geografia da Ásia, Fontes e Métodos para os Estudos Asiáticos, as unidades curriculares são divididas em três grandes grupos, a saber: Línguas,

⁵⁷ Cf. <http://www.fl.ul.pt/ensino/licenciaturas1o-ciclo/estudos-asiaticos/289-informacoes-gerais>, consultado em 2014-1-3.

Ciências Sociais e Humanas (Sociedade, Economia, Política), e Ciências Sociais e Humanas (Cultura). Todos os semestres, os alunos podem escolher livremente unidades curriculares de cada grupo. Como exemplos podemos referir Chinês I a VI; Ásia: Espaços e Tempos Globais; Ásia nas Políticas Externas Lusófonas Contemporâneas; China Antiga e Imperial; China dos Ming e dos Qing; China Republicana e Popular; Ecologia e Antropologia da Ásia; Europa – Ásia: processos de relacionamento; Culturas da China; Introdução às Literaturas Asiáticas; Introdução às Artes Asiáticas; Introdução às Religiões da Ásia; Introdução às Filosofias da Ásia; Portugal e a Ásia: relações Interculturais, etc.

2.2.3. Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa

No ano 2008, depois a instalação do primeiro Instituto Confúcio em Portugal na Universidade do Minho em 2006, realizou-se a cerimónia de abertura do Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa. Este Instituto Confúcio insere-se numa rede de universidades que, com o apoio das autoridades chinesas, procuraram desenvolver acordos e parcerias no campo do ensino, da cultura, da ciência e da tecnologia. Tem como parceira a Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin (ULET).

Os objectivos do Instituto são:

- *promover e propiciar o ensino da língua chinesa em Portugal;*
- *desenvolver estudos académicos e consciência pública da cultura chinesa;*
- *actuar como intermediário entre Portugal e a China, nos campos da linguística, educação, cultura e negócios, e facultar actividades educativas e de investigação que apoiem as ligações entre os dois países.*

Neste âmbito propõe-se a fomentar:

- o intercâmbio Portugal-China;
- o ensino da língua chinesa;
- a divulgação da cultura chinesa;
- os laços entre a comunidade empresarial portuguesa e os seus pares na China;
- a promoção de bolsas com ligação à China;
- a colaboração com outras universidades em Lisboa.⁵⁸

Também fornece um curso livre de língua chinesa. É um curso anual que proporciona uma introdução básica, intermédia ou avançada ao estudo da língua e cultura chinesas. No final do curso, será entregue ao aluno um certificado, conferido pela Universidade de Lisboa, pela Sede Central do Instituto Confúcio em Pequim, pelo Gabinete do Conselho Internacional da Língua Chinesa (Hanban) e pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin (UELET).⁵⁹

O investigador-docente português que trabalha nas áreas relacionadas com a China, Moisés Silva Fernandes (费茂实 *fèi mào shí*), é o director do Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa e membro correspondente do Núcleo de Estudos Asiáticos da Universidade de Brasília. Dedicar-se ao estudo de Macau nas relações luso-chinesas, de Timor nas relações luso-australo-indonésias, da política externa portuguesa contemporânea (factores exógenos, endógenos e governamentais), das políticas externas comparadas e das teorias de decisão e das negociações. As suas mais recentes publicações incluem os livros *Macau na Política Externa Chinesa 1949-1979* (Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2006), e *Sinopse de Macau nas Relações Luso-Chinesas 1945-1995* (Lisboa, Fundação Oriente, 2000), assim como vários trabalhos editados em revistas e actas académicas, em português, inglês e outros traduzidos para chinês. É ainda membro do Conselho Superior do Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

⁵⁸ Cf. <http://www.confucio.ul.pt/>, consultado em 2013-08-10.

⁵⁹ Idem.



18 Moisés Silva Fernandes (费茂实 fèi màoshí)

2.2.4. Universidade de Aveiro

A Universidade de Aveiro (UA) foi um dos pioneiros nos Estudos Chineses em Portugal. Iniciou a sua atividade com uma tentativa não sucedida, entre 1996 e 1999, mas, não obstante, apresenta ainda hoje resultados que devem ser tomados em consideração.

De modo geral, a atividade dos Estudos Chineses na UA divide-se em três áreas principais: ensino de língua, divulgação cultural, social e científica e atividades do Centro de Estudos Asiáticos.

O ensino da língua chinesa, tem vindo a merecer grande atenção por parte das estruturas pedagógicas da UA. A língua é ensinada na Licenciatura em Línguas e Relações Empresariais, do Departamento de Línguas e Culturas (DLC), durante três semestres letivos, e no mestrado em Estudos Chineses, do Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território, durante dois semestres letivos. No DLC é ainda ministrada a unidade curricular “Chinês - projeto de aplicação”, cujo objetivo consiste em pôr em prática os conhecimentos relativos à língua e cultura chinesas adquiridos anteriormente, tendo em conta as necessidades de empresas e negócios.

Para além disso, a língua chinesa é também ensinada no âmbito de Cursos Livres abertos a um público generalizado para além da própria Academia, organizados pelo DLC.

Quanto à divulgação cultural, social e científica, salientam-se iniciativas como conferências, seminários, palestras e exposições dedicados aos mais diversos temas.

O Centro de Estudos Asiáticos (CEA), criado em 1997, na UA, foi um dos primeiros em Portugal no que toca à oferta de cursos na área dos Estudos Chineses, estando, de momento, a revitalizar o CEA no sentido de “promover ativamente iniciativas que contribuam para a aquisição e disseminação de conhecimentos sobre países asiáticos nos domínios da Língua, História, Cultura, Política, Economia e Gestão, bem como fomentar a interação entre a UA e instituições de ensino superior de países Asiáticos”.⁶⁰

O Mestrado em Estudos Chineses foi criado em 1998, visando colmatar uma lacuna existente num país com uma longa e muito rica história de contactos com a China. Até ao ano lectivo de 2001/2002, o mestrado contou com cerca de 40 alunos. Depois de um interregno nas suas actividades, o mestrado reabriu no ano lectivo de 2007/2008, tendo, em 2010, ganho uma nova configuração baseada numa parceira estabelecida entre a UA e o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE/IUL). Retomadas as actividades e até ao ano letivo de 2011/2012, frequentaram o MEC cerca de 21 estudantes, dos quais 4 finalizaram a sua graduação. Com base no trabalho de dissertação dos alunos, tem sido desenvolvida investigação relevante no campo dos Estudos Chineses, focada em temas diversos como o turismo, o desenvolvimento sustentável, a eficiência energética ou o papel da China no contexto económico global.

⁶⁰ Cf. <http://www.ua.pt/dcspt/cea/>, consultado em 2014-2-24.

2.2.5. Universidade de Coimbra

Os Estudos Chineses na Universidade de Coimbra (UC), se exceptuarmos os tempos idos e áureos dos séculos XVI a XVIII, iniciam-se com uma pequena biblioteca dedicada a esta área, não tendo, no entanto, tal iniciativa grande desenvolvimento. Actualmente, organizam-se cursos livres de Língua e Cultura Chinesas na Faculdade de Letras.

*Já existiram Estudos Orientais em Coimbra há muitos anos. Depois deixaram de existir. Estamos convencidos de que vamos conseguir repô-los em funcionamento pleno e até com mais expressão do que tiveram no passado. É um objectivo muito firme.*⁶¹

Vincou o reitor da UC, João Gabriel Silva, em conversa com a imprensa em Janeiro de 2014. Revelou também querer criar um centro de Estudos Chineses.

*Estamos também a trabalhar ativamente para a criação em Coimbra de um Instituto de Estudos Chineses, que seja um local onde se estude a história das relações com a China, mas, acima de tudo, que se dedique a estudar as relações actuais e os seus problemas, e a identificar as oportunidades e a apontar caminhos futuros.*⁶²

Ainda não foram estabelecidos prazos para a criação do novo departamento. O reitor afirmou ainda:

⁶¹ Cf. <http://pontofinalmacau.wordpress.com/2014/01/14/coimbra-quer-criar-centro-de-estudos-chineses/>, consultado em 2014-2-1.

⁶² Idem.

Nestas coisas, se calhar aprendendo com a cultura chinesa da paciência, nós preferimos se for necessário demorar mais tempo mas chegar lá com qualidade. O que queremos fazer é um bom instituto de estudos chineses. Não só língua e cultura, mas relações económicas. Será uma espécie de ‘think tank’, mas o figurino não está desenhado. ⁶³

Além disso, a UC irá organizar, juntamente com a Universidade de Minho, o XX Congresso da Associação Europeia dos Estudos Chineses (第二十届欧洲汉学学会国际大会 *dì èrshí jiè ōuzhōu hàn xué xué huì guó jì dà huì*), em julho de 2014.

2.2.6. Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM)⁶⁴

O Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM) é um Instituto Público afeto ao Ministério da Educação e Ciência, vocacionado para a abordagem de assuntos relacionados com a China, assim como para o universo das relações entre Portugal, e a Europa, com a China e a Ásia Oriental. Muito em especial, para temas e questões luso-chinesas, passado e presente, e a realidade internacional que é o território de Macau, fronteira multissecular por excelência da China com o ocidente e, em particular, com Portugal.

O CCCM é, também, um espaço de estudo e ensino das língua, cultura e história chinesas. Uma ponte da cooperação Portugal-China que, passo a passo, lança sementes para futuras gerações de sinólogos portugueses e especialistas chineses nas língua e cultura chinesas.

O CCCM é um centro de investigação científica, de formação contínua avançada, de

⁶³ Idem.

⁶⁴ Cf. <http://www.cccm.pt/page.php?itemh=0&lang=pt>, consultado em 2013-10-10.

alta divulgação cultural e de informação especializada. Cumpre estas funções através de equipas de investigação, de um Museu e de uma Biblioteca Especializada.

Centro de investigação na área das ciências sociais, desenvolve, em equipa e rede multidisciplinares, projectos de investigação orientada para as relações, internacionais e interculturais, Portugal/Europa - China/Ásia Oriental, para além de uma orientação particularmente virada para a civilização chinesa. Promove uma investigação orientada articulando ciências sociais, como história, geografia, sociologia, antropologia, economia, linguística, estudos culturais e politologia, e ciência e tecnologia.

No horizonte dos anos de 2006 a 2017, trata-se de investigar as relações interculturais e internacionais, em especial, durante as dos séculos XVI, XVII e XVIII, entre Portugal/Europa e China/Ásia Oriental. O presente á no entanto, uma dimensão sempre prosseguida com destaque para as relações internacionais, políticas e económicas, científicas e tecnológicas.⁶⁵

Investigação nos domínios da história das ideias e das representações, da economia e da política, das ciências e da tecnologia. Historicidade de fenómenos de parceria, transferência, adaptação, sincretização, aculturação mútua de grupos e indivíduos que moldaram a comunicação Portugal/Europa e China/Ásia Oriental, designadamente também em áreas que vão desde a astronomia, matemática, geografia até às línguas, cartografia, medicina, etc., assim como a música e a arte em geral. De referir ainda a atenção

⁶⁵ Idem.

dedicada às eco tecnologia, economia e politica, instituições e sociedade, ética e crenças religiosas.

Em estreita cooperação com outros centros de investigação e universidades, nacionais e estrangeiras, o CCCM promove um vasto leque de transmissão formativa nas áreas da Sinologia, desde a língua e cultura/pensamento, até às realidades socioculturais múltiplas do universo chinês, no passado e no presente, bem como, das relações luso-chinesas (desde os períodos Ming e Qing aos nossos dias) e da história, sociedade e cultura de Macau, no passado e no presente. Formação, também, em domínios das ciências sociais e humanidades, que impliquem ou sejam fruto das relações entre a Europa e a China, passadas, presentes e futuras.⁶⁶

A Biblioteca do CCCM fornece ainda documentação especializada nas áreas da Sinologia e das História e Cultura da Ásia Oriental. Integra-se e está articulada em rede com outras bibliotecas e arquivos nacionais e estrangeiros.

A Biblioteca do CCCM é em Portugal o mais completo núcleo documental sobre Macau e a China, em especial, a China *Ming* e *Qing*, destinada a um público universitário e a investigadores nacionais e estrangeiros, que podem encontrar variadas colecções documentais e bibliografia actualizada em diferentes línguas.

No CCCM existe também o Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas que visa a aprendizagem oral em mandarim e a capacidade de escrita em chinês. Funciona em seis módulos, de 1 a 6, durando cada módulo quatro meses com aulas semanais de duas horas. Nestas duas horas, 90 minutos são dedicados à aprendizagem da língua

⁶⁶ Idem.

chinesa e os restantes 30 minutos à abordagem de temas específicos da história e cultura chinesas. Este curso, destinado a diferentes níveis etários e de aprendizagem, decorre em dois ciclos, de Fevereiro a Junho e de Outubro a Fevereiro. O Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas tem a coordenação da Professora Wang Suoying (王锁瑛 *wángsuǒ yīng*) e, ao longo dos anos de 2007 e 2008, tem sido reforçado em termos de turmas e de docentes.



19. Professora Wang Suoying (王锁瑛 *wáng suǒyīng*)

Iniciados em 2007, os cursos de formação contínua do CCCM cresceram sob o signo das Relações Luso-Chinesas. O primeiro, sob a coordenação de Moisés Silva Fernandes (U. Lisboa) foi acerca das Relações Contemporâneas entre Portugal e a China. No mesmo ano, decorreu o segundo, acerca das Relações Luso-Chinesas no Período *Ming* sob a coordenação de Luís Filipe Barreto (U. Lisboa/CCCM).

Em 2008 surgiu o terceiro Curso de Formação Contínua em Relações Luso-Chinesas, agora dedicado ao Período *Qing* e sob a coordenação de Jorge Santos Alves (U. Católica).

A Sinologia é uma das prioridades do CCCM na investigação e formação. Os cursos de formação contínua, a partir de 2008, concretizam esta aposta com, por exemplo, o curso acerca do Pensamento Clássico Chinês sob a responsabilidade de António

Barrento.

No CCCM decorrem, regularmente, ciclos de conferências e conferências singulares acerca da China e das relações Europa-China, no passado e no presente. Conferencistas nacionais e estrangeiros abordam temas tão variados como as Navegações de *Zheng He*, *Sun Yat Sen*, as relações interculturais Europa-Ásia Oriental, o Islão Chinês, introdução à Sinologia, Artes e Caligrafia Chinesas, etc.



20 Museu da CCCM



21 Dentro do Museu



22 Exterior da Biblioteca do CCCM

2.2.7. Fundação Oriente

A Fundação Oriente é também uma instituição que se debruça, talvez maioritariamente, sobre os Estudos Chineses. Fundada em 18 de Março de 1988, a Fundação Oriente foi possibilitada pela “Sociedade de Turismo e Diversões de Macau” (STDM), como uma das contrapartidas propostas pela, à altura, Administração de Macau à concessão em regime exclusivo da exploração do jogo naquele território até 31 de Dezembro de 2001. Em 20 de Junho de 1997, após consultas entre ambas as partes, e com a anuência da Fundação Oriente, foi entendido pelo Grupo de Ligação Luso-Chinês, tutelado pelos Ministérios dos Negócios Estrangeiros de Portugal e da República Popular da China, que, com efeitos a partir de Janeiro de 1996, os rendimentos regulares previstos no contrato para a concessão do exclusivo da exploração do jogo no Território de Macau deixavam de ser atribuídos à Fundação Oriente e passariam a ser entregues a uma nova fundação, a constituir em Macau. Quebrou-se deste modo o elo que, desde 1988, unia a Fundação Oriente ao contrato do jogo em Macau. A Fundação Oriente Integra o grupo das 20 maiores fundações europeias e é membro fundador do *European Foundation Centre* (EFC), com sede em Bruxelas, associação que congrega cerca de duas centenas das mais importantes fundações da Europa para além de colaborar com outras 7000 organizações não lucrativas de 35 países. Em Portugal, a Fundação Oriente liderou o processo de criação do Centro Português de

Fundações (CPF) que viria a ser constituído em 1993, em parceria com a Fundação Eng. António de Almeida e a Fundação Calouste Gulbenkian. A Fundação tem sede em Lisboa e delegações na Região Administrativa Especial de Macau, na Índia e em Timor-Leste.

A Fundação Oriente tem por fim a prossecução de acções de carácter cultural, educativo, artístico, científico, social e filantrópico, a desenvolver designadamente em Portugal e em Macau, e que visem a valorização e a continuidade das relações históricas e culturais entre Portugal e o Oriente, nomeadamente a China.



23 Exterior do Museu do Oriente

A abertura do Museu do Oriente, em 2008, marcou um novo ciclo na vida da Fundação. A ideia de abrir em Lisboa um museu dedicado ao Oriente coincide com a instituição da Fundação Oriente, em 1988. As suas colecções de arte portuguesa e asiática são a demonstração mais elevada dos encontros históricos entre o Ocidente e o Oriente. No mesmo sentido, as colecções que reúnem as tradições culturais da Ásia inteira são a demonstração da sua riqueza, da sua pluralidade e do seu génio, que queremos possa ser melhor conhecido em Portugal e na Europa. Além disso, também se realizaram muitas actividades regulares. O Centro de Documentação António Alçada Baptista consiste na promoção do conhecimento sobre a Ásia

Oriental, a Ásia do Sul e do Sudeste, em especial nas suas relações com Portugal, no âmbito das ciências sociais e humanas, através da disponibilização e difusão de recursos informativos.⁶⁷



24 Centro de Documentação António Alçada Baptista

2.2.8. Observatório da China

Há ainda a considerar, em Lisboa, o Observatório da China. Trata-se duma Associação para a Investigação Multidisciplinar em Estudos Chineses, tendo como finalidade contribuir para a divulgação do conhecimento sobre a China em Portugal, através da realização de actividades multidisciplinares de investigação, designadamente: 1. Promoção de iniciativas que visem o desenvolvimento e divulgação de trabalhos de investigação sobre a China; 2. criação de uma rede nacional de investigação em Estudos Chineses; 3. organização de eventos descentralizados de modo a estimular a troca de experiências e debates de opinião; 4. cooperação com entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras, em várias áreas do conhecimento; 5. acompanhamento e a produção de relatórios periódicos sobre a evolução da realidade económica, política, cultural e social da China; e 6. edição de publicações em formato papel e digital.

⁶⁷ Cf. <http://www.foriente.pt/>, consultado em 2013-12-23.

Os trabalhos do Observatório da China estão divididos nas seguintes áreas: Política e Relações Internacionais, História, Economia e Gestão Empresarial, Cultura e Sociedade, Ambiente e Recursos Energéticos.

O Observatório tem como parcerias e apoios a Fundação Jorge Álvares, Fundação Oriente, Casa de Macau de Portugal, Diário de Notícias e União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa.⁶⁸

2.2.9. Outras universidades

Além destas universidades e instituições, também há outras Universidades que fornecem cursos de chinês, designadamente, as Universidade Nova de Lisboa, Universidade do Porto e Universidade Católica Portuguesa⁶⁹.

⁶⁸ Cf. [http://www.observatoriodachina.org/matrix.php?pagina=1&lingua=\\$lingua](http://www.observatoriodachina.org/matrix.php?pagina=1&lingua=$lingua), consultado em 2013-12-4.

⁶⁹ Podia consultar a página oficial da Universidade Católica Portuguesa http://www.fch.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?SSPAGEID=1009&lang=1&artigoID=5202.
NdA.

CAPÍTULO III

Estudos Chineses na Universidade do Minho

3.1. Breve contextualização histórica

Como já referimos, depois de 1979 houve várias tentativas em Portugal no sentido do desenvolvimento dos Estudos Chineses. Pode-se referir, no entanto, que a Universidade do Minho constitui o melhor exemplo de sucesso até hoje.

Os Estudos Chineses na Universidade do Minho iniciaram-se em 1991, com a criação de um Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas, o primeiro na Universidade Portuguesa, com sede no Instituto de Letras e Ciências Humanas e financiado pela Fundação Oriente. O Curso acompanhava os seus melhores alunos para Cursos Intensivos de Verão na Universidade de Línguas e Culturas de Beijing (BLCU).



25 Cartaz do Curso Livre Língua e Cultura Chinesas 1991-1992

Em 1997 criou-se o Centro de Línguas e Culturas Orientais, continuando com a oferta de cursos livres de língua e cultura, bem como um Curso Bienal de Sinologia (Estudos Chineses), com quatro professores e um número global de estudantes seguramente interessante e, em certa medida, surpreendente, pese embora não tenhamos dados quantificados.



26 Cartaz do Curso Bienal de Sinologia

Por ocasião da passagem da administração do Território de Macau para Beijing (回归 *huíguī*), em 1999, realizaram-se uma série de actividades culturais subordinadas ao título “O Despertar do Dragão” (醒龙 *xǐnglóng*).



27 Cartaz de “O Despertar do Dragão” (醒龙 *xǐnglóng*)

Em 2004, a primeira Licenciatura em Estudos Orientais do país foi criada, posteriormente reformulada de acordo com Bolonha enquanto Licenciatura em

Línguas e Culturas Orientais. O Curso passou a usar o Exame Oficial de Chinês (HSK *hànyǔ shuǐpíng kǎoshì*) como critério último de avaliação, sendo o objectivo levar os alunos ao nível IV, ou V, no termo de três anos de escolaridade.

Foi ainda no contexto desta Licenciatura que o então Centro de Línguas e Culturas Orientais, em colaboração e financiado pela Associação Europeia de Estudos Chineses (EACS), a *European Foundation* e a Fundação Oriente, organizou um *Summer School in Chinese Studies*. (veja-se cartaz imediatamente em baixo)



28 Summer School in Chinese Studies (setembro, 2005)

Tratou-se de uma iniciativa de grande relevância para a afirmação dos Estudos Chineses na Universidade do Minho, designadamente pelo envolvimento ativo de instâncias de nível europeu como as instituições já referidas e a participação de uma dezena de sinólogos e *scholars* de reconhecimento internacional, bem como de aproximadamente meia centena de alunos participantes provenientes dos mais diversos países europeus. Terá sido com esta iniciativa que Portugal passou a estar no mapa dos Estudos Chineses a nível global.

Em Setembro de 2005, o Vice-Ministro da Educação, Dr. Zhang Xinsheng e o Vice-director do *Hanban* (Gabinete Nacional de Divulgação do Chinês no Mundo), Dr. Zhao Guocheng, visitaram a Universidade do Minho, a fim de avaliar o nível do ensino de chinês nesta instituição, e decidiram, depois da visita, instalar um Instituto Confúcio nesta Universidade. No dia 5 de Dezembro de 2005 estabeleceu-se o Instituto Confúcio da Universidade do Minho.

A 10 de Dezembro do mesmo ano, durante a visita oficial do Primeiro-Ministro Chinês, Wen Jiabao, foi assinada a “Declaração de Intenções” para a instalação do referido Instituto Confúcio, no Palácio de Queluz, e a Placa de Identificação do mesmo entregue oficialmente ao Reitor da Universidade do Minho, Prof. Doutor António Guimarães Rodrigues. No dia 5 de Julho de 2006, durante a Conferência dos Institutos Confúcio do Mundo em Pequim, foi assinado o Protocolo de Execução do Instituto Confúcio, entre a Universidade do Minho e o *Hanban*. O Instituto Confúcio da Universidade do Minho, dentro das suas possibilidades, tem desenvolvido apoios ao nível do ensino do Chinês e de outras atividades de âmbito cultural e científico, designadamente:

- Utilização das novas tecnologias de informação e comunicação ao serviço do ensino e da aprendizagem da Língua Chinesa.
- Disponibilização de professores estagiários e de material didático no sentido do desenvolvimento e promoção do ensino do chinês ao nível de ensino secundário.
- Formação de professores de chinês, tanto para o ensino secundário como para o ensino superior.
- Realização do Exame Nacional de Língua Chinesa (*Hanyu Shuiping Kaoshi* - HSK) e outros exames comprovativos do nível de Língua Chinesa como língua estrangeira.

- Organização de cursos especializados em áreas designadamente de comércio e turismo virados para a comunidade exterior e cursos em regime de *e-learning*.
- Fornecimento de certificados para o tipo de cursos referidos anteriormente.
- Organização de atividades académicas e competições relacionadas com a língua e cultura chinesas;
- Exibição de filmes e programas televisivos chineses.
- Disponibilização de serviços de apoio para alunos interessados em estudar na China.
- Apoio a candidaturas a bolsas do Governo Chinês a alunos interessados em estudar na China.
- Disponibilização de recursos bibliográficos a nível didático, académico e profissional.⁷⁰

No dia 5 de Julho de 2006, durante a Conferência dos Institutos Confúcio do Mundo em Pequim, foi assinado o Protocolo de Execução do Instituto Confúcio entre a Universidade do Minho e o *Hanban*.

Em 2008 lançou-se o mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês. Com o diploma oficial HSK V (ou VI) obtido no fim do primeiro ano lectivo desde curso de segundo ciclo, ou seja, ao fim de quatro anos de escolaridade (sendo que o último é passado na China). No segundo ano do Curso de Mestrado, um leque de saberes científicos nas áreas da tradução, do ensino de chinês língua estrangeira e de português língua estrangeira, da comunicação intercultural e empresarial, matérias abordadas curricularmente no 3º semestre do curso, prepara o aluno para uma redacção de dissertação ou estágio e respetivo relatório. Estes cinco anos de escolaridade equipam os formandos com capacidade linguística e cultural (intercultural) para o mercado de trabalho como docente, tradutor ou agente nas áreas culturais e empresariais.

⁷⁰ Cf. <http://www.confucio.uminho.pt/sobre/objectivos>, consultado em 2014-1-5.

No mesmo ano foram definidas três áreas científicas para efeitos de doutoramento: Linguística de Chinês, Cultura Chinesa e Literatura da China.

Todo este trabalho tem sido acompanhado pela EACS. Foi neste contexto que, em 2009, se realizou um segundo *Summer School*, organizado no âmbito do Mestrado em Estudos Interculturais Português Chinês, com o já referido apoio da EACS e da Fundação Oriente. Diferentemente do primeiro e já referido *Summer School* ocorrido em 2005, com 56 alunos de 16 países europeus e dez professores (todos académicos seniores e membros da EACS), o segundo *Summer School* focou-se numa maior especialização. Definiu um *numerus clausus* 30 participantes e concentrou o seu trabalho em áreas da tradução, oferecendo aos participantes uma oportunidade de aprendizagem e prática da tradução do chinês, sob a orientação de três instrutores especializados.

Este *Workshop on Cross-cultural Translation* teve a duração de uma semana com seminários como: *Tradição e Prática da Tradução na Europa Ocidental e de Leste de Textos Chineses (Translation Tradition and Practice in West Europe, East Europe and China, 欧洲与中国的翻译传统和翻译实践 ōuzhōu yǔ zhōngguó de fānyìchuántǒng hé fānyì shíjiàn)*; *Tradução na China (中国翻译实践 zhōngguó fānyì shíjiàn)*; *Tradução dos Clássicos Chineses (Translation of Chinese Classics, 中国文化典籍英译 zhōngguó wénhuà diǎnjí yīngyì)*; e *Interactive Lectures: Translation and the Translator (师生互动式讲座: 翻译实践和翻译者的职能 fānyì shíjiàn hé fānyìzhě de zhínéng)*. Os trabalhos desenvolveram-se sob a orientação dos Professores Roman Shapiro (Moscou, Rússia), Valérie Pellatt (Newcastle, UK), bem como de Wang Hongyin (王宏印 wáng hóngyìn, Departamento de Tradução do Instituto de Línguas Estrangeiras da Universidade Nankai, China).

E Julho de 2014, a Universidade do Minho organizará, em cooperação com a Universidade de Coimbra, a Vigésima Conferência daquela Associação.

3.2. Licenciatura em Línguas e Culturas Orientais⁷¹

A primeira Licenciatura em Línguas e Culturas Orientais do país foi criada na Universidade do Minho em 2004. O Curso usa o exame oficial de chinês HSK como critério último de avaliação, sendo o objectivo levar os alunos ao nível IV, ou V, no termo de três anos de estudo / aprendizagem, como já foi referido.

Trata-se de uma licenciatura de seis semestres letivos (de acordo com Bolonha) com o núcleo duro no ensino das línguas chinesa e japonesa (faladas e escritas), sendo o Chinês *major*, e uma orientação forte para o mundo empresarial e para o mercado de trabalho. Está prevista uma estadia na China com a duração de um ano, para aprofundamento da língua, em sede de 2º Ciclo (Mestrado em Estudos Interculturais Português Chinês), o que se tem verificado.

O Curso de Licenciatura, não obstante a grande dificuldade do ensino e aprendizagem simultâneos das línguas chinesa e japonesa, propõe-se lançar no mercado de trabalho diplomados com um nível de competência linguística (oralidade e compreensão, capacidade de tradução e interpretação, capacidade de leitura de texto escrito, designadamente periódicos, cartas comerciais, texto diplomático, etc., e capacidade de redação), que lhes permitam a execução profissional de tarefas correspondentes a tais competências.

O que se pretende é dar ao aluno uma formação, em termos de língua, oral e escrita,

⁷¹ Todas as informações contidas neste capítulo foram retiradas de <http://www.uminho.pt/estudar/oferta-educativa/cursos/licenciaturas-e-mestrados-integrados>, sendo a sua apresentação quase textual.

suficientemente aprofundada e sólida que lhe permita, mediante a continuação do seu esforço de aprendizagem, um nível que se possa considerar sólido.

Deve ainda referir-se que, pese embora o peso maioritário dado à vertente língua deste Curso, tal deve ser compreendido no quadro muito específico do Chinês, e, por sua influência, do japonês. De facto, as cultura e civilização chinesas apenas podem ser satisfatoriamente compreendidas e estudáveis por intermédio da sua escrita. A escrita chinesa contém em si todas as fontes de informação e aprendizagem das suas cultura e civilização.

Com o intuito de reforçar esta muito específica característica do chinês, pretende-se orientar a aprendizagem da língua e escrita num duplo sentido (escolha judiciosa do universo de caracteres, análise atenta da sua história e da função semiográfica dos seus radicais e/ou outros elementos, seriação atenta de frases e grupos de frases em contextos comunicacionais com carga social, cultural e civilizacional próprias) que, por um lado, permita a sua inserção em situações que possibilitem uma boa metodologia de aprendizagem, designadamente no que se refere ao auxílio indispensável à memorização de um número elevado de caracteres, mas por outro tenha a função subsidiária, mas não despreciada, de fornecer preciosa e abundante informação do mundo das cultura e civilização chinesas e japonesas.

- *Compreender texto falado e escrito, não literário, aos mais diversos níveis de dificuldade, nas mais diversas situações profissionais e outras, nas mais distintas áreas do saber e do agir;*
- *Redigir texto escrito nas mais variadas situações e necessidades, designadamente de ordem profissional, compreendendo os diferentes tipos de redação, conforme a situação, a área profissional, os objectivos pretendidos, o interlocutor, etc.;*

- *Traduzir texto falado e escrito, não literário, em situação previsível pelos mais frequentes cenários profissionais, e outros;*
- *Considerar as mais relevantes e sensíveis diferenças e especificidades culturais, no sentido de uma boa comunicação em que aquelas diferenças não sejam impeditivas mas potenciadoras do bom relacionamento;*
- *Comunicar conteúdos dos mais diferentes tipos, assegurando prudência e sensibilidade intercultural, no sentido de fazer passar a mensagem adaptada a outros contextos culturais;*
- *Discernir sensibilidade intercultural, ou ausência dela, da parte do interlocutor, no sentido de colmatar possíveis falhas de comunicação e assegurar as devidas pontes para a boa compreensão recíproca.⁷²*

No plano de estudos da sua vertente chinesa, a que nos interessa neste trabalho e que, como já indicado, é a maioritária, podemos considerar áreas curriculares como: Chinês Moderno de I a VI (no mínimo HSK IV), Cultura Popular Chinesa, Geografia da China, História e Cultura Chinesas I e II, Chinês Comercial e Turístico e Estudos Interculturais Portugal China.

Como se poderá verificar, e de alguma maneira já foi referido, embora o foco esteja no ensino e aprendizagem das língua e escrita, não foram também descurados os *fundamentals* de cultura e civilização. Consta da filosofia primeira desta licenciatura, sobre a qual tudo assenta, esta máxima: não se aprende língua sem cultura, não se aprende cultura sem língua.⁷³

⁷² Idem.

⁷³ Informação obtida junto da directora do(s) Curso(s), Doutora Sun Lam.

3.3. Mestrado na Universidade do Minho em Estudos Interculturais Português/Chinês

Como já referimos, em 2008 lançou-se o Mestrado em Estudos Interculturais Português Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, tendo designadamente como objetivo a obtenção de diploma oficial HSK V (ou VI), obtido no termo do primeiro ano lectivo deste curso de segundo ciclo, ou seja, ao fim de quatro anos de escolaridade (sendo que o último é passado na China). No segundo ano do curso de mestrado, um leque de saberes científicos nas áreas da tradução, do ensino de chinês língua estrangeira e de português língua estrangeira, da comunicação intercultural e empresarial, matérias abordadas curricularmente no 3º semestre do curso, preparam o aluno para uma redacção de dissertação ou estágio e respetivo relatório. Estes cinco anos de escolaridade equipam os formados com capacidade linguística e cultural (intercultural) para o mercado de trabalho nas áreas das docência e tradução ou no âmbito do mundo cultural e empresarial.

O público-alvo deste Mestrado não é apenas o grupo de estudantes que todos os anos se licenciaram em chinês na Universidade do Minho, mas também estudantes de universidades chinesas licenciados em Português, para além de tantos quantos, em condições de o fazer, se candidatam ao mesmo.

Será claramente um mestrado para estudantes chineses de português e estudantes portuguesas de chinês.

Os objectivos deste Mestrado focam-se na preparação dos mestrandos para o exigente mercado de trabalho que, de um modo ou de outro,

tenha relações ou interesses com as áreas e culturas chinesas e portuguesas.

Pretende-se equipar o mestrando com competência linguística, capacidade comunicacional e sensibilidade cultural que lhe permita o contacto eficaz, direccionado para os agentes económicos e culturais, ou outros, daqueles mercados, num estabelecer de pontes entre as duas sociedades.⁷⁴

As línguas de trabalho são o Português e o Chinês, funcionando no seu 2º ano com turmas bilingues.

Seguindo de perto a documentação disponível, os objetivos de aprendizagem e formação deste Curso são:

- *Compreender texto falado e escrito, não literário, aos mais diversos níveis de dificuldade, nas mais diversas situações profissionais e outras, nas mais distintas áreas do saber e do agir;*
- *Redigir texto escrito nas mais variadas situações e necessidades, designadamente de ordem profissional, compreendendo os diferentes tipos de redação, conforme a situação, a área profissional, os objectivos pretendidos, o interlocutor, etc.;*
- *Traduzir texto falado e escrito, não literário e literário moderno, em situação previsível pelos mais frequentes cenários profissionais, e outros;*
- *Considerar as mais relevantes e sensíveis diferenças e especificidades culturais, no sentido de uma boa comunicação em que aquelas diferenças não sejam impeditivas mas*

⁷⁴ Idem.

potenciadoras do bom relacionamento;

- *Comunicar conteúdos dos mais diferentes tipos, assegurando prudência e sensibilidade intercultural, no sentido de fazer passar a mensagem adaptada a contextos culturais outros;*
- *Discernir sensibilidade intercultural, ou ausência dela, da parte do interlocutor, no sentido de colmatar possíveis falhas de comunicação e assegurar as devidas pontes para a boa compreensão recíproca.*
- *Distinguir situações a nível empresarial que impliquem sensibilidade intercultural e especialização lexical.*
- *Dominar competências e sensibilidade ao nível do ensino do Chinês Língua Estrangeira ou Português Língua Estrangeira.*
- *Discernir sensibilidades interculturais no acto da tradução, com capacidade para as transferências adequadas ao nível de linguagem e dos códigos inseridos num quadro sociocultural de uma língua para a outra, em todos os níveis (literatura, documentário, cinema, arte, etc.), com um conhecimento básico sobre o funcionamento dos meios editoriais e da comunicação social;*
- *Gerir situações pedagógicas enquanto formadores, em contexto escolar e empresarial, como base em fundamentos didáticos e psico-cognitivos do ensino e da aprendizagem da língua chinesa por portugueses e da língua portuguesa por chineses, com uma visão clara das dificuldades e interferências provenientes da língua materna.*
- *Dominar terminologia específica de determinadas áreas empresariais em ambas as línguas, com sensibilidade para os aspectos interculturais do empreendedorismo.*⁷⁵

⁷⁵ Idem.

Este ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre procura formar perfis *market oriented* sobretudo em geografias e culturas que tenham que ver com o Extremo Oriente, nomeadamente nas áreas da tradução, da formação e da comunicação empresarial, concebendo estes conceitos no seu sentido o mais alargado possível.

*É do conhecimento generalizado a importância desta vastíssima área, densamente povoada e em crescimento acentuado e agressivo, inevitavelmente liderada pela China e pelas suas língua e cultura. Torna-se, assim, óbvia a relevância desta área no que concerne a oportunidades no campo empresarial e, em geral, no mercado de trabalho.*⁷⁶

Especificando um pouco os referidos perfis que se desenham com o Curso de Mestrado, distinguiríamos a) um perfil direccionado no sentido da tradução; b) um perfil direccionado no sentido da formação/ensino (Chinês a portugueses e Português a chineses); e c) um perfil direccionado no sentido da comunicação empresarial e intercultural. Isto visando desenvolver nos mestrandos:

- *Capacidade da compreensão e acção ao nível da formação de Chinês a portugueses e Português a chineses;*
- *Capacidade de enfrentar e executar tarefas ao nível da tradução do Chinês para o Português e do Português para Chinês, a um primeiro nível de textos técnicos e comerciais, e, porventura, a um nível futuramente mais aprofundado de texto literário;*
- *Capacidade para enfrentar situações de intercâmbio empresarial*

⁷⁶ Idem.

*em contexto intercultural, com o que tal significa ao nível da compreensão das sensibilidades comportamentais históricas, idiossincráticas das duas culturas em presença.*⁷⁷

No âmbito deste Mestrado tem sido muito rica a produção de dissertações e relatórios de estágio, muito deste material susceptível de publicação, por vezes com alguns acertos aqui e ali, por iniciativa do Instituto Confúcio da Universidade do Minho. Apenas a título de exemplo e sem quaisquer pretensões a exaustão, proporia um rápido passeio pelas variadas matérias e títulos já produzidos, como segue:

- Exercício *da China Central Television* na América Latina (2012, Marta Sofia Teixeira Carvalho Leite).
- Estudos Comparativos sobre as Atitudes de Procriação nos Contextos Chinês e Português (1973-2013) (2013, Xu Mengze).
- Análise Breve de Imagens Recíprocas nos *Media* na China e em Portugal (2013, Zhang Gong).
- A Comparação do Conceito de Amor nos *Analectos* de Confúcio e no Novo Testamento (2013, Xiao Yuerong).
- Os Valores Familiares nos Contextos Português e Chinês na Atualidade : um Estudo sobre a Faixa Etária dos 20 aos 35 anos (2012, Liao Yiran).
- 是 *shì*, 有 *yǒu* e 在 *zài*. Aprendizagem, Tradução e Dificuldades Recorrentes em Contexto Contrastivo (2011, Lu Yawei).
- Provérbios e Expressões Idiomáticas em Português e Chinês (2012, Liu Mengru).
- Cinco Séculos após os Jesuítas Portugueses, Catolicismo na Província de Zhejiang (2012, Xiong Qiangqiang).
- A Comunidade Chinesa em Portugal: acerca de actividades económicas, associativismo, integração e a segunda geração (2012, Ding Ning).
- Colecções de Porcelana Chinesa em Portugal (Braga e Guimarães) (2011, Chen

⁷⁷ Cf. <http://www.uminho.pt/estudar/oferta-educativa/cursos/mestrados>, consultado em 2013-12-13.

Kuang).

- Experiências no Comércio Internacional: da Logística às Barreiras Culturais (2012, Ana Sofia Martins Pinto).
- O Ensino do Chinês nas Escolas (2011, Ana Catarina Rodrigues Azevedo).
- A Influência das Culturas Individuais num Ambiente Empresarial Multicultural (2012, Gonçalo Miguel Carvalho e Silva).
- Caminhos Marítimos para a China no século XXI- Trâmites de Importação e Exportação (2012, Miguel Maria Pinto Taxa da Cruz).

3.4. Doutoramento(s)

A partir do ano de 2008, alunos com o grau de Mestre em Estudos Interculturais Português Chinês avançaram para doutoramento, em três áreas científicas específicas: Linguística do Chinês, Cultura Chinesa e Literatura Chinesa, havendo neste momento cinco projectos de doutoramento como segue:

- *Revisitar a História do Diálogo Sino-Português: A Influência Chinesa na Cultura Portuguesa do Chá - Produção, Utilização e Efeitos Socioeconómicos* (2012, Rui Silva);
- *Os Equivalentes Portugueses de Três Marcadores Aspectuais do Chinês: “了 le”, “着 zhe” e “过 guo”. Uma Abordagem Didáctica* (2013, Lu Yawei);
- *O “Ser Português” e o “Outro”: Revisitar a História de Portugal no Diálogo com a Civilização Chinesa - O caso Tomás Pereira* (2011, Song Haoyan);
- *Inteligências Múltiplas e Aprendizagem de Chinês Língua Estrangeira: Novas Metodologias* (2013, Bruna Patrícia Cardoso Peixoto);

- *A Disciplina de Laboratório no Contexto de Ensino de PLE na China: da Teoria à Prática* (2011, Zheng Shanpei).

Fundamental será também, seguramente, evidenciar os recursos humanos afetos aos dois cursos, Licenciatura e Mestrado (e Doutoramento). Estamos perante um corpo docente constituído por um Professor Catedrático, um Professor Associado e três Professores Auxiliares, todos de carreira, dois Professores Auxiliares convidados, um *Full Professor* emérito da Universidade de Sheffield, colaborador convidado, bem como um docente doutorado chinês enviado pelo *Hanban*, estagiários mestrados provenientes da universidade parceira do Instituto Confúcio, *Nankai*, quatro leitores convidados com a habilitação de Mestre e um Técnico Superior, também com habilitação académica de Mestre e especialista, com funções docentes.⁷⁸

3.5. Instituto Confúcio

Como já referimos no início deste capítulo, o Instituto Confúcio da Universidade do Minho (Instituto) foi instalado em 2006, no Campus de Gualtar.

O Instituto é uma organização educacional sem fins lucrativos, estabelecido ao abrigo da colaboração protocolar entre o Governo Chinês, através do seu Gabinete Nacional de Ensino de Chinês no Mundo (*Hanban*) e a Universidade do Minho. Muito genericamente, o *Hanban* tem como objectivo(s) promover e atender às necessidades da aprendizagem da língua chinesa no estrangeiros e divulgar e apoiar a compreensão das língua e cultura chinesas nos mais variados países e regiões do mundo⁷⁹.

Num amplo quadro consentâneo com estes objectivos e uma considerável agilidade em termos de recursos humanos, técnicos e financeiros, maioritariamente fornecidos

⁷⁸ Para um maior detalhe dos seus perfis e resumidíssimos CVs, confira anexo IV.

⁷⁹ Cf. http://www.hanban.edu.cn/confuciousinstitutes/node_10961.htm, consultado em 2014-2-1.

pelo *Hanban*, e como resultado de um trabalho aturado e competente por parte de todos os seus colaboradores, o Instituto tem organizado uma rica variedade de actividades culturais e de promoção do ensino das língua e cultura chinesas.

Até aos dias de hoje, o Instituto Confúcio tem recebido vários pedidos de escolas, primárias e secundárias, privadas e públicas, bem como de instituições que pretendem desenvolver iniciativas pontuais de sensibilização para a, e divulgação da cultura chinesa, ao que o Instituto Confúcio tem vindo a responder dentro da sua disponibilidade. Entre estas iniciativas refiram-se actividades como o ritual do chá, atribuição de nomes em caligrafia, *workshops* de papel recortado, consulta do zodíaco, recitais de música e poesia clássica, entre outros. Todas as iniciativas contam com a colaboração dos alunos da Licenciatura em Línguas e Culturas Orientais e do Mestrado em Estudos Interculturais Português Chinês do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

Além disso, o Instituto promove, ao longo do ano lectivo, uma série de seminários e conferências abertas ao conjunto da Universidade, nomeadamente nas áreas da economia, filosofia, língua e cultura chinesas.



29 Seminário “China Política e Economia Contemporâneas”, proferido pelo Professor Doutor Timothy Wright, Universidade de Sheffield.



30 Seminário “Mercado e Cultura Empresarial”, proferido pelo Mestre Pedro Vieira.

De entre as várias atividades do Instituto Confúcio, o “Projeto Chinês nas Escolas” apresenta-se como a mais importante. O Instituto começou a oferecer leccionação de cursos de chinês em três escolas na região Norte, desde outubro de 2006. Ao longo do ano 2013, o Projecto colaborou com cinco escolas privadas do ensino primário e secundário, a saber: Colégio Luso-Internacional de Braga, Luso Internacional do Porto e D. Diogo de Sousa, também em Braga, Escola Francesa do Porto e a *Oporto British School*; bem como duas escolas do sector público, a saber: Escola EB 2, 3 Dr. Francisco Sanches e Escola Secundária Carlos Amarante, ambas em Braga. De referir que no ano letivo 2012/13 procedeu-se a um alargamento desta experiência a mais três escolas privadas: o Centro de Educação Integral, em São João da Madeira, o Colégio “A Torre dos Pequenininos”, em Santo Tirso, e Escola João de Deus, em Braga, prestando serviços ao nível da formação de professores, disponibilização de material didático, entre outros apoios, serviço que continuará no presente ano letivo de 2013/14. Esta atividade conta atualmente com 274 alunos divididos por 28 turmas, com vários níveis de desenvolvimento e aprofundamento de chinês. O programa inclui a oferta de livros didáticos, materiais audiovisuais e a organização de uma Semana Cultural Chinesa, em cada escola, embora não necessariamente anual.

O Projecto contou e conta com a colaboração de alunos já dedicadamente aludido Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial. O Instituto Confúcio encarregou-se ainda da produção própria de material didáctico adaptado aos alunos das escolas participantes no Projecto, quer em suporte papel, quer em suporte informático.



31 Colégio Luso-Internacional do Porto



32 Colégio Luso-Internacional do Porto



33 Demonstração de Dança Chinesa numa escola primária



34 Professoras do “Projecto Chinês nas Escolas” durante uma Actividade Cultural

Quanto aos cursos livres, como já referimos no início deste capítulo, tiveram início em 1991, na Universidade do Minho. No começo, contava com três professores: professora Sun Lam, professor Luís Cabral e um professor chinês enviado pelo governo da China. Pouco a pouco, começaram a receber professores estagiários da Universidade de Nankai que leccionam nos cursos livres, assim como contam com a participação de vários alunos do Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês, do Departamento de Estudos Asiáticos. São cursos anuais, contando já com quatro turmas de níveis diferentes.

Chinês Turístico e Comercial – Nível I, II, III e IV

Quanto aos cursos da língua chinesa, o Instituto oferece um curso de Chinês Turístico e Comercial (Nível I, II, III e IV), que visa dotar os alunos com um conhecimento geral da língua chinesa e de como esta difere de outras línguas de escrita alfabética, assim como ao nível da gramática e do sistema fonético monossilábico e tonal. Na fase de iniciação, o aluno dominará um universo de vocabulário, e expressões para situações comunicacionais básicas, preparando-se assim para mais tarde abordar temas e vocabulário no âmbito do turismo e

comércio. A prioridade deste nível é a de habituar os alunos à escrita/leitura ideográfica. Para tal, as aulas serão acompanhadas por ferramentas audiovisuais, também disponíveis para estudo pessoal dos alunos. Neste nível, a avaliação é principalmente baseada no desempenho de cada aluno na aula mediante pequenos exercícios e testes. No termo das 90 horas de aulas, o aluno atingirá um nível equiparável ao nível A1 do Quadro Europeu de Línguas.⁸⁰

Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas – Nível I e II

Este curso, que funcionará durante a semana, segundas e quartas, das 18h às 20h, é dirigido principalmente a estudantes da Universidade do Minho. Pode também interessar a quem preveja estagiar/estudar na China, para o que necessitarão submeter-se a um Exame Oficial de Nível de Língua Chinesa (HSK), cujo curso auxiliará na sua preparação.

Programa Nível I - Iniciação

Este nível visa dotar os alunos com um conhecimento geral da Língua Chinesa e de como esta difere de outras línguas de escrita alfabética, assim como ao nível da gramática e do sistema fonético monossilábico e tonal. Na fase de iniciação, o aluno dominará um universo de vocabulário e expressões úteis a situações comunicacionais básicas, devendo progredir na abordagem de temáticas que relevam do quotidiano chinês, assim como de ambientes profissionais. Uma abordagem sobre a geografia, história e cultura chinesas são fundamentais para a ultrapassagem de barreiras comunicacionais

⁸⁰ Cf. <http://www.confucio.uminho.pt/cursos/2013/09/25/cursos-de-l%C3%ADngua-chinesa-ano-letivo-2013-14>, consultado em 2014-01-20.

*interculturais. Para este fim o curso proporcionará unidades culturais.*⁸¹



35 Turma do curso livre



36 Turma do curso livre

⁸¹ Idem.



37 Concurso de Chinês "Chinese Bridge"



38 Jantar do curso do ano novo chinês em 2014

3.6. Estudos Chineses na Universidade do Minho: conclusões

De tudo quanto foi referido neste capítulo, e não houve exaustão de informação, penso dever-se concluir sem margem para dúvidas que os Estudos Chineses na Universidade do Minho, numa feliz articulação entre o seu Instituto Confúcio, largamente financiado pelo *Hanban* e sempre com o apoio institucional por parte da Academia, e o Departamento de Estudos Asiáticos do Instituto de Letras e Ciências Humanas da mesma Universidade, são os mais desenvolvidos, os mais aprofundados, os mais conseguidos e sérios, e, porventura também, os mais internacionalizados do universo português e lusófono. Tendo tido tudo o seu início com um humilde Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas em 1991, ou seja, há pouco mais de duas décadas, podemos hoje em dia contar com cinco estudantes de

doutoramento e o interessante número de 41 ex-alunos com o grau de Mestre em Estudos Interculturais Português Chinês, em ambos os casos tanto portugueses como chineses.

Acresce a isto um constante aumento e aprofundamento de um crescente relacionamento com universidades chinesas que ministram cursos de português, cujo número tem aumentado exponencialmente, designadamente contando com a colaboração e/ou liderança de ex-alunos do referido Mestrado. Sem pretender ser exaustiva, apontaria os seguintes bons exemplos:

- Zheng Shanpei (郑珊培 *zhèng shānpéi*); prepara doutoramento sob a orientação da Professora Doutora Micaela Ramon, na Universidade do Minho; é professora de Português na Universidade de Estudos Internacionais de Tianjin (天津外国语大学 *tiānjīn wàiguóyǔ dàxué*);

- Lu Yawei (卢亚伟 *lú yàwěi*); prepara doutoramento sob a orientação da Professora Doutora Sun Lam, na Universidade do Minho; é professora de Português na Universidade de Estudos Internacionais de Tianjin (天津外国语大学 *tiānjīn wàiguóyǔ dàxué*);

- Shao Wanbi (邵婉碧 *shào wǎnbì*); é professora do Departamento de Português do Instituto de Línguas Estrangeiras de Hangzhou (杭州外国语学院 *hángzhōu wàiguóyǔ xuéyuàn*);

- Liu Mengru (刘梦茹 *liú mèngrú*); é professora do Departamento de Português da Universidade de Estudos Internacionais de Sichuan (四川外国语大学 *sìchuān wàiguóyǔ dàxué*);

- Lin Manlin (林曼琳 *lín màn lín*); é professora de Português da Universidade Sun Yat-sen (中山大学 *zhōngshān dàxué*);

- Song Haoyan (宋灏岩 *sòng hàoyán*); prepara doutoramento sob a orientação da Professora Doutora Sun Lam, na Universidade do Minho; é professor de Português na Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (澳门科技大学 *àomén kējì dàxué*);
- Liu Cong (刘聪 *liú cōng*); é professora do Departamento de Português do Instituto de Línguas Estrangeiras de Jilin Huaqiao (吉林华侨外国语学院 *jílín huáqiáo wàiguóyǔ xuéyuàn*, Jilin Huaqiao University of Foreign Languages);
- Zhang Gong (张龚 *zhāng gōng*); é professora de Português na Universidade de Comunicações de Pequim (北京交通大学 *běijīng jiāotōng dàxué*);
- Qin Maomao (秦毛毛 *qín máomao*); é professora de Português na Universidade de Estudos Internacionais de Beijing (北京第二外国语学院 *běijīng dì'èr wàiguóyǔ xuéyuàn*);
- Ai Yuan (艾媛 *ài yuán*); é professora de Português na Universidade Normal de Sichuan (四川师范大学 *sìchuān shīfàn dàxué*);
- Sun Weiyang (孙玮莹 *sūn wěiyíng*); é professora do Departamento de Português do Colégio de Comércio do Sul da China da Universidade de Estudos Estrangeiros de Guangdong (广东外语外贸大学南国商学院 *guǎngdōng wàiyǔ wàimào dàxué nánguó shāng xuéyuàn*);
- Zhu Mingshan (祝明珊 *zhù míngshān*); é professora do Departamento de Português da Universidade de Comunicações de Pequim (北京交通大学 *běijīng jiāotōng dàxué*);
- Liao Yiran (廖怡然 *liào yírán*); é professora do Departamento de Português da Universidade da Economia e Comércio Internacional de Pequim (北京对外经贸大学 *běijīng duìwài jīngmáo dàxué*);

- Fan Wenting (范文婷 *fàn wéntíng*); é professora do Departamento de Português da Universidade de Estudos Internacionais de Dalian (大连外国语大学 *dàlián wàiguóyǔ dàxué*);
- Wang Xihao (王晰灏 *wáng xīhào*); é professora do Departamento de Português do Instituto de Línguas Estrangeiras de Jilin Huaqiao (吉林华侨外国语学院 *jílín huáqiáo wàiguóyǔ xuéyuàn*, Jilin Huaqiao University of Foreign Languages);
- Xu Mengze (徐梦泽 *xú mèngzé*); é professora de Português na Universidade Normal de Harbin (哈尔滨师范大学 *hā'ěrbīn shīfàn dàxué*);
- Xiao Yuerong (肖玥蓉 *xiāo yuèróng*); é professora do Departamento de Português da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an (西安外国语大学 *xī'ān wàiguóyǔ dàxué*).

A isto se deve acrescentar um número significativo de outros *alumni* com grau de Mestre em Estudos Interculturais Português Chinês com os mais variados percursos profissionais no mundo empresarial, designadamente nos PALOP e na CPLP, mas não só. Sendo que hoje em dia se realça, compreensivelmente, o factor “empregabilidade” na apreciação dos estudos universitários, creio não ser exagero considerar ambos os cursos oriundos do DEA, Licenciatura e Mestrado, como casos de sucesso relevante.

A receção por parte da Universidade do Minho do primeiro Instituto Confúcio no país foi simultaneamente um sintoma e uma promessa. Sintoma, porquanto o *Hanban* soube identificar onde devia investir, promessa, porquanto a articulação do Instituto Confúcio com o desenvolvimento e aprofundamento dos Estudos Chineses, então já bastante adiantados, teve um efeito multiplicador cujos resultados estão à vista. Restará a continuação de um trabalho de grande dedicação, designadamente

no sentido da sustentabilidade de todo este processo, que não estará ainda absolutamente assegurada, nomeadamente mediante alguma renovação geracional.

Conclusão

Permita-se-me que inicie estas singelas considerações conclusivas com uma ligeira nota muito pessoal.

É com alegria e algum alívio, devo dizer, que escrevo a últimas linhas deste meu trabalho de Relatório de Estágio. Confesso que me senti um pouco assustada quando meti mãos à obra, mas, com o permanente e carinhoso apoio por parte dos meus orientadores, fui ganhando confiança e, passo a passo, pouco a pouco, cheguei finalmente à grata tarefa de escrever esta pequena conclusão.

Surgida a ideia de tentar esboçar um apanhado sobre os Estudos Chineses em Portugal, pareceu-me importante ir um pouco à sua história e recuar até ao século XVI, período em que, de facto, os portugueses foram determinantes para o nascer de uma “certa” sinologia dita ocidental. Como referi no início do primeiro capítulo deste trabalho, terão sido os japoneses os reais fundadores de tal área do saber, o que não é de surpreender, porquanto a sua cultura é subsidiária da cultura chinesa. Isto para não falar do estudo por parte dos *literati* chineses que desde uma muito mais recuada data se debruçaram sobre a sua própria cultura. Curiosamente, os “novos sinólogos” ocidentais, desde, talvez pelo menos, o século XIX, consideraram que a “sinologia” é sua propriedade e que os chineses nada têm a dizer sobre si próprios. Mas isto é tonteria e, felizmente, nos tempos mais recentes está a desaparecer. Seguramente não é esta a filosofia que inspira os Estudos Chineses na Universidade do Minho.

Evidentemente, abordei o primeiro capítulo deste relatório com muita humildade. Já muito estará dito e escrito sobre esta matéria. Apenas procurei fazer um quase que “rascunho” sem quaisquer pretensões a inovar, apenas resumir.

É assim e neste contexto explicativo e justificativo que, no primeiro capítulo, já referido, do meu ensaio, tentei dar uma muito resumida panorâmica histórica da

evolução da situação dos Estudos Chineses em Portugal, desde o século XVI até hoje.

Comecei com uma leve problematização sobre o conceito de “sinologia”, conceito este que não faz parte do título deste relatório. Ensaiei também um resumo muito simples (seguramente insuficiente, seja em termos de enumeração de factos seja em termos da sua interpretação) sobre a história dos Estudos Chineses em Portugal (ou, melhor dizendo, em português) do século XV ao XIX.

Na segunda parte deste trabalho, tentei fazer um possível retrato da actualidade dos Estudos Chineses em Portugal depois do ano de 1979.

Na terceira parte, escolhi a Universidade do Minho, como exemplo particularmente bem-sucedido nesta área, designadamente com o lançamento de uma licenciatura, de um mestrado, da instalação do primeiro Instituto Confúcio no país, e do desenvolvimentos de projectos de doutoramento.

Podemos afirmar que Portugal desempenha um papel muito importante na história da evolução dos Estudos Chineses no ocidente. Foram, em certo sentido, pioneiros.⁸² Os emissários e missionários que registavam tudo o que viam e ouviam sobre a China da altura, dando disso conhecimento às suas sociedades de origem, foram, em certo sentido também, os primeiros sinólogos. Muitos missionários portugueses deixaram um acervo considerável de obras, materiais muito valiosos para os Estudos Chineses no ocidente, e, convém dizê-lo, na China também. Depois

⁸² Confirmou o sinólogo francês Paul Demiéville: “No que diz respeito ao início do conhecimento sobre a civilização chinesa, os portugueses, espanhóis e italianos eram pioneiros”. 法国汉学的史地位 *fǎguó hàn xué de lìshǐ dìwèi*, Cursos de Estudos sobre a Sinologia, Escola de Formação Contínua on-line da Universidade de Línguas e Culturas de Pequim, <http://media.eblcu.cn/site/kj1/intro-production.asp?id=636>, consultado em 2014-1-10.

da fundação de Macau no século XVI (1553), este território tornou-se um centro ou base de Estudos Chineses para todos quanto demandavam esta longínqua civilização. Até aos dias de hoje, embora com muitas dificuldades, os Estudos Chineses em Portugal têm vindo a desenvolver-se a um ritmo que promete alguma sustentabilidade.

Actualmente há cada vez mais portugueses interessados na cultura chinesa e na aprendizagem da sua língua. Sobretudo sob a liderança da Universidade do Minho, abriram-se vários cursos de chinês em escolas e outras organizações em Portugal. Nos dias 22 a 26 de Julho de 2014, realizar-se-á a vigésima Conferência da Associação Europeia dos Estudos Chineses na Universidade do Minho em parceria com a Universidade da Coimbra. Não há dúvida de que será um evento marcante para o desenvolvimento, reconhecimento e sustentabilidade dos estudos chineses em Portugal, sintoma da sua actual maturidade.

Para concluir esta conclusão, resta-me a congratulação de, porventura, ter contribuído para algum mapeamento do que se vai realizando hoje em dia no âmbito dos Estudos Chineses em Portugal (que têm tido um progresso muito interessante nos últimos vinte e poucos anos), para além de também me congratular com o que muito aprendi com esta tarefa. Foi importante para o meu crescimento interior e, quem sabe, este trabalho possa ser uma boa base para um seu desenvolvimento susceptível de publicação. Seria bom para todos e, sem dúvida, uma grande alegria para mim.

Fontes

Bibliografia

1. BU, Xianqun 卜宪群 e TONG, Chao 童超 (2002), 简明中国历史读本 (*jiǎnmíng zhōngguó lìshǐ dúběn*), *Breve História da China*, China Social Sciences Press, Beijing.
2. HUANG, Chang 黄长 (2004), 欧洲中国学 (*ōuzhōu zhōngguóxué*), *China Studies in Europe*, Social Sciences Academic Press, China.
3. HU, Mingyang 胡明扬 (2009, II), 国学、汉学、中国学 (*guóxué hànxiué zhōngguóxué*), *Guoxue, Hanxue e Zhongguoxue*, Nankai Linguistics.
4. LI, Zhexian 李哲贤 (1999), 美国汉学研究的概况 (*měiguó hànxiué yánjiū de gàikuàng*), *Situação Geral da Investigação em Estudos Chineses nos E.U.A.*, in *Jornal de Humanidades e Ciência de Yuntech*, nº 1, P 1-6.
5. LOUREIRO, Rui Manuel(1998), "A Malograda Embaixada de Tomé Pires a Pequim", in Jorge M. dos Santos Alves, *Portugal e a China – Conferencias no II Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (Séculos XVI-XIX)*, Fundação Oriente.
6. MA, Shude 马树德 (1999), "汉学和中国文学研究在德国"(*hànxiué hé zhōngguóxué yánjiū zài déguó*), "Os Estudos Chineses e Literatura Chinesa na Almanha", 汉学研究 (第三集), Chinese Studies, Os Estudos Chineses (Episódio III), Chineses Peace Press, Beijing. P 65-86.
7. PTAK, Roderich (1998), "Sino-Portuguese Relations, circa 1513/14-1550's", in Jorge M. dos Santos Alves, *Portugal e a China – Conferencias no II Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (Séculos XVI-XIX)*, Fundação Oriente.
8. WU, Mengxue 吴孟雪 (1999), “论西欧汉学起源史上的重要一页” (*lùn xīōu hànxiué qǐyuán shǐshàng de zhòngyào yī yè*), “Essaio Sobre a História da Origem

dos Estudos Chineses na Europa Ocidental”, Revista de Jiangxi Social Sciences, nº 9, P 68-74.

9. YAN, Chunde 阎纯德(1999), "中国在早期西方的形象" (*zhōngguó zài zǎoqī xīfāng de xíngxiàng*), "A Imagem da China na Fase Inicial do Ocidente", 汉学研究 (第三集), Chinese Studies, Os Estudos Chineses (Episódio III), Chinese Peace Press, Beijing. P 253-262.
10. YE, Nong 叶农 (2004), 试论清朝前中期耶稣会士与澳门的汉学活动 (*shìlùn qīngcháo qiánzhōngqī yēsūhuìshì yú àomén de hàn xué huódòng*), *Ensaio sobre as Atividades de Sinologia em Macau e dos Jesuítas nos Inícios e Meados da Dinastia Qing*, Social Sciences in Guangdong.
11. ZHANG, Longxi 张隆溪 (2005), 中西文化研究十论 (*zhōngxī wénhuà yánjiū shílùn*), *Dez Teorias da Investigação Intercultural Oriental e Ocidental*, Fudan University Press, Shanghai.

Weblinks

1. <http://jds.cass.cn/Item/3440.aspx>,
2. <http://news.163.com/09/1209/16/5Q3TLM1A000140IV.html>
3. <http://www.people.com.cn/item/aomen/1-macau/aomen/newfiles/b1010.html>
4. http://www.gmw.cn/02blqs/2006-01/07/content_391612.htm
5. <http://www.qingstudy.com/data/articles/a03/446.html>
6. <http://oldsite.sinologystudy.com/2010/0425/14.html>
7. <http://bbs.guoxue.com/viewthread.php?tid=481690>
8. <http://blog.udn.com/swimming1978/373921>
9. <http://www.cqvip.com/Read/Read.aspx?id=10945927#>
10. http://www.china.com.cn/culture/txt/2007-04/06/content_8078841.htm
11. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sinologia>
12. <http://longquanzs.org/articledetail.php?id=29353>
13. <http://sspress.cass.cn/news/10345.htm>
14. <http://www.china.com.cn/chinese/ch-yuwai/145496.htm>
15. <http://www.docin.com/p-424764616.html>
16. <http://www.literature.org.cn/article.aspx?id=17346>
17. <http://www.literature.org.cn/article.aspx?id=14650>
18. [http://www.chinanews.com/zhuanti/aomen/news/991206/1_copy\(5\).html](http://www.chinanews.com/zhuanti/aomen/news/991206/1_copy(5).html)
19. <http://www.chinesestudies.eu/index.php/91-conferences/upcoming-conferences-and-workshops/339-call-for-papers-xxth-eacs-conference-2015>
20. <http://www.ilch.uminho.pt/Default.aspx?tabid=7&pageid=353&lang=pt-PT>
21. <http://www.confucio.uminho.pt/>
22. <http://cursos.ipleiria.pt/Licenciaturas/Pages/mostrarConteudo.aspx?cid=9492#.Ut64X3mS1Yw>
23. <http://www.cccm.pt/>
24. <http://www.museudoorientep.t/281/centro-de-reunioes.htm>
25. <http://ioriente.iscsp.utl.pt/>

26. <http://www.fl.ul.pt/ensino/licenciaturas1o-ciclo/estudos-asiaticos/289-informacoes-gerais>
27. http://www.fch.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?SSPAGEID=1009&lang=1&artigoID=5202
28. [http://www.observatoriodachina.org/matrix.php?pagina=2&lingua=\\$lingua](http://www.observatoriodachina.org/matrix.php?pagina=2&lingua=$lingua)

Anexos

Anexo I.

Mapa da China.



39 Mapa da China

Anexo II.⁸³

Plano de Estudos da Licenciatura em Línguas e Culturas Orientais

Regime	Unidade Curricular	Área cient.	ECTS
ano 1			60
S1	Chinês Moderno I	LCH	15
S1	Cultura Popular Chinesa	CCC	5
S1	História da Expansão Portuguesa no Extremo Oriente	H	5
S1	Japonês Moderno I	LJ	5
S2	Chinês Moderno II	LCH	15
S2	Geografia do Japão	CCJ	5
S2	Geografia Humana, Económica e Turística da China	CCC	5
S2	Japonês Moderno II	LJ	5
ano 2			60
S1	Chinês Moderno III	LCH	10
S1	História do Japão I	CCJ	5
S1	História e Cultura Chinesas I	CCC	5
S1	Japonês Moderno III	LJ	5
S1	Relações Entre a Europa e o Extremo Oriente	H	5
S2	Chinês Moderno IV	LCH	10
S2	Cultura Japonesa I	CCJ	5
S2	História do Japão II	CCJ	5
S2	História e Cultura Chinesas II	CCC	5
S2	Japonês Moderno IV	LJ	5
ano 3			60
S1	Chinês Comercial e Turístico	LCH	5
S1	Chinês Moderno V	LCH	10
S1	Cultura Japonesa II	CCJ	5
S1	Estudos Interculturais Portugal/China	EInt	5
S1	Opção I		5
	Escrita Criativa em Inglês		5
	Filosofias Orientais	HF	5
	Japonês Moderno V		5
	Tradição Literária Ocidental	CL	5
S2	China Económica e Política, Mercado e Cultura Empresarial	CCC	5
S2	Chinês Moderno VI	LCH	7,5

⁸³ Para todas as informações deste em baixo Cf. <http://www.uminho.pt/estudar/oferta-educativa>.

S2	Opção II		5
	Francês A1+	LL	5
	Japonês Moderno VI		5
	Língua e Publicidade		5
	Literatura e Cinema		5
S2	Opção LCO		7,5
	Japão Económico e Político Contemporâneo		7,5
	Técnica e Prática da Tradução do Chinês		7,5
S2	Opção UMinho		5

◆ Chinês Moderno I

Objetivos de Ensino:

Pretende-se que a maioria dos alunos atinjam um nível de competência nas vertentes falada, escrita e, implicitamente, domínio dos fundamentos gramaticais, até a um nível do "Chinês Básico": o que deverá corresponder a uma competência ao nível I do HSK (Exame Oficial de Chinês).

Resultados de aprendizagem:

- Compreender os princípios básicos do chinês moderno, falado e escrito;
- Distinguir no estudo da fonética os diferentes tons;
- Utilizar o sistema de romanização do chinês, Pinyin;
- Categorizar os caracteres de acordo com os radicais e a sua semântica;
- Usar as regras do sistema de traços para a execução da escrita.

◆ Cultura Popular Chinesa

Objetivos de Ensino:

Uma introdução aos fenómenos sócio-culturais, festividades, os significados das cores, dos números, das plantas, das comidas e bebidas, o Zodíaco, o calendário lunar, o Fengshui, a arte do jardim, a arte do chá, para preparar o aluno para um contacto mais profundo e compreensivo com o povo chinês, instrumento também precioso para a aprendizagem da sua língua

Resultados de aprendizagem:

- Compreender a importância para a língua chinesa, enquanto veículo comunicacional, de um conhecimento mínimo do seu mundo simbólico e dos seus costumes;
- Exemplificar a riqueza do mundo chinês em símbolos, sensibilidades e tabus;
- Propor o seu conhecimento e utilização também enquanto ferramenta para a optimização comunicacional;
- Apreciar as suas vertentes mais teóricas que relevam da filosofia, estética e mentalidades comportamentais.

◆ **História da Expansão Portuguesa no Extremo Oriente**

Objetivos de Ensino:

- Descrever, em traços gerais, a história da presença portuguesa no Extremo Oriente, desde o século XVI até aos nossos dias;
- Compreender a natureza da presença portuguesa no Extremo Oriente, desde o século XVI até aos finais do século XX.
- Distinguir as extensões formais e informais da presença portuguesa na região, designadamente no que toca às relações luso-chinesas.
- Utilizar o conhecimento do relacionamento histórico luso-chinês e luso-japonês como ponto de partida de um relacionamento presente.

Resultados de aprendizagem:

Conhecer e compreender, em traços gerais, a história e a natureza da presença portuguesa no Extremo Oriente, desde o século XVI até aos nossos dias.

Utiliza o conhecimento do relacionamento histórico luso-chinês e luso-japonês como ponto de partida e instrumento útil para a compreensão de um relacionamento presente.

◆ **Chinês Moderno II**

Objetivos de Ensino:

Pretende-se que a maioria dos alunos atinjam um nível de competência nas vertentes falada, escrita e, implicitamente, domínio dos fundamentos gramaticais, até a um nível inicial do "Chinês Intermédio" o que deverá corresponder a uma competência ao nível II do HSK (Exame Oficial de Chinês).

Resultados de aprendizagem:

- Examinar a sistematização do desenvolvimento do universo vocabulário mediante uma categorização semântica por via designadamente dos radicais dos caracteres chineses;
- Desenvolver competências ao nível da conversação e audição;
- Dominar as regras elementares da gramática;
- Utilizar as competências ao nível da leitura escrita do Chinês Moderno;
- Redigir textos dentro do vocabulário já adquirido e com uma boa aplicação da gramática já compreendida.

◆ **Geografia Humana, Económica e Turística da China**

Objetivos de Ensino:

Objetivos: To acquire a basic and solid knowledge of the geography, economy and tourism of China.

Resultados de aprendizagem:

Adquirir um conhecimento básico e sólido da geografia, da economia e do turismo da China.

◆ Chinês Moderno III

Objetivos de Ensino:

No que concerne à gramática e tendo em atenção o programa detalhado,

- consideram-se como objectivos fundamentais, o que segue:
Domínio dos conceitos fundamentais da morfologia da sintaxe;
- Exemplificação e aplicação dos elementos morfológicos da gramática em contexto frásico;
- Compreensão e competência de/para a análise sintáctica da frase.

Resultados de aprendizagem:

Reconhecer famílias vocabulares de acordo com alguma sistematização semântica, designadamente indicar pelos radicais dos caracteres;

Aplicar regras gramaticais a frases de uso corrente com alguma complexidade estrutural;

Diferenciar tipos de utilização de caracteres (yongfa), conforme os diferentes conteúdos comunicacionais;

Desenvolver texto oral e escrito no âmbito da matéria aprendida

◆ História e Cultura Chinesas I

Objetivos de Ensino:

Proporcionar aos alunos compreensão de como as instituições, práticas e valores políticas, sociais económicas e culturais da China desenvolveram se desde os seus primórdios ate a ultima florescência da ordem imperial.

Resultados de aprendizagem:

Identificar os períodos pré-histórico e histórico na China;

Compreender as linhas mestras do pensamento clássico Chinês;

Examinar as dinastias imperiais desde Qin até ao final da era Qianlong da dinastia Qing, no ano de 1800;

Relacionar as linhas mestras do pensamento chinês com a China contemporâneas;

Avaliar o lugar especial que a China ocupa na história mundial.

◆ **Relações Entre a Europa e o Extremo Oriente**

Objetivos de Ensino:

Conhecer, em traços gerais, o universo das trocas, nas letras, nas artes e nos saberes entre a Europa e o Extremo Oriente.

Compreender a natureza e dimensão das trocas entre Ocidente e Oriente.

Identificar algumas contaminações culturais mútuas.

Distinguir o significado e os limites de conceitos como Ocidente e Oriente.

Resultados de aprendizagem:

Descreve e conhece, em traços gerais, o universo das trocas, nas letras, nas artes e nos saberes entre a Europa e o Extremo Oriente.

Compreende a natureza e dimensão das trocas entre Ocidente e Oriente.

Identifica algumas contaminações mútuas entre Ocidente e Oriente.

Distingue o significado e os limites de conceitos como Ocidente e Oriente.

◆ **Chinês Moderno IV**

Objetivos de Ensino:

Compreensão de textos narrativos simples do domínio literário.

Capacidade em dominar uma conversa sobre as situações frequentes das actividades do dia-a-dia e com alguma complexidade para resolver problemas que surgem mais frequentemente.

Resultados de aprendizagem:

Reconhecer a especificidade do texto chinês utilizado em jornais e periódicos não especializados;

Combinar texto em título com texto desenvolvido em literatura jornalística;

Analisar, dentro do texto jornalístico, os elementos que são abreviaturas e que carecem de interpretação;

Conhecer, nas suas linhas gerais, o universo dos principais jornais e publicações periódicas contemporâneas chinesas.

Atingir o nível de língua B1/HSKIII.

◆ **História e Cultura Chinesas II**

Objetivos de Ensino

Proporcionar aos alunos compreensão de como as instituições, práticas e valores políticas, sociais económicas e culturais da China desenvolveram se desde o declínio da ordem imperial até os nossos tempos.

Resultados de aprendizagem:

Identificar os períodos históricos na China até aos nossos dias;

Examinar as razões para o declínio da China no final da era

Qianlong, durante a Dinastia Qing no ano de 1800 até ao seu reerguer presente;

Distinguir as peculiaridades e aspectos importantes do sistema

político e social da China;
Interpretar as relações exteriores chinesas e os problemas contemporâneos da sua internacionalização recente;
Avaliar o lugar especial que a China ocupa na história mundial.

◆ **Chinês Comercial e Turístico**

Objetivos de Ensino:

O aluno deverá ser capaz de compreender informações turísticas correntes (quer em texto formal, quer em linguagem de internet), bem como ser capaz de criar propostas de itinerários turísticos destinados a diferentes tipos de turismo (lazer, cultural, de negócios, ecológico, etc).

Resultados de aprendizagem:

Dominar um máximo de vocabulário especializado nas áreas referidas;
Compreender textos informativos sobre patrimónios humanas, culturais e naturais, tanto da China como de Portugal em chinês;
Ser familiarizado com as ferramentas (sites de museus, de locais de interesse turístico, gastronomia, artesanal, e comercial) na língua chinesa;
Ter capacidade em utilizar sites chineses para comprar bilhetes ou reservar hotéis.

◆ **Chinês Moderno V**

Objetivos de Ensino:

Esta disciplina, dividida em duas partes: compreensão e expressão escrita e expressão oral, vai desenvolver o conhecimento de chinês dos alunos, com o objectivo de obter o nível B2 no quadro de avaliação oficial, com um exame HSK IV.

Resultados de aprendizagem:

Compreender a gramática do chinês, numa perspectiva panorâmica e na sua aplicabilidade à prática do chinês corrente em situações de quotidiano;
Conhecer as normas da formação lexical do chinês moderno, para saber usar corretamente as palavras num determinado contexto, ou numa estrutura sintática;
Descodificar e utilizar o maior número possível de cheng yu, bem como compreender a sua origem e explicação;
Exprimir oralmente conteúdos mentais/ comunicacionais relativamente complexos e longos, de acordo com situações de quotidiano e de circunstância profissional;
Redigir texto escrito, designadamente texto de caris mais marcadamente profissional (comercial, diplomático, turístico, etc.)

◆ **Estudos Interculturais Portugal/China**

Objetivos de Ensino:

Conjunto de temáticas abordadas numa perspectiva contrastiva comuns à sociedade chinesa e ocidental, designadamente portuguesa, numa tentativa de, em conversação e debate entre os alunos e os docentes, encontrar áreas de convergência e de divergência.

Resultados de aprendizagem:

Prover os alunos com competência e agilidade no âmbito dos estudos interculturais (competência intercultural), através de debates sobre temas atuais e históricos, potenciando os seus conhecimentos ao nível da língua, da cultura, da história e geografia, etc.

◆ **Filosofias Orientais (OPÇÃO I)**

Objetivos de Ensino:

Dotar os alunos com uma visão panorâmica sobre os temas indicados em Programa detalhado.

Enriquecer os discentes com vocabulário adaptado e exigível aos temas em causa.

Ajudar os alunos a tomarem consciência de que o pensamento normalmente designado filosófico (e teológico) não se resume à história e aos temas da filosofia ocidental, e estimulá-los no sentido de adquirirem capacidade de reflexão com categorias e estruturas mentais outras.

Resultados de aprendizagem:

Tanto quanto o aluno conseguir, com o apoio esforçado do docente, compreender, familiarizar-se com, tomar consciência de, e situar-se mentalmente nos objectivos e temas indicados nos Objectivos e Programa Detalhado, mais conseguidos serão os resultados de aprendizagem.

◆ **China Económica e Política, Mercado e Cultura Empresarial (OPÇÃO I)**

Objetivos de Ensino:

China Económica e Política Contemporânea:

Uma abordagem cronológica distribuída por temas e fatos da sociedade chinesa desde 1949 aos nossos dias, dividida em duas grandes áreas, uma com incidência sobre temas que relevam sobremaneira da economia e outra que relevam sobremaneira da política e sociedade.

Mercado e Cultura Empresarial

Contextualizar os negócios internacionais.

Dar a perceber as motivações para abordagem dos mercados internacionais.

Dotar os alunos de ferramentas que os ajudem a selecionar mercados e a definir estratégias de abordagem desses mercados.

Avaliar as oportunidades para as empresas portuguesas nos mercados internacionais, com ênfase especial na Ásia e uma análise detalhada do mercado chinês (com casos de empresas portuguesas).

Colocar os alunos perante uma situação aproximada da realidade das empresas, desenvolvendo um caso prático de abordagem ao mercado chinês.

Resultados de aprendizagem:

Compreender a realidade política e económica da China contemporâneos;

Avaliar as tendências e orientações da economia e dos mercados, nos seus mais recentes desenvolvimentos;

Discernir entre as várias possíveis atitudes e culturas empresariais, designadamente no que as distingue de uma cultura europeia e chinesa;

Aplicar à actividade empresarial e às relações públicas uma sensibilidade cultural que ajude a fazer as necessárias "pontes" entre as diferentes culturas e idiossincrasias.

◆ **Chinês Moderno VI (OPÇÃO I)**

Objetivos de Ensino:

Comunicar em cenários os mais variados, previsíveis para situações profissionais posteriores (designadamente a resposta por escrito e oralmente a questionários técnicos);

Ler textos literários Dominar o sentido geral de textos consideravelmente extensos, em que o domínio do vocabulário não ultrapasse uma percentagem relativa;

Compreender um filme não legendado ou um noticiário de TV, ambos de dificuldade não muito elevada

Resultados de aprendizagem:

Compreender a gramática do chinês, numa perspectiva panorâmica e na sua aplicabilidade à prática do chinês corrente em situações de quotidiano;

Conhecer as normas da formação lexical do chinês moderno, para saber usar corretamente as palavras num determinado contexto, ou numa estrutura sintática;

Descodificar e utilizar o maior número possível de cheng yu, bem como compreender a sua origem e explicação;

Expressar oralmente conteúdos mentais/ comunicacionais relativamente complexos e longos, de acordo com situações de quotidiano e de circunstância profissional;

Redigir texto escrito, designadamente texto de cariz mais marcadamente profissional (comercial, diplomático, turístico, etc.)

◆ **Técnica e Prática da Tradução do Chinês (Opção LCO)**

Objetivos de Ensino:

Apresentação dos princípios na atitude de um tradutor, para uma maior sensibilização da distância e dificuldades linguísticas e socioculturais na tradução entre chinês e português, de modo a criar sentido de responsabilidade próprio de um

tradutor, bem como a capacidade de trabalhar em equipa bilingue e o hábito de pesquisar as informações e referências de fundo, para uma melhor compreensão do texto de partida e para a adaptação adequada da expressão na língua de chegada. As aulas e os trabalhos de casa têm em foco temas da atualidade, e as experiências servem para reflexões teóricas para a metodologia de tradução entre duas línguas tão diferentes como o chinês e português.

Resultados de aprendizagem:

Interpretar o mais variado tipo de texto não literário; Traduzir texto não literário, designadamente texto empresarial, comercial, turístico, diplomático, jornalístico, etc. Reconhecer as especificidades de diferentes discursos, conforme as mais variadas situações profissionais, familiares, hierárquicas, etc. Produzir texto adaptado às especificidades em cima referidas, a partir de texto não chinês.

Anexo III.

Plano de Estudos do Mestrado na Universidade do Minho em Estudos Interculturais Português/Chinês ⁸⁴

RAMO 1 (Área de Especialização em Chinês):

Regime	Unidade Curricular	Área cient.	ECTS
ano 1			60
S1	Comunicação Intercultural I	EInt	15
S1	Gramática Aplicada do Chinês I	LCH	15
S2	Comunicação Intercultural II	EInt	15
S2	Gramática Aplicada do Chinês II	LCH	15
ano 2			60
A	Opção		45
	Dissertação (Seminário de Acompanhamento) I	EInt	45
	Estágio Profissional e Relatório I	EInt	45
S1	Aspetos Sociolinguísticos da Escrita Chinesa e Tradução Intercultural	LA	5
S1	Fundamentos de Ensino de Português e Chinês Línguas Estrangeiras	LA	5
S1	Portugal e China: Cultura, Sociedade e Empreendedorismo	EInt	5

◆ Comunicação Intercultural I

Objetivos de Ensino:

Compreender as principais diferenças entre as sociedades e mentalidades ocidental e chinesa, bem como as suas influências no processo comunicacional;

Dominar uma visão comparativista das línguas, comportamentos e sociedades

Resultados de aprendizagem:

Compreender o contexto "do outro" na comunicação intercultural;

Dominar técnicas e estratégias adaptadas à comunicação intercultural;

Identificar problemáticas na comunicação entre o chinês e o português em distintos contextos, correntes e práticos, sócio-culturais e linguísticos;

Possuir sensibilidade para a diferente abordagem das diferentes sociedades à "coisa cultural".

⁸⁴ Idem.

◆ Gramática Aplicada do Chinês I

Objetivos de Ensino:

Sendo o principal público-alvo licenciados lusófonos em estudos chineses, esta disciplina Gramática Aplicada I (Vertente Chinês) é orientada sobretudo para os seguintes objectivos:

- a) Enfatizar as particularidades da língua chinesa, designadamente ao nível da sintaxe;
- b) Realçar os aspectos culturais da língua chinesa, sobretudo na sua expressão em contextos específicos, designadamente socio-político (jornalismo e diplomático) e económico e comercial (publicidade).

Resultados de aprendizagem:

- a) Possuir um bom conhecimento do sistema lexical do Chinês Moderno;
- b) Compreender a arquitectura sintáctica do Chinês Moderno;
- c) Dominar técnicas de leitura incidente sobre textos com a sua especificidade;
- d) Controlar técnicas de redacção de textos da prática quotidiana.

◆ Comunicação Intercultural II

Objetivos de Ensino:

Sendo a continuação da Comunicação Intercultural I, o aluno vai aprofundar o seu estudo com uma orientação mais no sentido de poder satisfazer as exigências da prática de tradução e comunicação interculturais, devendo os mestrados ficar preparados para:

- O aprofundamento da análise dos problemas e dificuldades ao nível da comunicação intercultural;
- O aperfeiçoamento das capacidades de compreensão e de expressão, tanto escrita como oral/auditiva, designadamente com o objectivo de algum domínio ao nível da tradução e retroversão;
- A capacidade de apoio ao ensino da língua chinesa a portugueses e/ou da língua portuguesa a chineses.

Resultados de aprendizagem

- Dominar os diferentes tipos de linguagem aos vários níveis da comunicação intercultural;
- Articular o conhecimento sobre as diferentes culturas com os diferentes níveis de comunicação intercultural;
- Realçar aspectos culturais e interculturais na prática da formação empresarial e no apoio à aprendizagem das línguas;
- Discernir na transmissão de mensagem, detalhes relevantes ao nível da comunicação intercultural, suas armadilhas e estratégias de consequimento.

◆ Gramática Aplicada do Chinês II

Objetivos de Ensino:

Sendo o principal público-alvo licenciados lusófonos em estudos chineses, esta disciplina *Gramática Aplicada II (Vertente Chinês)* é orientada sobretudo para os seguintes objectivos:

- Analisar problemas de falha de compreensão e comunicação ao nível da pragmática e de situações em contexto;
- Adquirir capacidade de gestão dos erros mais comuns designadamente com origem na interferência da língua mãe.

Resultados de aprendizagem:

- Adquirir capacidade de distinção de situações gramaticais de detalhe com eficácia na sua utilização correcta;
- Possuir sensibilidade para contextos situacionais específicos ao nível do uso da gramática;
- Saber analisar os erros gramaticais predominantes em alunos portugueses na aprendizagem do chinês;
- Discernir métodos de correcção dos referidos erros.

◆ Aspectos Sociolinguísticos da Escrita Chinesa e Tradução Intercultural

Objetivos de Ensino Aspectos Sociolinguísticos da Escrita Chinesa:

- A análise dos valores cognitivos na escrita chinesa, nomeadamente a “visão do mundo” na conceitualização da escrita;
- A apresentação de uma categorização enquanto sistema organizador da escrita;
- O conhecimento dos aspectos gráfico-semânticos e matriciais da escrita chinesa;
- A observação dos mecanismos da aprendizagem, designadamente: compreensão, organização e memória.
- O uso de tecnologia informática para otimizar o ensino e a aprendizagem.

Tradução Intercultural:

Esta unidade curricular tende ajudar o aluno a:

- Compreender temas mais comuns na comunicação intercultural;
- Ter consciência dos problemas da tradução entre línguas muito distantes;
- Conhecer a história da tradução na China e alguns tradutores importantes;
- Conhecer critérios de avaliar uma tradução: a teoria de “equivalência dinâmica” (Eugene A. Nida); domesticação (Lawrence Venuti) e estrangeirificação;
- Saber das estratégias da tradução intercultural;
- Compreender o papel ativo do tradutor.

Resultados de aprendizagem:

Aspetos Sociolinguísticos da Escrita Chinesa:

- Compreender a relação entre a civilização chinesa e a sua escrita, bem como a sua influência na maneira de pensar dos chineses e na sua expressão linguística;
- Possuir a capacidade de analisar os caracteres em contexto;
- Saber explicar os pictogramas, os ideogramas, os deitogramas e os fonoideogramas, como um apoio ao ensino/aprendizagem;
- Ser capaz de identificar alguns aspetos sócio culturais na etimologia e usar esta referência na prática de tradução e de ensino.

Tradução Intercultural:

- Ter consciência de como as diferenças linguísticas podem ser geridas na tradução;
- Analisar os problemas e dificuldades resultantes dos distintos contextos socioculturais;
- Identificar estratégias para a resolução de problemas e dificuldades;
- Ser capaz de gerir bem o paradigma “Tradução literal” vs. “Tradução liberal”;
- Saber gerir situações com a melhor estratégia.

Pré-requisitos formais:

Aspetos Sociolinguísticos da Escrita Chinesa:

Conhecimento suficiente da língua chinesa (para alunos portugueses, HSK 4), e da língua portuguesa (B2).

Tradução Intercultural: nenhuns.

Programa sucinto:

Aspetos Sociolinguísticos da Escrita Chinesa:

Por um lado a disciplina visa preparar os alunos com alguns conceitos mais importantes na ciência cognitiva, sobretudo o que é associada ao ensino/aprendizagem da escrita chinesa, e por outro lado, analisar o processo cognitivo da invenção do sistema de caracteres chineses, assim podemos introduzir um método do ensino mais eficaz do sinograma.

Tradução Intercultural:

A disciplina visa analisar temas mais importantes na comunicação interlingua e intercultural, sobretudo o que diz respeito a comunicação entre chineses e portugueses, e tenta usar um projeto de tradução partilhado pelos alunos em grupos bilingues para abordar estes problemas.

◆ Fundamentos de Ensino de Português e Chinês Línguas Estrangeiras

Objetivos de Ensino:

PARTE 1 (Português):

- a) Identificar e caracterizar contextos de utilização de PLE;
- b) Promover a consciência do valor formativo do ensino/aprendizagem do PLE na dupla vertente instrumental e cultural;
- c) Contribuir para a construção de um quadro teórico-metodológico adequado às práticas pedagógicas específicas no âmbito do ensino/aprendizagem de PLE.

PARTE 2 (Chinês):

A aprendizagem da língua chinesa sofre dificuldades próprias, devido ao facto de ser uma língua cultural e linguisticamente distante para os portugueses. Desde há 10 anos, o ensino de chinês como língua estrangeira (CLE) ganhou uma dinâmica enquanto uma área de saber, com a focalização na aprendizagem. Tendo na visão que os formandos deste curso possam ser professores de CLE, tentamos abordar os seguintes pontos como objectivo:

- a) Apresentar as características e particularidades de CLE;
- b) Dar a conhecer a relação do ensino de chinês língua estrangeira com outras disciplinas como as da psicolinguística, sociolinguística, ciência cognitiva, etc.;
- c) Construir um quadro teórico-metodológico adequado às práticas pedagógicas no ensino de CLE.

Resultados de aprendizagem

PARTE 1 (Português):

- a) Definir os conceitos de Português Língua Não Materna (PLNM) - Português Língua Estrangeira (PLE)/Português Língua Segunda (PL2);
- b) Identificar contextos e usos do Português como língua estrangeira;
- c) Conhecer os principais paradigmas e problemáticas no âmbito do ensino e da aprendizagem do PLE;
- d) Conhecer princípios metodológicos subjacentes ao ensino de PLE;
- e) Conceber planos de ensino-aprendizagem de PLE; f) Avaliar aprendizagens no âmbito do PLE.

PARTE 2 (Chinês):

- a) Definir o conceito de Chinês Língua Estrangeira (CLE);
- b) Identificar contextos e usos do Chinês como língua estrangeira;
- c) Conhecer os principais paradigmas e problemáticas no âmbito do ensino e da aprendizagem do CLE;
- d) Conhecer princípios metodológicos subjacentes ao ensino de CLE;
- e) Conceber planos de ensino-aprendizagem de CLE;
- f) Avaliar aprendizagens no âmbito do CLE.

◆ Portugal e China: Cultura, Sociedade e Empreendedorismo

Objetivos de Ensino:

Objetivos Professor Pedro Vieira

- a) Mostrar que, mesmo com uma aparente convergência de gostos e atitudes, as diferenças culturais têm um impacto significativo nos negócios internacionais;
- b) Analisar a forma como a cultura de um país influencia, ou não, a cultura das empresas e a sua competitividade internacional;
- c) Relacionar as diferenças culturais com a prática de gestão de empresas e organizações (da estrutura e estratégia à ética e responsabilidade social);
- d) Analisar casos e experiências de relacionamento entre empresas chinesas e empresas portuguesas.

Objetivos (mód. Cultura e Sociedade)

Dotar os alunos de mecanismos linguísticos, comunicacionais e críticos para ler produtos culturais portugueses atuais.

Resultados de aprendizagem:

1.
 - a) Adquirir conhecimentos relacionados com a gestão internacional;
 - b) Consciencializar a importância e impacto das diferenças culturais nos negócios internacionais;
 - c) Aplicar os conhecimentos adquiridos noutras disciplinas à gestão de empresas e, em particular, à gestão intercultural;
 - d) Conhecer casos e experiências de empresas portuguesas que abordaram o mercado chinês e de empresas chinesas que abordaram o mercado português.
2. Escolher, avaliar e comentar a inserção contextual histórica não-contingente de produtos culturais.

RAMO 2 (Área de Especialização em Português):

Regime	Unidade Curricular	Área cient.	ECTS
ano 1			60
S1	Comunicação Intercultural I	EInt	15
S1	Gramática Aplicada do Português I	LPort	15
S2	Comunicação Intercultural II	EInt	15
S2	Gramática Aplicada do Português II	LPort	15
ano 2			60
A	Opção		45
	Dissertação (Seminário de Acompanhamento) I	EInt	45
	Estágio Profissional e Relatório I	EInt	45
S1	Aspetos Sociolinguísticos da Escrita Chinesa e Tradução Intercultural	LA	5
S1	Fundamentos de Ensino de Português e Chinês Línguas Estrangeiras	LA	5
S1	Portugal e China: Cultura, Sociedade e Empreendedorismo	EInt	5

◆ **Comunicação Intercultural I:**

Objetivos de Ensino

1. Compreender as principais diferenças entre as mentalidades e sociedades portuguesa e chinesa, bem como as suas influências no processo comunicacional
2. Identificar as diferenças entre as mentalidades e sociedade portuguesa e chinesa e as suas influências nos processos comunicacional e comportamental.

Resultados de aprendizagem

1. Adquirir conhecimentos sobre as idiossincrasias portuguesa e chinesa
2. Compreender a alteridade na comunicação intercultural
3. Identificar problemáticas na comunicação entre o chinês e o português em contextos distintos
4. Possuir sensibilidade para a diferente abordagem das diferentes sociedades à "coisa cultural".

◆ **Gramática aplicada do Português I:**

Objetivos de Ensino

Consolidar o nível B2 e atingir o nível C1 do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL).

Distinguir e colocar em prática conceitos e técnicas básicas no âmbito da Linguística Portuguesa e da Linguística Aplicada.

Resultados de aprendizagem

1. Distinguir contextualmente as normas do Brasil e de Portugal a partir de alguns traços fonéticos distintivos.
2. Produzir enunciados escritos de tipo formal e informal.
3. Decodificar diferentes tipos e registos de discurso oral, quer formal quer informal, na norma portuguesa e brasileira.
4. Organizar o discurso narrativo com inclusão de discurso direto e indireto.
5. Compor oralmente e por escrito descrições, relatos, notícias, cartas, resumos, sínteses, comentários, crónicas e outras modalidades discursivas e textuais.
6. Proceder com flexibilidade à adequação vocabular e sintática do discurso, de acordo com níveis e registos de língua.
7. Selecionar alternativas lexicais distintivas de origem culta ou corrente, com conotações específicas.
8. Aplicar adequadamente expressões idiomáticas do português.

◆ **Comunicação Intercultural II:**

Objetivos de Ensino

Sendo a continuação da Comunicação Intercultural I, o aluno vai aprofundar o seu estudo com o sentido de compreender uma nova realidade, que o ajude na tradução e comunicação interculturais, devendo os mestrandos ficar preparados para:

- a) O aprofundamento e análise dos problemas e dificuldades ao nível da comunicação intercultural;

b) O aprofundamento e análise dos problemas e dificuldades ao nível da tradução intercultural.

Resultados de aprendizagem

- a) Desenvolver diferentes tipos de linguagem adaptados à comunicação intercultural;
- b) Conhecer a realidade política portuguesa (Monarquia ? República - Ditadura);
- c) Compreender a democracia em Portugal no contexto europeu;
- d) Criar sensibilidades para a descodificação de mensagens na comunicação intercultural.

◆ **Gramática aplicada do Português II:**

Objetivos de Ensino

Desenvolver a proficiência linguística com vista à codificação e decodificação do discurso culto e científico em português (em contraponto com o coloquial e informal), no âmbito das disciplinas do curso e passível de facilitar uma ampla investigação no âmbito da Linguística, bem como a redação e defesa da dissertação de mestrado em português. Investigar aspetos específicos da língua e da linguística portuguesa munindo-se de ferramentas do âmbito da linguística contrastiva e da análise do erro.

Resultados de aprendizagem

Analisar e fundamentar o erro (no âmbito gráfico, fonético e fonológico, sintático, semântico, pragmático, lexical, intercultural) a partir de uma base de dados linguísticos em chinês-português, com instrumentos dos campos da análise do erro e da linguística contrastiva. Estudar contrastivamente certos aspetos do português e do chinês com vista à criação de material pedagógico mais adequado e adaptado ao ensino do português, e para uma melhor identificação e resolução das dificuldades no ensino-aprendizagem do português por aprendentes de língua materna chinesa. Inventariar, editar e investigar as obras lexicográficas e gramaticográficas bilingues (Português-Chinês), manuscritos e impressos dos sécs. XVI-XIX, nas quais se evidencia o pioneirismo português no âmbito da Linguística missionária e do estudo contrastivo das línguas, em particular das orientais, e especificamente do português e do chinês.

◆ **Aspetos Sociolinguísticos da Escrita Chinesa e Tradução Intercultural:**

Objetivos de Ensino

Aspetos Sociolinguísticos da Escrita Chinesa:

- 1) A análise dos valores cognitivos na escrita chinesa, nomeadamente a “visão do mundo” na conceitualização da escrita;
- 2) A apresentação de uma categorização enquanto sistema organizador da escrita;
- 3) O conhecimento dos aspectos gráfico-semânticos e matriciais da escrita chinesa;

- 4) A observação dos mecanismos da aprendizagem, designadamente: compreensão, organização e memória.
- 5) O uso de tecnologia informática para otimizar o ensino e a aprendizagem.

Tradução Intercultural:

Esta unidade curricular tende a ajudar o aluno a:

- a) Compreender temas mais comuns na comunicação intercultural;
- b) Ter consciência dos problemas da tradução entre línguas muito distantes;
- c) Conhecer a história da tradução na China e alguns tradutores importantes;
- d) Conhecer critérios de avaliar uma tradução: a teoria de “equivalência dinâmica” (Eugene A. Nida); domesticação (Lauwrence Venuti) e estrangeirificação;
- e) Saber das estratégias da tradução intercultural;
- f) Compreender o papel ativo do tradutor.

Resultados de aprendizagem:

Aspetos Sociolinguísticos da Escrita Chinesa:

- a) Compreender a relação entre a civilização chinesa e a sua escrita, bem como a sua influência na maneira de pensar dos chineses e na sua expressão linguística;
- b) Possuir a capacidade de analisar os caracteres em contexto;
- c) Saber explicar os pictogramas, os ideogramas, os deitogramas e os fonoideogramas, como um apoio ao ensino/aprendizagem;
- d) Ser capaz de identificar alguns aspetos sócio-culturais na etimologia e usar esta referência na prática de tradução e de ensino.

Tradução Intercultural:

- a) Ter consciência de como as diferenças linguísticas podem ser geridas na tradução;
- b) Analisar os problemas e dificuldades resultantes dos distintos contextos socioculturais;
- c) Identificar estratégias para a resolução de problemas e dificuldades;
- d) Ser capaz de gerir bem o paradigma “Tradução literal” vs. “Tradução liberal”;
- e) Saber gerir situações com a melhor estratégia.

◆ **Fundamentos de Ensino de Português e Chinês Línguas Estrangeiras:**

Objetivos de Ensino:

PARTE 1 (Português):

- a) Identificar e caracterizar contextos de utilização de PLE;
- b) Promover a consciência do valor formativo do ensino/aprendizagem do PLE na dupla vertente instrumental e cultural;
- c) Contribuir para a construção de um quadro teórico-metodológico adequado às práticas pedagógicas específicas no âmbito do ensino/aprendizagem de PLE.

PARTE 2 (Chinês):

A aprendizagem da língua chinesa sofre dificuldades próprias, devido ao facto de ser uma língua cultural e linguisticamente distante para os portugueses. Desde há 10 anos, o ensino de chinês como língua estrangeira (CLE) ganhou uma dinâmica enquanto uma área de saber, com a focalização na aprendizagem. Tendo na visão que os formandos deste curso possam ser professores de CLE, tentamos abordar os seguintes pontos como objectivo:

- a) Apresentar as características e particularidades de CLE;
- b) Dar a conhecer a relação do ensino de chinês língua estrangeira com outras disciplinas como as da psicolinguística, sociolinguística, ciência cognitiva, etc.;
- c) Construir um quadro teórico-metodológico adequado às práticas pedagógicas no ensino de CLE.

Resultados de aprendizagem:

PARTE 1 (Português):

- a) Definir os conceitos de Português Língua Não Materna (PLNM) - Português Língua Estrangeira (PLE)/Português Língua Segunda (PL2);
- b) Identificar contextos e usos do Português como língua estrangeira;
- c) Conhecer os principais paradigmas e problemáticas no âmbito do ensino e da aprendizagem do PLE;
- d) Conhecer princípios metodológicos subjacentes ao ensino de PLE;
- e) Conceber planos de ensino-aprendizagem de PLE; f) Avaliar aprendizagens no âmbito do PLE.

PARTE 2 (Chinês):

- a) Definir o conceito de Chinês Língua Estrangeira (CLE);
- b) Identificar contextos e usos do Chinês como língua estrangeira;
- c) Conhecer os principais paradigmas e problemáticas no âmbito do ensino e da aprendizagem do CLE;
- d) Conhecer princípios metodológicos subjacentes ao ensino de CLE;
- e) Conceber planos de ensino-aprendizagem de CLE;
- f) Avaliar aprendizagens no âmbito do CLE.

◆ **Portugal e China: Cultura, Sociedade e Empreendedorismo:**

Objetivos de Ensino:

- a) Mostrar que, mesmo com uma aparente convergência de gostos e atitudes, as diferenças culturais têm um impacto significativo nos negócios internacionais;
- b) Analisar a forma como a cultura de um país influencia, ou não, a cultura das empresas e a sua competitividade internacional;
- c) Relacionar as diferenças culturais com a prática de gestão de empresas e organizações (da estrutura e estratégia à ética e responsabilidade social);
- d) Analisar casos e experiências de relacionamento entre empresas chinesas e empresas portuguesas.

Objetivos (mód. Cultura e Sociedade)

Dotar os alunos de mecanismos linguísticos, comunicacionais e críticos para ler produtos culturais portugueses atuais.

Resultados de aprendizagem

1.

- a) Adquirir conhecimentos relacionados com a gestão internacional;
- b) Consciencializar a importância e impacto das diferenças culturais nos negócios internacionais;
- c) Aplicar os conhecimentos adquiridos noutras disciplinas à gestão de empresas e, em particular, à gestão intercultural;
- d) Conhecer casos e experiências de empresas portuguesas que abordaram o mercado chinês e de empresas chinesas que abordaram o mercado português.

2. Escolher, avaliar e comentar a inserção contextual histórica não-contingente de produtos culturais.

Anexo IV. ⁸⁵

CVs dos professores dos Estudos Chineses da Universidade do Minho

Sun Lam

Professora Associada, especializada nas ciências de linguagem (psicodidática de chinês, tradução entre português e Chinês), lecciona também a disciplina “Cultura Popular da China”. É orientadora de teses de doutoramento e mestrado. Membro da Associação Europeia de Estudos Chineses, membro da Assembleia Geral da Associação do Ensino de Chinês Língua Estrangeira.

Luís Cabral

Natural do Porto, Mestre em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa e pós graduado em gestão e cultura empresarial da mesma universidade, iniciou os seus estudos chineses na Universidade do Minho, onde trabalhava como bibliotecário. Com bolsas da Fundação Oriente e do Governo Chinês, passa longos períodos de estudo na China, nas universidades de Tianjin, Línguas e Culturas de Beijing e Nankai. É Técnico Superior do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho. Lecciona chinês básico, gramática do chinês, filosofia e sociedade.

Kuniko Ukai

Nascida em Fukuoka, Japão, mestre em Sinologia pelo Instituto de Sinologia da Universidade de Leiden, Holanda, doutorou-se em Literatura Clássica Chinesa, em 2008, pela mesma Universidade. Lecionou na Escola Internacional de Amesterão e nas Universidades de Leiden, de Sains Malaysia e do Porto. É actualmente Professora Convidada no DEA do ILCH da Uminho, onde leciona, entre outras, a unidade curricular Geografia Humana, Económica e Turística da China.

⁸⁵ Todas estas informações foram retiradas do *website* da Universidade do Minho e/ou por consulta pessoal via e-mail.

Gijsbert L. Koster

Natural de Haarlem, Holanda, obteve em MA em Sinologia, em 1976, e Teoria da Literatura, em 1977. Em 1993, doutorou-se com tese subordinada ao tema Literatura Tradicional Malaia. Lecionou nas Universidades de Sains Malaysia, em Penang, da Indonésia, em Depok, e do Porto. É actualmente Professor Convidado do DEA do ILCH da Universidade do Minho, Braga, onde assume as unidades curriculares de História e Cultura Chinesa I e II.

Timothy Wright

Nascido em Otley, Yorkshire, Reino Unido, é doutorado pela Universidade de Cambridge. Lecionou na Universidade de Murdoch e na Universidade de Sheffield, onde é actualmente Professor Emérito e onde assumiu a presidência do Instituto de Estudos da Àsia Oriental. Assumiu ainda os cargos de Tesoureiro(1993-1997) e Presidente(1997-1999) da Associação Austrliana de Estudos Chineses, Presidente(2002-2004) do Comité de Universidade Chinesas em Londres e Vice-Presidente(2006-2008) da Associação Europeia de Estudos Chineses. Membro do Painel da China da Academia Britânica desde 2006, assume o cargo de presidente deste 2010 do mesmo painel. Foi ainda Presidente(2008) da Associação Britânica de Estudos Chineses.⁸⁶

Manuel Rosa Gonçalves Gama

Nascido na Freguesia de Freixianda, Portugal. Grau de Mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea, pela Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa, no ano de 1985. Grau de Doutoramento em Filosofia (especialidade de História da Filosofia e Cultura Portuguesas), pela Universidade do Minho, em 1993. Presidente do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, entre 2000-2004. Professor e orientador de Mestrado em Estudos Internacionais Português/Chinês, no Instituto de Letras e Ciências Humanas

⁸⁶ Bibliografia: «A Herança de Confúcio-Dez ensaios sobre a China», organização Sun Lam, Edições HÚMUS.

da Universidade do Minho.

Micaela Ramon

Nascido na Braga. Doutorada em Ciências da Literatura, Área de Especialização de Literatura Portuguesa na Universidade do Minho em 2007, Mestre em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas na Universidade do Minho em 1997. Principais áreas científicas de investigação, Literatura portuguesa, Português língua não materna: português língua estrangeira e português língua segunda, Ensino das línguas e das literaturas. Coordenadora dos Cursos de Português Língua Estrangeira (2009-Presente). Representante do Instituto de Letras e Ciências Humanas no Grupo de Trabalho para a Divulgação da Língua e da Cultura Portuguesas na China, coordenado pela Fundação Gulbenkian. Professora e orientador de Mestrado em Estudos Internacionais Português/Chinês, no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

Anabela Leal de Barros

Doutorou-se em Linguística Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2008, sendo Mestre em Linguística Histórica, Linguística Românica e Crítica Textual pela mesma instituição (2000). Desenvolve os seus trabalhos de investigação e lecionação essencialmente no âmbito da Linguística Histórica, da História da Língua Portuguesa, da Filologia e Ecdótica e da Gramática Aplicada. Professora Auxiliar no Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade do Minho e investigadora do Centro de Estudos Humanísticos. Professora e orientador de Mestrado em Estudos Internacionais Português/Chinês, no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

Pedro A. Vieira

Licenciado em Relações Internacionais – Económicas e Políticas pela UMinho, pós-graduado em Estudos Europeus pela Universidade de Coimbra e MBA com especialização em Marketing, pela PBS - Porto Business School (a escola de

negócios da Universidade do Porto). É fundador da Market Access, uma empresa de consultoria em negócio internacional, presente em mais de 20 mercados, um dos quais a China. Foi colaborador do Icep Portugal (agora Aicep), em Portugal e na delegação em Tóquio e acompanhou a definição e a implementação de estratégias de internacionalização de empresas portuguesas e estrangeiras em diversas partes do globo. Foi consultor na área da Inovação e jornalista na área económica. Lecciona Comunicação em Contexto Internacional na PBS e colabora nas disciplinas dedicadas ao empreendedorismo na Licenciatura em Línguas e Culturas Orientais e no Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês do DEA do ILCH da UMinho.

Bruna Peixoto

Natural de Braga, é atualmente doutoranda do Departamento de Estudos Asiáticos do Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH) da Universidade do Minho e Mestre em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial pela mesma Universidade. Iniciou os seus estudos de Chinês em 2004, em sede de Licenciatura em Línguas Estrangeiras Aplicadas, tendo permanecido na China por longos períodos de estudo. É docente do Instituto Confúcio da UM no Curso de Chinês Turístico e Comercial (Nível I) e leitora no Departamento de Estudos Asiáticos do ILCH da Universidade do Minho. Está de momento a avançar com doutoramento sob a orientação da professora doutora Sun Lam, com o título *Inteligências Múltiplas e Aprendizagem de Chinês Língua Estrangeira: Novas Metodologias*.

Andrea Portelinha

Licenciada em Línguas e Culturas Orientais (2009) e Mestre em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial (2012) pela Universidade do Minho, estagiou durante o primeiro semestre do seu 1º ano de mestrado em Tianjin, China, e durante o segundo ano no Instituto Confúcio da Universidade do Minho. Frequentou o Curso de Formação de “Ensino de Chinês

Língua Estrangeira” e o Curso de Formação de “Língua e Cultura Chinesas”, em 2011, na *East China Normal University*, em Shanghai. Frequentou ainda o Curso de Formação de “Materiais Didáticos de Chinês”, organizado pelo Instituto Confúcio da Universidade do Minho, também em 2011. Atualmente, é docente do Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas deste Instituto, professora de chinês no Colégio Luso-Internacional de Braga e Colégio D. Diogo Sousa, Braga, e Técnica Superior do Instituto Confúcio da UM, colaborando e dando apoio logístico, administrativo e cultural a toda a atividade deste, bem como do Departamento de Estudos Asiáticos da UMinho.

Rui Silva

Licenciado em Línguas e Culturas Orientais (2011), pela Universidade do Minho, e Mestre em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, da mesma universidade. Frequentou o Curso de Formação de “Língua e Cultura Chinesas”, em 2011, na *East China Normal University*, em Shanghai, e o Curso de Formação de "Ensino de Mandarim a Nível Universitário", na Universidade de Pequim. Encontra-se actualmente a desenvolver investigação em sede de doutoramento sob a orientação da professora doutora Sun Lam, com o suinte tema: *Revisitar a História do Diálogo Sino-Português: a Influência Chinesa na Cultura Portuguesa do Chá - Produção, Utilização e Efeitos Socioeconómicos*.

Emília Dias

Licenciada em Estudos Orientais e Mestre em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial pela Universidade do Minho, estagiou durante o primeiro semestre do seu 4º ano de licenciatura em Tianjin, China, e durante o segundo semestre no Instituto Confúcio da Universidade do Minho. Frequentou um Curso de Especialização do método multimédia *Great Wall Chinese*, em Maio de 2009, e o Curso de Formação

Pedagógica para Professores Estrangeiros de Língua Chinesa, organizados pelo Instituto Confúcio Central, em Beijing, e pela Universidade Normal da China Oriental, em Shanghai. Actualmente, é a responsável pela coordenação do ensino de Chinês nas Escolas (CLIP, CLIB e Colégio D. Diogo Sousa).

Anexo V.

Breve entrevista com a Professora Sun Lam

1. Quando se criou o primeiro Curso Livre de Língua Cultura Chinesas, em 1990, que dificuldades teve a Professora nesse período inicial?

Não penso que me possa lembrar de quaisquer dificuldades específicas. Na altura tinha chagado a Portugal havia relativamente pouco tempo. O meu português ainda era frágil e não tinha experiência profissional no campo do ensino. Tinha vindo de Macau para a frequência de um curso de mestrado no âmbito da Literatura Comparada. Na altura, o Presidente do Instituto de Letras e Ciências Humanas, saudoso Professor Azevedo Ferreira, desafiou-me para iniciar um Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas. Aceitei e foi compensada com um enorme sucesso. Logo no primeiro ano surgiram quase uma centena de candidatos, o que obrigou a um desdobramento de turmas. Talvez essa primeira experiência tão bem sucedida, somando o enorme afecto que recebi por parte dos alunos e a sua intensa curiosidade e desejo de conhecer as minhas língua e cultura, bem como o meu país, tivessem constituído o ponto de partida para todo o resto da minha vida e vocação profissionais até ao dia de hoje.

Acrescentaria apenas um dado fundamental de ordem didáctica do qual nunca abdiquei, e que, de resto, foi o principal *leitmotif* da minha posterior tese de doutoramento, a saber, a importância do carácter chinês “汉字”.

2. Há cada vez mais portugueses a solicitar informações sobre o(s) curso(s) de chinês na Universidade do Minho. Como interpreta a

professora este fenómeno? Qual a sua opinião sobre os Estudos Chineses em outras universidades e organizações não universitárias?

Esta tua pergunta desdobra-se em duas. Preferiria começar pela última. Não gostaria de me pronunciar sobre o que se faz atualmente em Portugal no âmbito dos Estudos Chineses. Resta-me apenas referir a, e congratular-me com, o rápido crescimento da oferta verificada nas últimas duas décadas, sendo porém que, compreensivelmente, a sua qualidade e o seu aprofundamento não são homogéneos. Quanto a esta pergunta, devo dizer ainda que, através da leitura deste teu trabalho, aprendi muitos factos e recolhi muita informação que não tinha, pelo menos com este detalhe.

Mas também constato que, em certa medida, confirmei aquilo que já pensava. Sem prejuízo de afirmar a muito interessante expansão ressentida dos Estudos Chineses em Portugal, me parecer haver ainda um certo défice de ensino e aprendizagem das suas língua e escrita.

Quanto ao início da tua pergunta, penso que há um *mix* interessante de factores que ajuda a compreender este fenómeno de rápido crescimento da procura nesta área. Apenas a título de exemplo enumeraria alguns fatores, tais como: o vertiginoso crescimento económico e político da China, oportunidades crescentes de negócio e ao nível de mercado de trabalho, o fenómeno Macau (curiosamente mais ativo e influente após a transferência da sua administração para Beijing), uma certa cinofilia em alta (embora, a meu ver e felizmente, razoavelmente criteriosa), um longo trabalho aturado e direccionado por parte da Fundação Oriente, etc.

3. *Comparando os Estudos Chineses em Portugal com outros países europeus, por exemplo, França, o que entende que há a melhorar?*

Tudo. Os Estudos Chineses em Portugal, comparados com a grande maioria dos países europeus, estarão talvez ao nível da instrução primária, passe a ironia. Todavia, como já foi referido antes, Portugal está a dar passos de gigante nesta área. É com gosto e um saudável orgulho que afirmo que as equipas (docentes, estagiários e alunos) dos Departamento de Estudos Asiáticos e Instituto Confúcio, ambos da Universidade do Minho, deram, dão e darão um decisivo contributo para tal.

4. *O Instituto Confúcio da Universidade do Minho foi instalado em 2006. A professora podia dar a sua opinião sobre os objectivos e a estratégia deste Instituto, passado, presente e futuro?*

A resposta a essa pergunta está bastante completa *online*. Porém, apontava apenas algumas notas mais pessoais, a saber.

O Instituto Confúcio da Universidade do Minho conta-se entre os 40 pioneiros a nível global, num universo atual de perto de quatro centenas. Ao longo destes anos de arranque e desenvolvimento das suas actividades, temos verificado uma progressiva e saudável interacção entre o Instituto e o DEA, facto que se tem revelado altamente estratégico.

Os objetivos do nosso Instituto Confúcio têm tido, a muitos níveis, ultrapassado expectativas e planeamentos, o que reflete uma dinâmica que não se prevê possa sofrer qualquer quebra no futuro. Claro que para tal, seja ao nível do Instituto Confúcio, seja ao nível do DEA, que, como se sabe e já foi repetidamente referido, se interligam indissociavelmente, terá que se verificar uma estabilidade

institucional que, em caso de disfunção poderá prejudicar toda uma dinâmica já em curso.

5. *Podia dar-nos alguma informação e opinião sobre a Conferência da EACS (European Association for Chinese Studies), que se realizará em Julho, organizada pelas Universidades do Minho e de Coimbra?*

Considero que a organização da XX Conferência da Associação Europeia de Estudos Chineses assumida pela Universidade do Minho (em colaboração com a Universidade de Coimbra) significa um marco decisivo para a firmação de uma nova “Escola de Sinologia Portuguesa”.

Isto significa que, se o trabalho desenvolvido pelo Instituto Confúcio e o DEA continuarem a merecer os necessários apoios e estabilidade institucionais, o futuro dos Estudos Chineses e da já referida “Nova Sinologia Portuguesa” será promissório. Não haja percalços desnecessários de permeio.

6. *Podia falar sobre o futuro, ou visão prospetiva, sobre os Estudos Chineses em Portugal e, sobretudo, na Universidade do Minho?*

Penso que a resposta a esta última pergunta não poderá deixar de ser, em certa medida, uma conclusão a toda esta nossa conversa, sendo que assim tentarei responder muito sintética e conclusivamente.

Os Estudos Chineses em Portugal difícil e indesejavelmente regredirão a um nível quase indigente, como se verificou ao longo de séculos. Verifica-se actualmente uma dinâmica, massa crítica, procura, capacidade de oferta que,

salvo qualquer inesperada alteração radical de cenários, não permitirá a qualquer alteração de previsões. A actual dinâmica de crescimento e aprofundamento dos Estudos Chineses neste país tem todas as condições para prosseguir. O que me preocupará terá a haver, já não com números, mas sim com qualidade. Sendo que não me compete ajuizar sobre tudo quando se vai fazendo nesta área, resta-me afirmar o compromisso de que, se nos forem continuadas as condições institucionais para tanto, este desiderato será cabalmente cumprido.